



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LEANDRA BENTO DA SILVA

**Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da
Menina em Patos (PB).**

Campina Grande – PB, Junho de 2012.

Leandra Bento da Silva

Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB).

Dissertação para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Campina Grande-PB, sob a orientação da professora Dra. Mércia Rejane Rangel Batista.

Campina Grande, PB – Junho de 2012.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586t Silva, Leandra Bento da.
Tensões e disputas em torno da devoção "popular" : a cruz da
menina em Patos (PB) / Leandra Bento da Silva. – 2012.
134 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

"Orientação: Profa. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista"

Referências.

1. Igreja Católica. 2. Devoção Popular. 3. Disputas.
I. Batista, Mércia Rejane Rangel. II. Título.

CDU 272(043)

Leandra Bento da Silva

Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB).

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, para obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Mércia Rejane Rangel Batista
(Orientadora)

Magnólia Gibson Cabral da Silva
(Examinadora)

Maria da Conceição M. Cardoso Van Oosterhout
(Examinadora)

Campina Grande, PB – Junho de 2012.

*À minha mãe, Maria de Lourdes
Ao meu pai, Luiz Carlos
Aos meus irmãos, Luana e Ewertom
Ao meu noivo João Bernardo.*

AGRADECIMENTO

Encerra-se mais uma etapa em minha vida com a qual sonhei desde quando iniciei o curso de ciências sociais. É chegado o momento de olhar para trás, agradecer a Deus e a todos que me cercam por terem contribuído para que eu chegasse às considerações finais desse trabalho, que não tecem apenas considerações sobre a devoção à Santa Francisca, mas demonstra quais os caminhos que percorri e quem foram as pessoas generosas que compartilharam de etapas nessa caminhada.

Assim, agradeço aos meus pais, Lourdes e Luiz, por ser este porto seguro em cada desafio.

Aos meus irmãos Luana e Ewerton por depositarem em mim a confiança de que realizaria um ótimo trabalho de mestrado.

Ao meu noivo por todos estes anos de companheirismo, que se demonstraram ao ler comigo os diferentes textos que não estavam nos seus planos nos fins de tarde de domingo.

Aos meus amigos por compreenderem minhas ausências na ânsia de desenvolver um bom curso e concluir com êxito o meu texto dissertativo.

Às minhas amigas Cyntia, Vanessa e Isabelle as quais sempre me esforcei e me esforço para retribuir o que a companhia delas me proporciona.

Aos meus colegas de mestrado que compunham a turma do período 2010 por compartilhar diversos momentos de aprendizagem.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFCG. A professora Ramonildes Gomes e a Ronaldo Sales, atuais coordenadores do programa. E aos professores que com suas aulas, no seu labor diário, me ajudaram a enveredar cada vez mais pelos conhecimentos proporcionados pelas ciências sociais, entre eles, Gabriel Corrêa, Mércia Batista, Gonzalo Rojas, Ronaldo Sales, Magnólia Gibson, Lemuel Guerra, Márcio Caniello, Marilda Menezes e Celso Gestermeier.

Agradeço também ao secretário do Programa, Rinaldo e a Daniele que sempre me atendem com muita gentileza, demonstrando o cuidado que dedicam ao prestar serviços ao alunado.

À minha orientadora Mércia Rejane R. Batista quem admiro e por quem tenho muito carinho, que esteve presente me acompanhando desde a graduação, e que mais uma vez se disponibilizou a me orientar na elaboração deste texto dissertativo, em um exercício que ultrapassa a orientação teórico-metodológica, sempre me impulsionando com palavras de incentivo.

Agradeço à Maria da Conceição Van Oosterhout, mais conhecida como professora Lola, a qual me acompanhou gentilmente no período que fui bolsista Reuni, no interessante e formador exercício de lecionar na graduação e quem enriqueceu as arguições dos meus exames intermediários, contribuindo, significativamente para a elaboração do texto final. E quem prontamente aceitou compor a minha banca de avaliação.

À professora Magnólia Gibson que de maneira sempre bem humorada e firme se dispôs a acompanhar e a ajudar a lapidar o meu trabalho sobre a devoção à Santa Francisca desde a produção monográfica, trazendo significativas contribuições. E agora gentilmente mais uma vez compõe a minha banca de avaliação. A ela, o meu muito obrigada!

À dona Socorro que sempre carinhosamente me recebeu em sua casa e no seio da sua família no município de Patos- PB.

À Fabiana, minha amiga, e as meninas Valéria e Gabí da Comunidade Shalom que me receberam em seu apartamento, me auxiliando também na minha estada em Patos.

E a todos os meus interlocutores que me cederam gentilmente um tempo do seu dia. Numa demonstração que a construção de um saber não implica no apagamento da dimensão humana. Ao contrário, ao tratarmos de devoção devemos está cientes de que é no calor e no humano que a fé se faz.

RESUMO

Historicamente, as relações das devoções populares e a Igreja oficial no catolicismo brasileiro têm sido permeadas por tensões e disputas, em virtude da Igreja oficial ter como objetivo manter sua hegemonia no campo religioso. A devoção popular em muitos momentos se coloca como uma ameaça, mesmo pertencendo ao catolicismo e se apropriando de elementos da própria Igreja oficial, ela possui sua lógica e dinâmica própria, a qual o clero católico não possui controle. Neste sentido, no universo devocional de Patos (PB), na devoção a menina/santa Francisca, objetivamos apreender de maneira delimitada essa relação que se apresenta no cenário nacional e assim, realizar uma abordagem na qual privilegiaremos as vozes dos nossos interlocutores, este que em suas práticas, a partir de uma memória mítica, vem atualizando a devoção. Segundo as narrativas míticas a devoção é criada em torno de 1923, destacando-se entre os motivos que leva a população eleger Francisca santa, os milagres realizados por ela, o fato da menina ter sido brutalmente assassinada e por o casal apontado como assassino não ter sido condenado por ser apadrinhado pelo coronel da época. Estas tensões constituem a sua própria existência, a massa popular pertencente ao universo do catolicismo continua indo a missa e, sobretudo, a realizar promessas e orações frente à imagem de santa Francisca, a acender as suas velas e deixar os seus ex-votos, etc. Não há uma polarização aparente e demarcada entre popular e oficial, há um jogo de distanciamentos e aproximações que confere vida e movimento ao Parque. A devoção é viva.

Palavras chaves: Igreja Católica, devoção popular, disputas.

ABSTRACT

Historically, the relationship between popular devotions and the official Catholic Church in Brazil have been permeated by tensions and disputes, due to the official Church aims to maintain its hegemony in the religious field. Popular devotion many times has been faced as a threat, although it is considered part of Catholicism and elements of official Church have been used by it, the devotion has its own logic and dynamism, which the Catholic clergy has no control. In this sense, taking into consideration the devotional universe from Patos (PB), devotion to the girl / Santa Francisca, it is aimed to analyze this relationship that is presented on the national scene and thus to make an approach that will privilege the voices of the interlocutors who from a mythic memory have been updating the devotion. According to the mythic narratives the devotion to the girl was created around 1923, among the reasons that made people consider Francisca a saint, we can highlight the miracles performed by her and the fact that she was brutally murdered also that the couple who were named as her killers had not been sentenced for being protected by a colonel of the time. These tensions are part of its own existence, the masses belonging to the universe of Catholicism still go to Mass and, nonetheless, make promises and prayers before the image of St. Francisca, light their candles and let their ex-votes, etc.. There is not an apparent marked polarization between popular and official, there is a set of distances and approaches that give life and movement to the Park. Devotion is alive.

Keywords: Catholic Church, popular devotion, disputes.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Localização do Estado da Paraíba.....	32
FIGURA 2 - Localização da cidade de Patos.....	33
FIGURA 3- Missa de pentecoste.....	38
FIGURA 4 - Casas da Vila Mariana.....	66
FIGURA 5 - Parque Turístico Religioso Cruz da Menina.....	79
FIGURA 6 - Setas informativas do Parque	79
FIGURA 7 - Boxes do Parque Turístico Religioso Cruz da Menina.....	80
FIGURA 8 - Devota na sala de velas.....	81
FIGURA 9 - Devota acendendo vela embaixo da árvore.....	82
FIGURA 10 - Sala dos milagres.....	82
FIGURA 11 – Capela da Menina Francisca.....	85
FIGURA 12 - Imagem da Menina Francisca.....	85
FIGURA 13 - Imagem de Nossa Senhora.....	86
FIGURA 14 - igreja Nossa Senhora das Dores.....	88

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Metodologia.....	16
1. Capítulo I: De Menina a Santa: Francisca, símbolo da condição e consagração dos pobres.....	32
1.1. Uma devoção no sertão paraibano.....	32
1.2. De Menina a Santa: O mito da Menina Francisca.....	35
1.2.1. O mito da Menina Francisca.....	39
1.2.2. A História Mítica e a Realidade.....	50
1.2.3. De Menina a Santa.....	57
2. Capítulo II: Devoção à Santa Francisca.....	64
2.1. De Sítio Trapiá a Vila Mariana: Cruz, Capela e Parque.....	65
2.2. A devoção.....	67
2.3. A construção do parque e de novos sentidos.....	78
3. Capítulo III: Igreja Católica e a devoção a Santa Francisca.....	89
3.1. A devoção a Santa Francisca e os moradores de Patos.....	108
Considerações Finais	122
Referência Bibliográfica.....	124
Anexos.....	127

INTRODUÇÃO

Estudar um fenômeno religioso é um tema de apelo antigo nas Ciências Sociais. O próprio nascimento da sociologia, por exemplo, se coaduna com a análise do religioso e essa análise ocupa um lugar não pequeno no conjunto de sua obra que possui como foco principal pesquisar sobre a emergência da sociedade dita moderna.

A religião foi desde a origem do pensamento sociológico inseparável da questão do objeto da ciência social como tal, tendo em vista que os primeiros teóricos, entre os quais podemos citar Augusto Comte (1798-1857), haviam atribuído à disciplina nascente uma grande ambição: a de estabelecer as leis e as regularidades que regem a vida em sociedade. Esses teóricos objetivavam empreender uma abordagem crítica e sistemática das interpretações que os atores sociais dão dos seus atos e das situações que vivem. O que se chocava diretamente com a religião, pois essas interpretações tinham base religiosa, uma vez que a religião é um modo de construção social da realidade, um sistema de referência ao qual os atores recorrem, a fim de pensar o universo em que vivem. (HEVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 10-11).

Diversos autores considerados clássicos estudaram o fenômeno religioso, dentre os quais, podemos citar Max Weber (1864-1920) e Augusto Comte (1798-1857). Tais autores se colocaram em um empreendimento de desconstrução racional das totalizações religiosas do mundo, ou seja, o tema da religião permeou as suas reflexões. (HEVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 12). A partir da contribuição dos diferentes clássicos, nos fica o desafio de realizar uma análise crítica da religião, fazendo surgir uma nova abordagem, com novas potencialidades, dentro de um novo contexto de descobertas científicas e de acordo com o nosso universo de análise.

O catolicismo é a religião que se faz presente desde o início da colonização das terras brasileiras. E no seu interior, os diferentes estudiosos apontam para a existência de forças distintas e muitas vezes antagonismos. O catolicismo no Brasil é marcado por uma diversidade de formas de apreensão do sagrado. Podemos, para efeito de classificação, dizer que existe um catolicismo “santorial”, das devoções populares, um catolicismo “erudito ou

oficial”, um catolicismo dos “reafiliados”, marcado pela inserção num regime de forte intensidade religiosa (CEBs, RCC¹) e um emergencial, “catolicismo midiático”. (TEIXEIRA, 2005, p.17).

Debruçamo-nos sobre o fenômeno que se traduz num efeito do chamado catolicismo “santorial”, o qual possui como característica central a devoção aos santos, “que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários” (Ibidem). Esse catolicismo das devoções populares mantém uma relativa autonomia com relação ao catolicismo oficial. No catolicismo “santorial”, os santos não são canonizados.

A Igreja Católica no Brasil, ao longo da sua história, e em diversos momentos, combateu estas devoções populares que colocam em segundo plano a assessoria do clero e, por conseguinte, do papa, percebendo como sendo fundamental se contrapor a estas, como forma de manter o controle sobre o campo religioso, especialmente, diante do avanço do protestantismo no Brasil, e da separação entre a Igreja e o Estado na primeira República.

Neste sentido, a Igreja realiza modificações em suas diretrizes, objetivando garantir sua hegemonia, instaurando um processo denominado por estudiosos como *romanização*², através do qual ocorrem transformações seminaristas de acordo com os padrões romanos, que visam entre outras ações combater as devoções populares.

Modificações que se mostraram e se mostram pouco eficaz diante da contínua reelaboração das diferentes devoções espalhadas pelo Brasil. Constata-se, mesmo com o processo de romanização, a permanência e resistência das devoções populares, evidenciando a força e a inserção de um contexto marcado pelo pluralismo religioso.

¹ CEBs que significa Comunidades Eclesiais de Base, e RCC que significa Renovação Carismática Católica.

² “A noção de romanização do catolicismo brasileiro foi sugerida por R. Bastide e desenvolvida por R. Delia Cava em *Miracle at Joazeiro* (1970), e por Ribeiro de Oliveira em *Religião e Dominação de Classe. Gênese, Estrutura e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil* (1985)”. (STEIL, 1996, p. 229. Apud. Ribeiro de Oliveira, 1985, p. 279-296). Processo que busca o controle dos leigos e suas associações e a adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes de Roma. Monteiro (1978) aponta o denominado processo de romanização: “No Brasil, o conflito entre a hierarquia da Igreja e a monarquia – conhecido como “Questão religiosa” (1978) – e a **romanização**, situa-se dentro desse quadro internacional e correspondem à preocupação de reforçar a Igreja contra os avanços das ideias republicanas, da maçonaria, do positivismo e do protestantismo”. (MONTEIRO, 1978:45).

Os devotos incorporam em suas práticas traços da romanização, criando novas formas de se relacionar com a devoção. E diante dessa criatividade presente na devoção popular a Igreja Católica romanizada também busca se adaptar às devoções populares, para não perder os seus fiéis.

Assim, voltamos o nosso olhar para a devoção popular, para o fenômeno nominado como “A Cruz da Menina”, indicando aí a percepção da existência do milagre da Menina/Santa³ Francisca que acontece no município de Patos, localizado no sertão paraibano, desde o ano de 1923, no local onde foi encontrado o corpo de Francisca, no sítio Trapiá. E que vem resistindo até os dias de hoje através da fé e criatividade dos devotos.

Segunda a narrativa, a Menina, supostamente, teria morrido vítima de violência física cometida por Domila e Absalão, seus padrinhos e/ou patrões. A morte foi brevemente investigada em 1923, ocorrendo o arquivamento do processo e o mesmo foi reaberto em 1932, em um contexto no qual a menina já era considerada santa. Assim, a polícia teria chamado a população da época para depor e esta acusa como sendo os responsáveis pela morte de Francisca os seus próprios padrinhos, Absalão e Domila. Porém, mesmo com todas as acusações, a justiça após três julgamentos anuncia como veredicto final, que o casal seria inocente. Segundo o mito⁴ da Menina Francisca, a justiça não teria condenado o casal por ter sido este apadrinhado pelo coronel da época, Miguel Sátyro, ocorrendo, portanto, uma injustiça social.

Segundo algumas versões do mito, a capela dedicada a Santa Francisca teria sido construída em virtude de uma promessa. Em uma das versões, ouvimos que em um período de forte seca um agricultor que sofria, teria pedido a Menina que como milagre fizesse jorrar água para alimentar a sua família e seu gado, então começou a cavar ao pé da cruz, colocada onde foi encontrado o corpo da menina, e o milagre teria acontecido. Assim, em agradecimento e devoção, teria construído a capela em 1929.

Observando a devoção, podemos identificar relações estabelecidas não exclusivamente no campo da religiosidade, mas também no da economia, da

³ Referimo-nos a Menina Francisca como Santa, pois, embora ela não seja considerada Santa pela Igreja Católica oficial, ela o é pelo povo.

⁴ Compreendemos mito como sendo uma “história verdadeira” nos termos de Mircea Eliade (1991).

política, entre outros. Entendemos a devoção e a manutenção dela como um “fato social total” como diz Marcel Mauss (2003⁵):

Os fatos que estudamos são todos, permita-se-nos a expressão, fatos sociais *totais*, ou, se quiser – porém gostamos menos da palavra – gerais; isto é, põem em movimento, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições (potlatch, clãs enfrentados, tribos que se visitam, etc.) e, em outros casos, somente um grande número de instituições, em particular quando essas trocas e contratos dizem respeito de preferência ao indivíduo. Todos esses fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos e mesmo estéticos, morfológicos, etc (MAUSS, 2003, p. 309. Grifos do autor).

Reconhece Ivontonio Viana (2000), ao também estudar o fenômeno da Cruz da Menina que este é complexo, sendo impossível de ser abordado na sua totalidade. Escreve: “*Sendo assim, podemos afirmar que Política, Justiça, Medicina Legal e Religiosidade, são algumas das possíveis arestas presentes em torno da história da Cruz da Menina*”. (VIANA, 2000, p. 213).

Diante deste rico universo problematizaremos a tensão entre a “Igreja oficial” romanizada atuante em Patos e a devoção popular à Santa Francisca, se configurando como um desdobramento da pesquisa realizada para a produção monográfica. Tendo em vista que dissertaremos sobre uma devoção popular que possui a sua especificidade dentre as realizadas no Brasil, assim buscaremos dar conta de suas especificidades dentro do recorte por nós elegido.

Destarte, como resultado de nossa abordagem, na qual privilegiamos as vozes dos moradores de Patos dissertaremos em três capítulos. No primeiro momento do nosso texto, ou seja, no primeiro capítulo, discutiremos sobre o mito da Menina Francisca, tendo em vista que a partir das diferentes versões narradas por nossos interlocutores, revistas, livros e jornais da cidade de Patos poderemos problematizar o surgimento da devoção, ou melhor, a consagração de Francisca como santa e a instituição do local onde teria sido colocado o corpo de Francisca como um local do sagrado.

⁵ Esta data se refere à publicação realizada pela editora Cosac Naify em São Paulo.

No segundo capítulo dissertaremos sobre a apropriação e atualização da memória mítica sobre Francisca, ao problematizar como ocorre a devoção e as suas transformações. E finalmente, no terceiro e último capítulo privilegiaremos a tensão existente entre a Igreja Católica e a devoção a Santa Francisca, tendo em vista que esta tensão não é própria apenas de Patos-PB, mas do catolicismo brasileiro em geral.

Desvendar sentidos ocultos e explicar relações desconhecidas (CARDOSO, 1986, p. 103).

METODOLOGIA

Este estudo foi construído desde a graduação em Ciências Sociais para a produção do texto monográfico, exercício obrigatório para a conclusão de curso. Resolvemos estudar religião, não por uma escolha somente objetiva, tal escolha é também resultado de nossa trajetória de vida. O que se destaca em nossa vida e perpassa as nossas escolhas é o fato de sermos adeptos da Igreja Católica, engajados em pastorais. O que acreditamos importante deixa claro para o leitor já nas primeiras linhas, por compreender a necessidade de vigiar nossas subjetividades, conforme ressalta Pierre Bourdieu (2010):

O sociólogo tem um objeto a conhecer, o mundo social, de que ele próprio é produto e, deste modo, há todas as possibilidades de os problemas que põe a si mesmo acerca deste mundo, os conceitos (...) sejam produtos desse mesmo objecto. (...). Como pode o sociólogo efectuar na prática a dúvida radical a qual é necessária para pôr em suspenso todos os pressupostos inerentes o facto de ele ser um ser social, portanto, socializado e levado assim a sentir-se como peixe na água no seio desse mundo social cujas estruturas interiorizou? (BOURDIEU, 2010, p. 35-36).

No âmbito acadêmico essa escolha se desenha a partir dos estudos realizados na disciplina Antropologia Social II, cuja ementa se dedica ao estudo da religião e da política, ministrada pela professora Mércia R. R. Batista, e a partir da elaboração de artigos também sobre religião. Tivemos a enriquecedora oportunidade de ser uma integrante do PET (Programa de Ensino Tutorial) em Antropologia, no qual sempre que havia oportunidade trabalhávamos também com o referido tema.

O nosso percurso acadêmico, associado a nossa trajetória de vida e, por conseguinte, à nossa inserção na prática religiosa, diz muito sobre a escolha

do nosso objeto de estudo. Nós sujeitos-pesquisadores estamos o tempo todo em tensão entre valores e razão. Saint-Pierre (1999) discute essa complexa relação entre sujeito e “objeto” presente na teoria weberiana em sua obra, *Max Weber: Entre a paixão e a razão*, escreve:

A leitura de algumas obras de Max Weber nos deixou uma impressão: a razão como um pêndulo, cujo movimento oscilante era delimitado nos seus dois extremos pela irracionalidade da valoração subjetiva. Num dos seus extremos, encontramos o sujeito cientificamente desamparado, digladiando-se com os “deuses e demônios” que habitam em sua esfera de valores. (...) A partir deste ponto, o pêndulo percorrerá o rigoroso caminho da metodologia, que tende a garantir a validade e objetividade do conhecimento científico. Levado na sua inércia o rigor do método, ele continuará pelo vacilante e discutido arco da política até o outro extremo, no qual encontramos impossibilitado de recorrer à razão, o sujeito imerso na sua esfera valorativa (SAINT- PIERRE, 1999, p.10).

Assim, Saint-Pierre ao ler a obra weberiana aponta que nem o próprio Max Weber conseguiu fugir desse dilema, ou seja, mesmo tendo problematizado em sua metodologia a importância da objetividade, suas obras estão permeadas pela subjetividade.

Max Weber (1997) observando a condição de um sujeito-pesquisador carregado de subjetividade propõe em sua metodologia o que ele chama de uma neutralidade axiológica. Weber defende que ao escolher o tema de estudo, o pesquisador está imbuído de valores e interesses subjetivos, pois afirma que é a partir da relação com os valores que o pesquisador recorta o “objeto” a ser estudado. Porém, esta influência da subjetividade, dos valores precisa ficar no âmbito pré-científico, na escolha do tema e não no desenvolvimento da pesquisa.

Na atividade científica, o cientista deve buscar se afastar dos valores para evitar os juízos de valor, pois a ciência não pode dizer o que “deve ser”, esses juízos devem ser científicos, ou seja, devem consistir em proposições de “fatos observáveis”, juízos que permitem um confronto empiricamente válido entre o que diz uma teoria e como é realmente a realidade.

Segundo Weber: *“todo indivíduo histórico está arraigado, de modo logicamente necessário, em ideias de valor (...). Disso resulta que todo o conhecimento da realidade Cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares”* (WEBER, 1997, p. 96-97. Grifos do autor). Ainda referente à escolha do objeto Weber (1997) escreve:

Não *existe qualquer* análise científica puramente “objetiva” da vida cultural, ou (...) dos “fenômenos sociais”, que seja *independente* de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 1997, p. 87. Grifos do autor).

Antônio Flávio Pierucci (1997), propõe uma reflexão provocadora ao discorrer sobre os dois aspectos que lhe preocupa, são eles: o modo de abordar cientificamente o campo religioso e o de pensar a religião numa sociedade como a brasileira, na qual as fronteiras entre religião e ciência são porosas. Recorrendo a Pierre Bourdieu, Pierucci pergunta: *“O que fazer para ficar com as vantagens e evitar as desvantagens anticientíficas do jogo duplo?”* (PIERUCCI, 1997, p. 255).

assumir bem-analisadamente a própria pertença religiosa, caso haja. Para o sociólogo da religião, esta é a única tomada de posição cientificamente consequente. Tem que assumir. Porque, quando se torna auto-reflexiva, *“a pertença pode se tornar, de obstáculo à objetivação, num adjuvante da objetivação dos limites da objetivação, contanto que ela mesma seja objetivada e controlada”*. Fazer parte do campo científico implica não abrir mão dos controles de cientificidade (PIERUCCI, 1997, p. 255. Grifos do autor).

É neste sentido, que assumimos nossa posição de pertencente e engajada em pastorais da Igreja Católica, assumindo os ricos e buscando com o aparato metodológico produzir um trabalho científico.

Destarte, escolhido a religião como temática de estudo, percebemos a necessidade de recortar esta temática, optando por estudar sobre religiosidade popular, e dentro desta, especificamente, a devoção à Santa Francisca no município de Patos-PB.

Decidimos voltar o nosso olhar a devoção a Santa Francisca, quando um parente nosso (tio) nos contou que foi ao Parque Cruz da Menina nos falando um pouco sobre a devoção, o que chamou a nossa atenção, surgindo o interesse e curiosidade de conhecer mais de perto, vislumbrado a possibilidade de elaborar um trabalho sócio - antropológico.

Uma vez resolvido o que estudar dentro do universo da religiosidade popular, temos a necessidade de colher informações que revelassem o que consistia a Cruz da Menina, como foi constituída a devoção, e como ela vem se reelaborando nos dias de hoje. Realizamos uma inicial pesquisa na internet sobre o que consistia a devoção, pesquisamos bibliografias sobre as devoções populares e especificamente sobre a devoção à Menina Francisca.

Sabíamos que antes de nos debruçar sobre um fenômeno social, para que efetivamente possamos fazer o que a academia denomina de Ciência, precisamos de uma preparação na qual o estudo de teorias e metodologias se configura de extrema importância. Através do contato com teorias, ao observar como os diferentes autores se colocaram frente aos fenômenos, ou seja, quais teorias, metodologias e técnicas utilizaram em sua apreensão da realidade, é possível compreender o que constitui o exercício de um cientista social.

Encontramos e realizamos a leitura da história da Menina Francisca e algumas devoções populares. Dentre estas devoções pesquisadas, tomamos como principal referência para as primeiras considerações a obra de Carlos Alberto Steil (1996) intitulada “O sertão das Romarias. Um estudo antropológico da romaria do Bom Jesus da Lapa – Bahia”, no qual ele faz uma análise antropológica da romaria, enfatizando a geografia do espaço como constituinte do próprio culto e as relações estabelecidas pelos romeiros, moradores da Lapa e pelo clero romanizado em torno da devoção ao Bom Jesus. Steil destaca interfaces que hoje, depois da nossa pesquisa de campo, também podemos observar na devoção a Santa Francisca. Esta referência foi de fundamental importância para chegarmos ao atual estágio de considerações, apresentados nesse exercício dissertativo. Tais conhecimentos associados a

nossa formação teórico-metodológica, adquirida durante o curso, foram nossa bagagem principal na primeira viagem a Patos, objetivando a construção deste texto dissertativo.

Construindo a problemática.

Quando decidimos estudar a devoção à Santa Francisca no município de Patos, não elaboramos um projeto de pesquisa para primeira ida a campo. Não conhecíamos quase nada da devoção e obviamente não podíamos elaborar todo um programa teórico-metodológico e buscar acomodar o mundo social por nós apreendido em um arcabouço previamente construído, sem o mínimo conhecimento do local e da devoção. Observamos inicialmente e depois elaboramos o projeto de pesquisa. Passando este por modificações à medida que a pesquisa nos revelava novas interfaces. Portanto, a nossa problemática foi sendo construída à proporção que iam sendo ouvidos e observados os nossos interlocutores.

A construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efectua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um detalhe de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos por toda uma serie de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúscula e decisiva (BOURDIEU, 2010, p. 27).

Cientes da fundamental importância do nosso aparato teórico-metodológico, compreendemos que uma vez disciplinada as faculdades do olhar e do ouvir, sob a ótica teórico-metodológica das Ciências Sociais teremos a possibilidade de desenvolver uma pesquisa e uma escrita reflexiva. Roberto Cardoso de Oliveira (1998) nos orienta quanto à necessidade de vigiar o olhar e o ouvir no nosso exercício de pesquisa:

Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras – melhor diria, três etapas – de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as – o que significa dizer: questionando-as – como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmo, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento – marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber (OLIVEIRA, 1998, p. 18).

Fomos, por conseguinte, a campo com o olhar e o ouvir atentos, buscando enxergar o que estava por trás de cada atitude, observando os contextos, e também com o sentimento de respeito, de relativismo, e conscientes de que estabelecer uma relação onde os “nativos” são considerados interlocutores pode resultar em interações menos ilusórias. Como mostra Roberto Cardoso: *“Ao passo que transformando esse informante em interlocutor, uma nova modalidade de relacionamento pode – e deve – ter lugar”* (OLIVEIRA, 1998, p. 23). Pierre Bourdieu é ainda mais incisivo:

Sem dúvida, pode-se e deve-se coletar os mais irrealis discursos, mas com a condição de ver neles, não a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado. Sempre que acredita eludir a tarefa de construir os fatos em função de uma problemática teórica, o sociólogo submete-se a uma construção que se ignora e que ele ignora como tal, coletando no máximo discursos fictícios forjados pelos sujeitos para enfrentarem a situação de pesquisa e responderem a questões artificiais, ou ainda, ao artifício por excelência da ausência de questão (BOURDIEU, 1999, p. 49-50).

Em nossa pesquisa de campo estávamos, portanto, também cientes de que os nossos interlocutores são seres sociais que se relacionam e possuem posições dentro do campo social, da mesma maneira que nós pesquisadores. *“Sua presença, como de qualquer pesquisador, cria um novo campo de*

relações ou um espaço público que devem ser, eles mesmos, objeto de reflexão porque históricos datados e marcados pela alteridade". (ZALUAR, 1986, p. 113). O que, como nos atenta Geertz, evidencia as limitações de interpretação: "Ao meu ver, o etnólogo não percebe - principalmente não é capaz de perceber - aquilo que seus informantes percebem" (GEERTZ, 2001, p. 89).

Sabendo do nosso lugar na pesquisa, realizamos um trabalho onde buscamos objetivar o nosso envolvimento. Para nós, a devoção à menina/santa Francisca era um universo novo, embora, como já afirmamos, o universo Católico fosse de certa maneira familiar. Na mesma proporção que a devoção a nós era exótica o catolicismo oficial não era. O que exigiu um rigoroso exercício de se aproximar do universo devocional a Santa Francisca e de ao mesmo distanciar-se do universo Católico.

Na mesma medida que tentávamos nos aproximar da devoção, compreendíamos a necessidade de nos distanciarmos, sabíamos que esse jogo de aproximação e distanciamento se fazia imprescindível na busca de desvendar sentido ocultos e explicar relações desconhecidas (CARDOSO, 1986, p. 103). Entendendo também que: "A prática da pesquisa que precisa este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam a primeira oferece a medida das coisas" (CARDOSO, 1986, p. 103).

Gilberto Velho também problematiza este jogo de aproximação e distanciamento, acentuando que, o que para nós é familiar pode não ser conhecido. É assim que compreendemos o fato de sermos engajados na Igreja Católica, este consiste em um universo familiar, porém não conhecido:

Assim, volto ao problema de Da Matta, para sugerir certas complicações. O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridade exotismos como fontes de *conhecimento* ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1981, p. 126. Grifos do autor.).

Neste sentido, à medida que os dados relevantes foram surgindo, segundo o nosso olhar⁶, construímos a nossa problemática, que foi ganhando vida e forma com a contribuição das teorias que julgávamos se aproximar da abordagem que acreditávamos conferir realidade e cientificidade aos dados apreendidos. Tendo sempre o cuidado para não deixar a teoria enviesar a “realidade”. Bourdieu problematiza esta questão:

A objectivação da relação do sociólogo com o seu objecto é, como se vê bem neste caso, **a condição da ruptura com a propensão para investir no objecto**, que está sem dúvida na origem do seu interesse pelo objecto. É preciso de certo modo, **ter-se renunciado à tentação de se servir da ciência para intervir no objecto**, para se estar em estado de operar uma objectivação que não seja simples visão redutora e parcial que se pode ter, no interior do jogo, de outro jogador, mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele (*BOURDIEU, 2010, p. 58. Grifo nosso*).

A entrada no campo se configura como um desafio marcado por medos, e ao mesmo tempo ansiedades para conhecer o “outro”. Chegando a Patos, gostamos da cidade, e dos seus moradores, que se demonstraram bem acolhedores. Quem nos recebeu foi Dona Socorro (Côca), indicada pela professora Ramonildes Gomes, atual coordenadora na nossa pós-graduação, que nos recebeu e nos ajudou na hospedagem na cidade. Dona Socorro se configurou como uma interlocutora que abriu muitas portas de diálogos, tanto com moradores antigos de Patos, como com padres e freiras, pois ela é natural da cidade e católica engajada em pastorais. Somos gratas a ela por toda contribuição e incentivo durante todo o período que estivemos em Patos e pelo carinho e amizade construída.

Em nossa primeira visita a Patos tínhamos como objetivo apenas conhecer a devoção, realizar uma primeira observação. Ao chegar ao Parque achamos que a devoção possuía uma boa estrutura física, embora tenha observado que precisava de reparos. Estávamos em um território distinto do

⁶ Esclarece Pierre Bourdieu (2010) quanto ao cientista: Evidentemente, a liberdade extrema que eu emprego, e que me parece ser de bom senso tem como contrapartida uma extrema vigilância das condições de utilização das técnicas, da sua adequação ao problema posto e às condições do seu emprego. (*BOURDIEU, 2010, p. 26*).

nosso, não conhecíamos nada, nem ninguém, não tínhamos idéia de que tal devoção possuía tantas interfaces com a sociedade patoense a qual conseguimos observar hoje.

Na primeira visita, fotografamos as ruas principais da cidade, as igrejas, cada espaço e visitantes do Parque Turístico Religioso Cruz da Menina, conversamos com alguns vendedores do Parque e com alguns romeiros, indagando, mormente, sobre a história da Menina, deixando as pessoas narrarem livremente.

Já nos defrontamos com um duplo problema, que estão inextricavelmente interligados: o crime que gerou a morte da Menina Francisca, e a resposta da cidade, ao consagrá-la santa. E, por outro lado, a situação da devoção popular, se fazendo no que hoje virou um Parque Turístico, o que nos fez refletir sobre a administração do espaço e o modo pelo qual o clero reconhece e legitima as práticas populares.

No decorrer de outras viagens, participamos das missas nas igrejas da cidade, principalmente, das realizadas na igreja Nossa Senhora das Dores, que se localiza ao lado do Parque Turístico e das missas realizadas no interior do Parque em todos os dias 12 de cada mês, estas são realizadas em memória à morte de Francisca que era uma criança, e participamos também por dois anos da missa celebrada no dia de pentecostes.

Neste dia é realizada uma grande festa que se inicia na noite anterior na igreja Nossa Senhora de Fátima e se encerra com a celebração da missa no interior do Parque às 05h00 do dia de pentecostes, contando com a participação de uma multidão, de toda a Diocese. Após uma vigília com muito louvor e oração a multidão peregrina com velas acesas da igreja Nossa Senhora de Fátima rumo ao Parque da Cruz da Menina.

Além das observações passamos a também ouvir os devotos, com a realização de entrevistas, inicialmente no espaço do Parque e posteriormente nas residências e nas igrejas, a partir das indicações de Dona Socorro e das pessoas que conversávamos no interior do Parque. Um interlocutor levava a outro.

Nos primeiros diálogos, no geral, buscávamos saber sobre o local de nascimento, onde residia, há quanto tempo, se conhecia a história da Menina, se era devoto, e com qual frequência visitava o Parque e desde quando.

Por isso, a obtenção de explicações fornecidas pelos próprios membros da comunidade investigada permitiria obter aquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio de *entrevista*, por tanto, de um ouvir todo especial. Contudo há de se saber ouvir (OLIVEIRA, 1998, p. 22. Grifos do autor.).

Utilizávamos gravadores e roteiros pré-estruturados para guiar os diálogos, mas não seguíamos ao pé da letra. Buscávamos estabelecer diálogos sempre com o cuidado de propiciar tranquilidade aos interlocutores. Muitos se incomodavam com o gravador, cabendo a nós o desenvolvimento de habilidades para que o diálogo fluísse, sendo em alguns momentos mais produtivo privilegiar a realização de conversas informais sem a utilização de gravadores.

Inicialmente era sempre necessária a identificação, explicando os objetivos e intenções da nossa pesquisa, porém, mesmo depois das explicações alguns interlocutores se recusavam a conversar sobre a devoção, o que para nós também era significativo ao juntar os elementos dessa teia de significados. Entendendo, portanto, cultura nos termos de Clifford Geertz (1978):

O conceito de que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15).

Ao terminar algumas entrevistas, estávamos com as mãos geladas, nos cobrávamos a melhor aplicação do ouvir, assim como sabíamos e sentíamos que os nossos interlocutores também tinham suas intenções, expectativas, desejos e motivações, que ficavam claro quando estes, por exemplo, recusam a deixar gravar, ou até mesmo conversar sobre o assunto sugerido, tornando

ainda maior o nosso desafio de fazer uma “boa” leitura⁷ do encontro com o interlocutor. Escreve Roberto Da Matta:

Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, para parafrasear Levi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação (MATTA, 1978, p. 30-31).

Perseguindo o nosso objetivo, desenvolvemos um exercício de pesquisa que nos levou a uma convivência com o cotidiano da cidade de Patos, nos permitindo realizar 36 entrevistas, com 11 homens e 25 mulheres; sendo realizadas 17 em 2009 e 19 em 2011. Os nossos interlocutores⁸ foram em sua maioria mulheres, em função de que há uma presença maior de mulheres no exercício da devoção e quando vemos homens, a maioria, estão acompanhados de sua esposa.

A cada passo da pesquisa de campo, a cada entrevista realizada com sucesso, a cada não recebido e leitura realizada o universo de pesquisa ia se abrindo. No avançar da pesquisa percebemos que nas primeiras visitas não tínhamos enxergado, era como se uma nuvem cobrisse a devoção e fosse saindo aos poucos com ajuda das lentes das ciências sociais. Bourdieu salienta a tarefa da ciência social:

A primeira tarefa da ciência social – portanto, do ensino da pesquisa em ciência social – é a de instaurar em norma fundamental da prática científica a conversão do pensamento, a revolução do olhar, a ruptura com o pré-construído e com tudo o que, na ordem social – e no universo douto – o sustenta, se seja condenado a ser-se constantemente suspeito de exercer um magistério profético e de pedir uma conversão pessoal (BOURDIEU, 2010, p. 49).

⁷ Boa leitura aqui entendida tomando o ponto de vista da metodologia que adotamos.

⁸ Dentre os nossos interlocutores, 02 são menores de 20 anos de idade, 12 estão na faixa etária de 21 a 40 anos, 15 entre 41 e 60 anos, 04 entre 61 e 98 anos e 03 interlocutores não informaram a idade.

A cada inserção realizada, olhando e ouvindo os indivíduos que circulavam e interagiam com a devoção, fomos desbravando sócio-antropologicamente este território, entendendo o que permeava e conferia sentido a essa manifestação religiosa.

Uma vez realizando leituras teórico-metodológicas e tendo em vista que já tínhamos a nossa formação de pesquisadores obtida durante a graduação, fomos enxergando a “realidade” social com a lente teórico-metodológica.

Percebemos, entre outras questões⁹, também com ajuda da história mítica da Menina/santa Francisca: que devoção ficava distante do centro da cidade, em um bairro considerado pobre, a Vila Mariana, no mesmo local onde foi encontrado o corpo da Menina; que a população elege Francisca santa logo após a sua morte em 1923, dando destaque ao fato de ser uma criança que sofreu e realiza milagres; que ela ganha uma capela em 1929; que em 1993 o espaço da devoção foi ampliado com a construção do Parque Turístico Religioso Cruz da Menina, e que para ser construído, a Prefeitura Municipal e o Estado desapropriaram famílias do local, e que algumas pessoas das gerações mais recentes destas famílias ainda residem nas imediações; que só posteriormente a construção do parque é que a Igreja Católica resolve administrar o espaço da devoção; as nossas observações nos levaram a inferir que atualmente há um baixo fluxo de visitantes no parque, sobretudo, nos dias de semana.

Enfim, a narração mítica, que ecoa e é atualizada nas vozes e práticas dos nossos interlocutores foram demonstrando uma multiplicidade de fatos atrelados à devoção merecedores de serem problematizados. Fatos que gira em torno dos romeiros, dos moradores da cidade, clero católico e dos políticos.

Assim, neste atual estágio da pesquisa para a elaboração do texto dissertativo, orientamos nossa pesquisa tendo em vista estabelecer mais diálogos com os nossos interlocutores, romeiros, moradores e clero, realizar mais leituras que nos possibilitasse confirmar ou refutar os dados, para

⁹ Citamos estes fatos que demarca o mito da Menina Francisca de maneira geral para fins de sistematização, pois nossa pesquisa e análise se fizeram não a partir de marcos. Trata-se de uma abordagem sócio-antropológica, privilegiamos as ações cotidianas dos moradores e romeiros que criaram e atualizam cotidianamente a devoção.

fugirmos dos impressionismos dando mais consistência a nossa problematização.

Decidindo focar em problematizar no baixo fluxo de visitantes no Parque nos dias de semana, que de maneira indireta, diante do nosso amadurecimento de pesquisa, desembocou na tensão já indicada no exercício monográfico, entre Igreja Católica e devoção a Santa Francisca, resultando em um desenvolvimento dissertativo ao longo de três capítulos, como já afirmamos, onde abordamos desde a consagração de Francisca como santa pela população.

Essa questão consiste, portanto, no resultado da nossa observação e participação no campo associado ao nosso aparato teórico-metodológico, e da ajuda das professoras Magnólia Gibson e Maria da Conceição nos exames intermediários do mestrado. Tal processo nos ajudou chegar nesse aspecto significativo, do *trabalho religioso*¹⁰ empreendido pelo clero Católico em sua constante preocupação de manter o monopólio dos bens de salvação.

Assim, observado este baixo fluxo de visitantes no parque nos dias de semana, e ouvido muitos interlocutores queixando-se que os patoenses não visitam o parque com a mesma assiduidade de antigamente, direcionamos a nossa análise sobre a devoção a Santa Francisca e problematizar a tensão Igreja versus devotos, privilegiando as vozes dos moradores de Patos que elegeram Francisca santa, através de relatos orais, revistas, livros, jornais e do processo-crime e as vozes do clero católico da cidade.

As vozes dos nossos interlocutores demonstram que a menina é reafirmada santa a cada prática ou enunciação realizada no presente a partir de uma memória do passado. Esta memória do passado consiste, portanto, naquilo que podemos chamar de uma memória mítica que também é atualizada nas práticas e enunciações escritas e/ou orais dos patoenses.

Observamos que, embora as pessoas conheçam a história/mito da Menina/Santa Francisca, elabora sua própria versão de acordo com a sua realidade sócio-histórica particular. A esse respeito escreve Carlos A. Steil quanto às histórias que permeiam a devoção na Lapa: *Embora tenham como*

¹⁰ *Trabalho religioso* é um termo utilizado por Pierre Bourdieu (2011) quando este importante teórico das Ciências Sociais problematiza sobre o tema religião dando ênfase à luta simbólica, que ocorre no campo religioso do cristianismo, entre clero e leigos.

*referência o santuário e o Bom Jesus, são também histórias que os romeiros contam **sobre eles mesmos** e sobre a realidade em que vivem, por isso mesmo continuamente atualizadas* (STEIL, 1996, p. 153. Grifos do autor).

É justamente por ser criado e reelaborado de acordo com a realidade que existe uma multiplicidade de versões da história de Francisca, mas que possui uma estrutura comum, pois estas versões são elaboradas ao acionar a memória coletiva. Os mitos estão indissociavelmente ligados a experiência de uma comunidade e comunica sobre a mesma (LEACH, 1983).

Com respeito às narrativas: *“elas jogam com uma série de temas e relações que são apresentados, combinados e invertidos variadamente para criar um corpo narrativo que sublinha as bases e regras de convivência de uma comunidade de homens, santos e deuses”* (STEIL, 1996, p. 143). Por força da redundância, o crente pode sentir que, mesmo quando os pormenores variam cada versão alternativa de um mito confirma a sua compreensão e reforça o significado essencial de todas as outras versões (LEACH, 1983, p. 58).

Um padre da cidade de Patos comenta que pela multiplicidade de versões sobre o mito de Santa Francisca fica difícil acreditar na sua veracidade:

E é uma história que a gente não tem muito a dizer, entendeu? É uma coisa que foi crescendo e que está em nosso tempo, mas assim carece de fontes históricas, entendeu? Não tem como precisar. Algumas pessoas contam algo, outros contam diferente, **então muitos acréscimos, muitos decréscimos, acredito que alguns mitos, ao ponto que é difícil a gente dá um parecer do ponto de vista histórico** (PADRE. Idade: 35 em 2011. Grifo nosso).

Esta é uma querela antiga na filosofia, teologia, história, sociologia e ciências afins. Porém, escreve Mircea Eliade (1991) que os estudiosos ocidentais há mais de meio século deixou de compreender o mito como sinônimo de “invenção”, “fábula”, eles o aceitou como era compreendido pelas sociedades arcaicas:

Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta

sensivelmente com as do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar como os seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, como “fábula”, “invenção”, “ficção”, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma “história verdadeira” e, ademais, extremamente preciosa no seu caráter sagrado, exemplar e significativo (ELIADE, 1991, p. 07).

Referindo-se às sociedades arcaicas, Mircea Eliade escreve em que medida o mito é verdadeiro:

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante (ELIADE, 1991, p. 12).

Mesmo tratando de uma sociedade dita complexa, podemos inferir que o mito da Menina Francisca é elaborado e reelaborado cotidianamente, as pessoas operacionalizam o mito significando suas realidades, identidade e devoção.

Ao definir a estrutura do mito nas sociedades ditas primitivas Eliade cita Bronislaw Malinowski, enfatizando aspectos que também estão presentes no mito da Menina Francisca, para ele o mito é atualizado na medida em que no presente é narrado e tomado como referência para suas práticas:

Bronislaw Malinowski tentou demonstrar a natureza e a função do mito nas sociedades primitivas: “O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas” (ELIADE, 1991, p. 23 apud MALINOWSKI, 1955.).

Junito Brandão (2004) também define mito, argumentando que este é ilógico na medida em que expressa a complexidade do real:

o mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, (...). E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao invés, é ilógico e irracional (BRANDÃO, 2004, p. 36).

Sendo, portanto, aberto a interpretações e a atualizações. Neste sentido, compreendemos o mito da Menina Francisca como uma historia que está sendo, o tempo todo, acionada e atualizada por todos aqueles que interagem com a devoção a Menina.

Depois de um difícil, mas satisfatório exercício de pesquisa sobre a Cruz da Menina constatamos que a devoção a Santa Francisca foi construída no interior de uma rede de relações sociais, obviamente, complexa, na qual inúmeros fatos interligam-se, constituindo-se em interessantes *campos* e construindo *habitus* (nos termos de Pierre Bourdieu (2010)), e que diante dessa complexidade, teríamos que fazer um recorte que fosse significativo e condizente com as condições estabelecidas para a produção de um texto que deve obedecer a critérios científicos e a prazos determinados para a sua realização.

Assim, seguiremos para o nosso primeiro capítulo, onde discutiremos sobre o mito da Menina Francisca buscando compreender a origem da devoção e santificação de Francisca.

Algumas pessoas contam algo, outros contam 'diferente, então muitos acréscimos, muitos decréscimos, acredito que alguns mitos, ao ponto que é difícil a gente dá um parecer do ponto de vista histórico. (...) Porém as promessas os votos as preces elas são verdadeiras (Padre. Idade: 35 anos em 2011).

1. Capítulo I:

De Menina a Santa: Francisca, símbolo da condição e consagração dos pobres.

1.1. Uma devoção no Sertão paraibano.

A devoção à Menina Francisca se realiza no município de Patos- PB, região sertaneja do Estado. Parada dos romeiros, principalmente nos meses de janeiro e novembro, que vão ao Ceará onde se realizam as tradicionais devoções “populares”, como a do Padre Cícero no Juazeiro do Norte, e a devoção a São Francisco no Canindé, instaurando-se uma rede de peregrinação, articulando locais de visitação e devoção. Podemos ver na figura a localização do estado da Paraíba:



Figura 1: Localização do Estado da Paraíba.
Mapa retirado do Atlas Escolar da Paraíba, 2000, p.11.

O município de Patos está localizado na mesorregião do sertão paraibano. Distante 301km da capital, João Pessoa, localiza-se no centro do Estado, como podemos visualizar na figura abaixo. Possui vetores viários que viabilizam o acesso aos Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nas estimativas das populações residentes em 2010, Patos possui aproximadamente 100.675 habitantes.

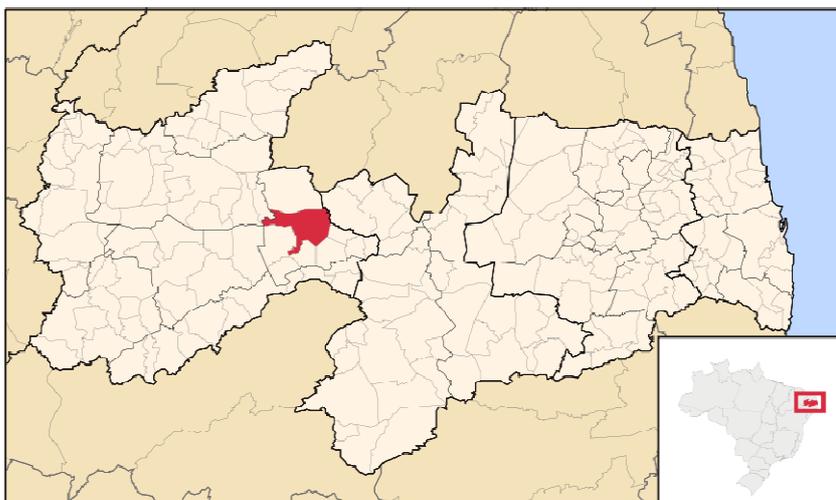


Figura 2: Localização da cidade de Patos¹¹.

Patos possui um clima quente e seco, tendo como limites: São José de Espinharas, Santa Terezinha, São José do Bonfim, Cacimba de Areia, Quixaba, São Mamede e Malta. A economia é baseada na cultura do algodão e do feijão, com indústrias, principalmente, nas áreas de calçados, de extração de óleos vegetais e de beneficiamento de algodão e cereais. Possuindo grande riqueza mineral, como jazidas de mármore cor-de-rosa, ocorrências de ouro, ferro, calcário e cristal de rocha¹².

É considerada a “Morada do Sol”, em decorrência do clima. É ainda apontada por alguns como a “Capital do Sertão da Paraíba” em virtude de seu desenvolvimento no interior do Estado, da disposição de trabalho na iniciativa

¹¹ Retirada no dia 05 de outubro de 2009 do site: <http://www.skyscraperlife.com/brazil/19696-patos-pb-thread-exclusivo-bonus-paisagens-exoticas-do-sertao-paraibano.html>

¹² (Retirada no dia 05 de outubro de 2009 do site: <http://www.skyscraperlife.com/brazil/19696-patos-pb-thread-exclusivo-bonus-paisagens-exoticas-do-sertao-paraibano.html>).

privada, com ênfase no comércio e na indústria. Localiza-se no ponto de convergência das estradas. Escreve Epaminondas Câmara ao mostrar a situação topográfica de Patos no seu surgimento enquanto cidade em 1903:

A situação topográfica de Patos é sobremodo magnífica e não tem igual no sertão paraibano. Colocada no ponto de convergência das estradas de tropeiros dos vales do rio do Peixe, do Piranhas e do Piancó, nos contrafortes da Borborema, entre as serras que dividem a Paraíba de Pernambuco e Rio Grande do Norte, precisamente na parte mais estreita do Estado, tornou-se o local estratégico por excelência, geográfica e naturalmente indicado para o cruzamento de todas as estradas centrais do interior, inclusive ferrovias e rodovias. Não se concebe, por isto mesmo, a ideia de um desvio de estradas em que a localidade pudesse ser posta à margem. Patos é a porta principal, é a chave do alto sertão (CÂMARA, 1997, p. 73).

Cidade marcada por uma religiosidade muito forte, sobretudo, católica, como comenta um pároco que ao ser por nós entrevistado e sabedor do nosso interesse no culto à Menina- Santa Francisca associa a cidade à religião:

É Patos é uma cidade muito religiosa em todos os sentidos, muito religiosa no sentido de buscar o sagrado, entendeu? De valorizar o sagrado, de valorizar a divindade. Patos é uma cidade bastante religiosa. Com relação ao catolicismo mais ainda, entendeu? Então tem uma influência muito positiva a religião na cidade de Patos, uma devoção espetacular a Nossa Senhora, por causa de Nossa Senhora da Guia e por conta que o mês de maio, é um mês bastante intensivo na cidade de Patos, e tem celebrações em todas as igrejas, então isso criou uma devoção muito forte a Nossa Senhora e faz com que o povo seja bastante religioso é tanto que as procissões são sempre bem participadas, missas nos finais de semanas em todas as igrejas são muito participadas então a gente sente a religiosidade do povo de Patos, e no sentido de que nós temos uma caminhada de igreja bastante intensiva, né? Muita gente participa de pastoral, de movimento, de grupo de evangelização, é uma cidade muito católica a gente poderia dizer assim (Padre. Idade: 35 anos em 2011).

1.2. De Menina a Santa: O Mito da Menina Francisca.

A Menina Francisca foi consagrada Santa pela população de Patos. É a partir da enunciação do mito que buscamos decodificar como surge a devoção, ou seja, quais os principais elementos que levam a população a eleger Francisca santa e como esta devoção é atualizada.

Estamos diante, portanto, de uma abordagem que privilegia as vozes dos interlocutores independentes de sua classe social, porém cientes de que se tratando de uma devoção popular, a voz da massa popular¹³ é predominante para a origem da devoção e para a sua atualização.

A cada prática empreendida pelos diferentes atores a devoção é atualizada. No momento em que os artistas narram a história de Francisca em livros, cordéis, etc, quando os jornalistas veiculam uma matéria sobre a mesma, quando os políticos constroem o Parque Turístico, quando os devotos acendem uma vela, entregam um ex-voto, realizam uma oração, narram o mito, etc. Realizam estas práticas e ritos tomando como referência a história mítica que afirma sobre a santidade de Francisca, portanto, o mito é atualizado e a devoção também.

O mito de Francisca é atualizado cada vez que é narrado e/ou acionado para a realização de práticas e ritos devocionais no presente. Quanto aos rituais escreve Brandão (2004): “O rito toma, nesse caso, “o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado”. Em resumo: o rito é a práxis do mito. É o mito em ação” (BRANDÃO, 2004, p. 39).

O mito nas sociedades arcaicas, segundo Mircea Eliade (1991), possui uma eficácia simbólica, imprescindível para a organização da vida:

Mais ainda: ao passo que um homem moderno, embora considerando-se o resultado do curso da História Universal, não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também a *reatualizá-la* periodicamente em grande parte (ELIADE, 1991, p.17).

¹³ Utilizamos “massa popular” nos termos de Carlos Alberto Steil, 1996, p. 232.

Ao ser narrado no presente, ele ganha acréscimos e diminuições, ou seja, são produzidas novas versões, pois narram o passado a partir de uma apropriação simbólica do presente, daí deriva-se a sua atualização. Ecléa Bosi (1994) afirma:

por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

E é a partir da repetição do mito com a elaboração dessas múltiplas versões que ele assevera uma mensagem, comunicando-a. É neste sentido, que compreendemos o mito da Menina Francisca, ele nos comunica sobre a criação da devoção e sobre os valores caros a sociedade de Patos. Escreve Leach:

Sempre que um corpo de mitologia é recitado no seu contexto religioso “sente-se” que tais padrões estruturais estão presentes e que comunicam significados como a poesia comunica significados. (...). Além disso, parece evidente que padrões muito semelhantes existem nos mais diversos tipos de mitologia, o que me parece ser um fato de grande significação psicológica, sociológica e científica. Aqui realmente estão fenômenos observáveis que são a expressão de realidades inobserváveis (LEACH, 1983, p. 69).

Na cultura Ocidental os mitos de origem da devoção popular também se apropriam de características presentes nas narrativas míticas da Bíblia¹⁴. Neste sentido, como escreve Rodrigues Brandão (1980): “A história bíblica é esquecida sem remorsos, enquanto corpo exemplar de doutrina, e é multiplicada enquanto *corpus* mítico tomado sobre apenas poucas passagens

¹⁴ Livro sagrado para os cristãos.

popularizadas. Os mitos dizem o que se faz e refaz em inúmeros ritos de todos os anos” (BRANDÃO, 1980, p. 205).

Esse é um dos fatores que contribuem para encontrarmos nas histórias que circulam e conferem sentido as diferentes devoções populares existentes, elementos comuns, por exemplo: o sofrimento, o milagre, a água, o camponês, os animais, são os *aspectos do universalismo* como denomina Steil (1996). Estes são os elementos que nos permitem encontrar semelhanças entre a devoção e o Bom Jesus da Lapa. Como argumenta Steil, os devotos constroem suas histórias: “*através de um trabalho de **bricolagem** que associa a narrativa bíblica com as referências geográficas, históricas, estéticas e culturais do seu meio*” (STEIL, 1996, p. 151. *Grifos do autor*).

Os devotos vão criando suas narrativas míticas a partir do catolicismo oficial e também de outras devoções populares existentes. Isto não quer dizer que este tráfico seja uma repetição, uma assimilação das devoções aos santos já existentes no catolicismo oficial. Ocorre uma apropriação, uma nova religião é criada, é uma nova “maneira de fazer”, que possui uma lógica e regra própria. O trabalho recriador dos devotos transfere “sem quebrar a lógica, os símbolos e as combinações de uma mesma tradição cultural de fé” (BRANDÃO, 1980, p. 204). Dentro da Igreja, porém, livre de suas amarras e de suas confrarias de burocratas fiscais.

Michel Certeau (1994), que se mostra insatisfeito com as teorias sociais propõe uma abordagem das práticas culturais, na qual privilegia as práticas cotidianas, observado-as pelo ângulo mais fraco da produção cultural, ou seja, da massa popular:

desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua “razão”. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem

a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida. (CERTEAU, 1994, p. 78-79).

A devoção à Francisca é vista pelo clero como supersticiosa, tendo em vista que a menina/santa não é canonizada e dispensa a assessoria do clero, ou seja, os devotos não conferem importância apenas aos sacramentos celebrados pelos padres, a relação direta com os santos também ocupa espaço na prática do crente. É neste momento que a busca da Igreja pelo domínio do campo religioso, sobretudo, do catolicismo se torna imprescindível.

As fronteiras entre a devoção popular à Menina Francisca e a Igreja Católica não são bem delimitadas. A Igreja administra o espaço da devoção e celebra missas para os devotos, e estes, mesmo elegendo a santa sem a aprovação da Igreja, e realizando suas práticas devocionais, se consideram católicos, participando dos rituais da Igreja oficial.

Esta imprecisão se exacerba na festa de pentecostes realizada no Parque Religioso, quando pudemos observar que há celebração da missa e os sermões dos padres, mas há também pagamentos de promessas a Santa Francisca, pessoas em número expressivo na capelinha de Francisca e nas lojinhas para levar alguma lembrancinha dela para casa. As duas formas de catolicismos coexistem. Podemos observar uma imagem da missa de pentecostes:



Figura 3: Missa de Pentecostes.
Fotografada em Maio de 2009.

É a criação e reelaboração do mito que confere sentido e legitimidade à devoção a Francisca. É a crença no mito, e conseqüentemente na Menina/Santa que confere eficácia a devoção e, portanto, a constante reelaboração do mito. Este como modelo exemplar informa o local da devoção como sendo sagrado e o modo como proceder na vida cotidiana e na relação com a santa. “Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao “viver” os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressado num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável” (ELIADE, 1991, p. 21).

Deste modo, vamos trazer ao leitor passagens recorrentes do mito a Santa Francisca pelos nossos interlocutores, que vem sendo atualizadas diante dos contextos históricos, a fim de compreendermos como foi a origem da devoção, ou seja, a consagração de Francisca como santa e como tem sido a sua contínua elaboração.

1.2.1. O mito da Menina Francisca

Francisca teria sido confiada por seus pais ao casal proveniente da cidade de Campina Grande, Absalão Emerenciano e Domila Emerenciano de Araújo em uma época de seca, como única alternativa para que a Menina ficasse a salvo da fome que assolava as famílias, que viviam na condição de retirantes e/ou ciganos.

A pessoa da luz, então era uma figura imprescindível e que realmente, e a criança, o fato que ela, o próprio nascimento, **filha de ciganos**, os pais deram ela a esse casal, exatamente, para evitar que ela morresse de fome ou, na verdade a intenção deles era a melhor possível, num é? (Católico engajado em Pastoral. Não revelou a idade no ano de 2011).

De acordo com as referidas narrativas ter-se-ia estabelecido um pacto moral: os pais, obrigados pela inclemência da seca entregam a filha ao casal, e este teria se comprometido a abrigar a menina como uma afilhada. Os pais

teriam acreditado que o casal ia cuidar de Francisca com carinho, como afilhada. Conta a moradora:

A história da Menina é o seguinte, ela, o pai dela, os pais dela biológico, eles vinham com ela na seca, inclusive na história não tem nem notado o nome dele, que a gente não sabe o nome dele verdadeiro, eles vinham, como este pessoal, estes ciganos, vinham pelo mundo, perambulando pelo mundo como se diz, passaram aqui com a menina, a menina tinha dez anos, aí eles ficaram aqui, aqui era o povoado pequeno, até a energia daqui, não tinha a energia elétrica que nós temos, aí eles passaram com esta menina, e falaram assim: - A gente tem que dar esta menina para alguém tomar conta, porque ela não vai aguentar pelo meio do mundo na seca, ela não vai aguentar. Aí, esse casal que tomava conta da energia, esse casal que era muito bem visto aqui em Patos, ele era **engenheiro**, que vem de fora para tomar conta da energia da cidade, né? Aí, falou assim: - Deixe que a gente toma conta dela. Aí pronto, os pais dela deram ela, para esta mulher tomar conta, o nome da mulher era até Domila e o do homem Absalão, deram para eles tomarem conta e foram embora, bem tranquilos, né? Disseram: - Agora ela ficou em boas mãos, ela vai ser bem criada (Devota. Idade: 50 anos em 2009).

Absalão teria na capital do sertão da Paraíba uma importante missão a cumprir, executar o funcionamento do motor que fornecia energia para toda a cidade de Patos, a convite do Major Miguel Sátyro.

Domila, na maioria das narrativas, é vista pelos moradores de Patos como uma mulher de temperamento difícil e a responsável por agredir constantemente com violência física a pobre criança; e o homem, seu marido, como alguém dominado. Francisca era maltratada fisicamente e tratada como uma criada que realizava as tarefas domésticas. Os devotos narram que Domila chegava a sentar sobre o corpo da Menina para tocar violão e que Absalão não concordava com as maldades da mulher, no entanto aceitava, não as evitando.

Ela foi judiada, judiava muito com a menina, ela batia muito na menina ela na, botava a menina para lavar troço, fazer tudo. Só que ele [Absalão] não judiava com a menina, mas era também aquele tipo assim, como ele tivesse medo dela, sabe?

Ele deixava, ela judiava com a menina, ele não judiava, mas também não impedia dela fazer as coisas com a menina. De vez em quando, ela batia nela, sentava-se em cima dela e tocava com o violão, e a menina não tinha, ela não saía nem fora, os meninos chamavam ela para brincar e ela falava não, não (Devota. Idade: 50 anos em 2009).

Segundo as narrativas que envolvem e conferem sentido à devoção, a Menina Francisca teria sido brutalmente assassinada por ser vítima de maus-tratos físicos cometidos por sua madrinha Domila com a conivência de seu padrinho Absalão. Fato que teria revoltado a população patoense e que vem chocando todos os devotos da Santa Francisca. Sendo a morte da Menina notícia privilegiada da cidade em 1923, se perdurando até os dias atuais, conferindo sentido e legitimando as práticas religiosas, atravessando gerações. A moradora fala de como a população da época se chocou com o acontecido, sendo o assunto do momento: “Foi uma revolta, a mulher teve que sair a noite, a cidade ficou revoltada pela violência da situação” (Católica engajada em pastoral. Idade: 44 anos em 2011).

Podemos destacar três narrativas que apontam Domila como assassina. A primeira citação é a versão mais recorrente, e descreve que Domila antes de sair para ir encontrar o seu esposo Absalão em seu local de trabalho, havia ordenado Francisca a arrumar a casa e que logo depois fosse dormir, porém a menina displicentemente deixa a janela da casa aberta e vai dormir, assim quando Domila volta, fica muito brava ao encontrar a janela aberta e utiliza o fato como álibi para agredir brutalmente a menina com uma trave de madeira, culminando assim na morte de Francisca; já a segunda citação, enfatiza que a morte não foi intencional, Domila tinha a intenção apenas de maltratá-la como de costume; e a terceira versão foi a única, dentre as ouvidas, na qual afirma que a menina tinha ido comprar querosene:

Ela entrou para dormir, aí deixou a janela escorada, o vento bateu e a janela se abriu, quando a mulher chegou, mais o marido, que viu: - Eita, é um ladrão! Quando entraram dentro de casa, aí, viram que não era, aí, a menina estava dormindo, aí pegou, derrubou ela da rede, pegou uma trave da janela, bateu nela, derrubou ela da rede, né? Aí, ela gritando: - Não

madrinha, os vizinhos escutaram, ela dizendo não madrinha, ela chamava madrinha, dizia: - Não madrinha, não faça isto comigo não. Bateu na cabeça dela, deu uma batida forte que a menina morreu na hora, nestas alturas o padrasto dela tinha saído para o muro, aí foi entrando dentro de casa e falou assim: -Você matou a menina?! (Devota. Idade: 50 anos em 2009).

Ele toda noite levava Domila pra o cinema e a menina ficava em casa, e brincava na soleira da janela, sabe? Quando ela ia se deitar fechava a janela e ia dormir, num é? Nessa noite, era uma noite de lua clara, aí disse que ele chegou tarde, (...), aí quando ela chegou, chamou e ela demorou a atender, chamou Francisca, Francisca, ela bateu com força, Francisca! Ela veio abrir, quando ela abriu ela entrou brigando com a Menina que não tinha aberto a porta e tal e tal, e quando foi a uma certa altura ela notou que a menina deu um grito grande e desse grito ela se aperreou, a mulher ouviu uma pancada e um grito, a vizinha escutou aí disse que ela muito aflita disse, Francisca, Francisca, minha filha fale por amor de Deus! Francisca, Francisca você fale, ou Francisca, aí ela disse que queria ir lá, mas o marido disse você não vai não pra não ser testemunha de nada, fosse fique que o marido dela vai chegar logo. Aí, Absalão chegou e disse: pelo amor de Deus, não me conte uma desgraça dessa! Aí, ela chorando alto, disse que ele disse: cale a boca que eu resolvo aqui. Ele disse fique aí que eu já volto (Moradora da cidade. Idade: 98 anos em 2011).

ela mandou comprar querosene, uma coisa assim, e ela marcava tal minuto pra chegar, a bichinha demorou um pouquinho, quando chegou, a vizinha disse que viu ela gritando muito com a Menina: safada! Esses palavrão, não precisa dizer. E a Menina ia explicar e ela não deixava, foi a vizinha ouviu uma pancada, alto, uma pancada e um grito (Freira. Idade: 92 anos em 2011).

O corpo teria sido colocado dentro de um saco e jogado no Sítio Trapiá, na mesma noite do crime, com a ajuda do jovem motorista, José Vicente, conhecido como Hindú, que segundo algumas versões, teria levado sem saber do que se tratava o saco. Absalão teria pedido ajuda do jovem, para em seu carro levar sua esposa e ele a casa de um amigo para entregar uma encomenda, mas chegando ao Sítio Trapiá, Absalão teria pedido para parar o carro e jogado o saco, pedindo a Hindu que não falasse a ninguém sobre o ocorrido e que voltasse a cidade.

No dia seguinte, Domila teria espalhado que Francisca havia desaparecido e Absalão teria encenado uma procura frustrada.

Quando é no outro dia bem cedo, ela amanheceu o dia lavando a casa e chorando, Ernesta a mulher do meu tio que morava passando duas casa, disse que ela chorado: Ernesta eu to tão aperreada, mulher, Francisca foi buscar o pão bem cedinho e não chegou e o rio ta correndo água e eu to com medo de ela ter caído no rio. Ernesta disse: não, mulher, ela está por aí, esta cedo ainda. Ela disse: mas ela nunca demorou desse jeito, e Absalão já foi atrás dela. Ele chegou aperreado também, tirou o chapéu da cabeça e ficou. Quando foi mais tarde e lá chegou: Dona Guilhermina! Com minha mãe. Ela estava indo passar o natal ou era o são João na casa da mãe dela. Aí, disse: me compra esse vestido pra ela, só falta da a barra. Pra mim. Minha mãe disse: não quero não, não posso comprar não. Mãe disse: mulher guarda o vestido da menina, ela vai chegar, ela ta por aí. Ai, ela disse: eu não fico nessa casa de jeito nenhum, eu vou sair, Absalão tá procurando uma casa, eu não fico nela de jeito nenhum, eu to vendo Francisca me acompanhando, toda hora. E só chorando mesmo (Moradora da cidade. Idade: 98 anos em 2011).

Porém, segundo o processo-crime, no dia 13 de outubro de 1923 o corpo da Menina teria sido encontrado pelo agricultor Ignácio Lazário da Costa atraído pelos urubus. A população teria ido à delegacia para o reconhecimento do corpo. Segundo o próprio Lazário:

estando em sua casa, viu um bando de urubus pousando cerca de quatrocentas braças distante de sua casa e supondo tratar-se de algum animal de sua criação que tivera morrido, para ali se dirigiu afim de certificar-se e lá chegando verificou com surpresa ser o cadáver de uma criança, já em adiantado estado de putrefação; que voltando á sua casa avisou ao seu genro Laurindo e aos seus filhos João e Maria, e, tendo todos ido ver o dito cadáver, a sua filha Maria reconheceu ser uma menina pelas vestes que trazia; Perguntando se pela posição em que se achava o cadáver havia a morte no loca e encontrado ou se foi ele ali colocado e se sabe por quem? Respondeu que pela posição em que se achava o cadáver, colocado entre duas pedras, em um serrotesinho, não podia ter ali caído nem morrido a criança e sim que foi o seu cadáver ali depositado, e para confirmar as suas suspeitas basta adiantar que sendo ele respondente a primeira pessoa que descobriu aqueles despojos ainda encontrou rastros de pessoas calçadas de sapatos de borracha e alpercatas de rabicho, não sabendo porem quem foi depositar naquele local o cadáver de que retrata (Depoimento de Ignácio Lazário da Costa. Processo-Crime digitalizado.).

O mito hoje é atualizado, nas vozes dos romeiros e moradores de Patos:

Parece que foi **uns seis a sete dias** desapareceu umas ovelhas de uns velhinhos que morava perto da cruz da Menina. Ai, o velho mandou procurar, os netos, procurar as ovelhas, os meninos saíram e viram os urubus voarem, aí, pensaram que as ovelhas estavam lá: Vamos ali! Quando chegou lá, era a Menina. Ai, viram o vestidinho dela, porque elas usavam um vestidinho branco com umas pintinhas, aí os meninos volta diz o avô, o avô vem aqui na cidade, a cidade já estava cheia com a história que a Menina estava desaparecida (Freira. Idade: 92 anos em 2011. Grifo nosso).

Aí, quando **foi com dois dias** que a menina tinha sumido, que eles tinham deixado ela aqui, aí os urubus já estava voando aqui, comendo o corpo dela, aí o rapaz que morava aqui no sítio, que tinha criação, viu, né? Viu aquilo voando, voando. - Ah! Vou olhar, parece algum animal que está morto. Chegou lá e percebeu, o saco estava todo furado, os urubus, os urubus tudo voando em cima, ficou tangendo os urubus, aí foi chamar a filha dele e o genro dele, vieram olhar; - É, é um corpo de criança mesmo, vou chamar a polícia (Moradora de Patos. Idade: 50 anos em 2009. grifo nosso).

Assim, no momento da morte de Francisca, a justiça da cidade chama o casal e alguns vizinhos do casal para depor sobre a morte da Menina, porém a investigação foi arquivada. Sendo o corpo da menina enterrado¹⁵ sem se saber ao certo como teria ocorrido a tragédia.

No local onde foi encontrado o corpo de Francisca, no Sítio Trapiá, hoje Vila Mariana, teria sido colocada uma cruz, como de costume da região nordestina, por ser uma morte trágica. Por conseguinte, o local começou a ser um lugar de orações e posteriormente de devoção. Quanto ao início da devoção escreve Nóbrega:

Esse novo espaço delineado como território do sagrado se instituiu não só pela leitura da morte de Francisca, como também pela injeção de capital simbólico, de princípios

¹⁵ Não encontramos nenhum dado que informasse sobre o local onde foi enterrado o corpo de Francisca.

desejantes na crença de sua santidade, graças ao efeito específico de mobilização das práticas dos crentes, exercidas no reconhecimento espacial do território e, nesse sentido, a fundação da cruz passa a ser o produto e o sinal de um advento. Uma fundação que passa a ser informada e inventada pelas mais diferentes expectativas (NÓBREGA, 2000, p. 32).

Essa é uma maneira muito comum de se gerar devoções populares e processos de santificação¹⁶. Nesse aspecto, a história de Francisca não é única, porém, a relação com o contexto sócio-histórico e político gera uma especificidade.

Comenta um padre da cidade: “porque antes não era uma capela, era uma cruz, e o pessoal ia lá e fazia as promessas diante da cruz, não havia capela, não havia imagem, havia só a cruz então por isso ficou chamando Cruz da Menina”. (Padre. Idade: 35 anos em 2011.). Ainda comentando sobre o início da devoção e sobre o significativo ato de colocar uma cruz no local onde foi encontrado o corpo de Francisca, afirma um político e morador da cidade: “é uma característica da religiosidade nordestina, de quando tem um crime, um crime bárbaro, geralmente as pessoas colocam uma cruz e a partir da cruz se desenvolve toda uma religiosidade”. (Morador de Patos. Não informou a idade em 2011.).

Francisca foi consagrada Santa pela população de Patos, a cada dia atraindo um maior número de devotos com o coração cheio de esperança de alterar a realidade de impunidade e saciar sua sede por dias melhores. Segundo Certeau:

¹⁶ É costume na região nordestina colocar uma cruz no local onde ocorreu uma morte trágica em geral com crianças e jovens, é muito comum observarmos nas beiras de estradas. E estes locais, posteriormente podem torna-se um local de devoção, pois muitas vezes a população constrói uma capelinha, colocam fotos, flores, fitas acendem velas, realizam orações e etc. Nóbrega também escreve sobre e cita Michel de Certeau (1982): “*No mesmo lugar onde foi encontrado o corpo, colocou-se uma cruz, e as pessoas começaram a visitá-la e a deixar suas marcas (Ver CERTEAU, Michel de. Por ‘marcas’ é preciso entender uma combinação objetiva entre prática e signo, um ponto de interseção entre uma linguagem da sociedade e a enunciação de uma fé – em suma, uma maneira efetiva de ultrapassar a ruptura entre uma e outra. IN. __ A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 166.)*” (NÓBREGA, 2000, p. 31).

de um outro tempo, do tempo que é outro, surge esse “deus” que tem caracteres da memória, silenciosa enciclopédia dos atos singulares, e cuja figura, nos relatos religiosos, representa com tanta fidelidade a memória “popular” daqueles que não têm lugar mas têm o tempo – “Paciência!” Com variantes, aqui se repete o recurso ao mundo estranho de onde pode, de onde deverá vir o lance o golpe que mudará a ordem estabelecida (CERTEAU, 1994, p. 161).

Segundo alguns relatos, em 1929 foi construída a capela de Santa Francisca em consequência de uma promessa feita pelo agricultor José Justino do Nascimento. Este castigado pela seca, vendo os poços secos e o seu gado morrendo, decide apelar para Francisca pedindo água, prometendo em troca do milagre construir uma capela para menina. Assim, cava uma cacimba em busca de água próximo à cruz colocada onde foi encontrado o corpo de Francisca, e o milagre teria acontecido, jorrando água no local em meio à seca. Narra a população hoje:

Aí, ele fez uma promessa que se ele cavasse uma cacimba e salvasse o gado dele, ele fazia esta capelinha, ele salvou o gado. Ele cavou a cacimba ao lado da capela onde têm as pedras, aí salvou o gado. Essa cacimba passou tantos anos para secar (Moradora de Patos. Idade não informada em 2009).

Ele viu no pé da cruz: Francisca inocente. Ai, ele se ajoelhou no pé da cruz e fez a promessa pra ir fazer a capela, e de fato foi todinha ele que fez. Ai, foi o milagre, foi um milagre. Ai, **ele fez a capela com a água que tinha no pé da pedra** e a água aumentou, ficou uma lagoa meia grande, muitos anos, a lagoa, o povo vinha buscar vinha cá, banhava o rosto e pegaram até tomar banho aí acanaíou, aí secou do dia pra noite, e de lá pra cá nunca mais criou água (Moradora de Patos. Idade: 98 anos em 2011. Grifo nosso.).

O milagre da água que jorra abundantemente do local onde foi enterrado o corpo da menina, marca significativamente os relatos dos devotos, na medida em que estes demonstram que é o milagre um dos principais elementos que comprovam a santidade de Francisca. Contudo, a falta da água hoje não quebra em nada a devoção e a garantia da santidade, demonstrando o poder

de deslocamento e resignificação da devoção. Conta a devota, sobre a existência da água:

Ela fez e graças a Deus o meu menino começou a andar normal, andar normal, graças a Deus, andar normal. Então daí o pessoal começa a fazer as preces e começam os milagres acontecer. Tinha uma pedrinha lá que minava água. Os milagres aí, então dizem que ninguém sabe quem, ninguém sabe quem começou a história, nem quem foi que praticou, botaram numa falta d'água, fizeram feijão na, na no milagre da pedra, então secou, esta água secou. É a conversa que o povo diz. A gente não viu não sabe de nada, né? Mas que foi isso, acabou-se (Devota. Idade: 59 anos em 2011).

O processo-crime é aberto em 1932, e novamente a população depõe sobre o ocorrido, mas agora em um contexto onde a Menina Francisca já era considerada Santa pela população. Neste sentido, os depoimentos ganham uma nova conotação no sentido de que são atualizadas as concepções do povo patoense, a memória não é mais a mesma do tempo passado. “Um novo discurso construído pelo encontro entre o jurídico e o sagrado, foi autorizado, legitimado e instituído pelas práticas de todos aqueles que teceram, dialogaram, viram e confessaram suas dores e suas graças”. (NÓBREGA, 2000, p. 42). Certeau (1994) fala da memória como a arma dos fracos, da massa popular, diante a classe dominante:

A memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do “momento oportuno” (*kairós*), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transformação da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um “golpe” modifica a ordem local (CERTEAU, 1994, p. 161).

A população fala agora não só de uma menina que foi supostamente assassinada por um casal, mas de uma menina martirizada. Assim, os depoimentos apontam o casal, Absalão e Domila, como assassino de uma pobre criança indefesa. Porém, mesmo com todos os depoimentos apontando

o casal como culpado, eles foram considerados inocentes pelo poder judiciário, após três julgamentos.

A partir da leitura do processo-crime, podemos perceber, entre outras questões, que a notícia circulou amplamente na cidade em meio a um grande clima de revolta frente à violência sofrida pela Menina, porém é perceptível que mesmo a população acreditando ser o casal o responsável pela morte de Francisca, tinha medo de acusá-lo como culpado.

Podemos ver trechos do processo-crime que demonstram o disse - me - disse que circulou na cidade, prosas que criaram e desfizeram “nós” em torno do mistério da morte de Francisca. Escreve Nóbrega: “As citações deixam de ser ecos de outros, para serem partes de si, de seus depoimentos, pois falar o outro é tornar sua a linguagem” (NÓBREGA, 2000, p. 29).

O trecho do depoimento abaixo aponta que a população acreditava que Domila e Absalão eram os assassinos, tendo em vista que alguns moradores viam recorrentemente marcas de maus-tratos em Francisca.

Que tem ouvido dizer e é público e notório que a criada de Absalão era maltratada pelos seus patrões, tanto assim que anteriormente ao dia dez, passara a mesma criada em casa de Alexandre Carvalho com rosto ensangüentado a quem disse por ter este perguntado, que tinha sido uma surra que lhe havia dado a sua madrinha; que a criada em questão tinha um defeito em uma perna em virtude de deslocamento ocasionado por um pontapé que lhe havia sido dado, não sabendo ele respondente por quem (Depoimento de Rochaël Pedro de Azevedo. Processo-Crime digitalizado. Grifo nosso).

Alguns moradores também revelaram em seus depoimentos que ouviram dizer que realmente na suposta noite do crime, Domila teria espancado Francisca. Porém, o morador que é apontado como tendo ouvido os gritos da menina na noite de sua morte, Pacifico de Medeiros, em seu depoimento, nega tudo:

Porque **foi vizinho deles e ouvia gritos e pancadas**; que tempos atras indo eles a Santa Luzia deixaram a criadinha em casa deles respondente, que nostando-a com uma grande ronxa na face do lado direito, salvo engano, e perguntou-lhe o

que tinha sido aquilo, respondendo-lhe então ter sido em consequência de uma surra que dera-lhe a sua madrinha Dona Domila (Depoimento de Noé Trajano da Costa. Processo-Crime digitalizado. Grifo nosso).

Ouviu o senhor Oscar Pinto **dizer** que Pacifico Francisco de Medeiros declarava-lhe que sendo vizinho de Absalão, notou chegar este em companhia de sua mulher, de onze para doze horas da noite do dia dez do corrente, quarta feira, vindo da usina elétrica desta cidade na casa onde residem, reclamando pela circunstância de encontrarem semi-aberta uma janela da casa; que entraram e logo ouviu o mesmo Pacifico um barulho por causa da dita janela aberta, como se estivessem repreendendo ou **castigando** a alguém; que em seguida ouviu uma **grande pancada**, como se fosse vibrada sobre alguma pessoa, fazendo-se **depois completo silêncio** (Depoimento de Rochael Pedro de Azevedo Processo-Crime digitalizado. Grifo nosso.).

Perguntando se é verdade ter ele respondente deito que ouviu na quarta feira à noite, por volta da meia noite, quando voltavam da usina elétrica, onde é Absalão empregado, este e sua esposa espancaram a Francisca a ponto de ouvir a esposa de Absalão dizer “a negra está morrendo”? **Respondeu que nunca viu e nem ouviu, como já disse, Absalão e sua esposa espancaram a Francisca e muito menos na quarta feira à noite ter a esposa de Absalão dito aquelas palavras;** que apenas pode informar que, por, diversas vezes, **vindo a referida menor em seu estabelecimento comercial, notava que a mesma apresentava eclimoses (sic) provenientes de pancadas** (Pacifico Francisco de Medeiros. Processo-Crime digitalizado. Grifo nosso.).

Porém, por que o inquérito teria sido arquivado em 1923, só sendo reaberto em 1934? E por que o casal mesmo contra todos os depoimentos foi absolvido?

Os devotos relatam que o casal teria sido apadrinhado pelo Major Miguel Sátyro, coronel que possui um forte poder na época da morte da menina em 1923 e de certa forma nos anos 30. O casal, como já afirmamos, teria chegado à cidade a convite do Major.

1.2.2. A História Mítica e a Realidade

A historiadora Elisa Mariana Nóbrega ao se debruçar sobre a devoção à Menina Francisca, toma como referenciais teóricos Eric Hobsbawm (1998) Michel de Certeau (1982, 1994). Partindo destes, se propõe a compreender a devoção como sendo inventada e atualizada cotidianamente pela população, ao acionar no presente a memória mítica da Menina Francisca¹⁷. Para tal, admite que o mito refere-se a uma realidade social, e por isso, vai buscar compreendê-lo a partir de uma pesquisa historiográfica¹⁸ questionando o porquê desse hiato temporal de nove anos para a abertura do processo-crime e ainda o porquê de que mesmo contra todos os indícios o casal é inocentado.

Ao mergulhar na história encontram-se dados que apontam realmente um contexto de coronelismo¹⁹ no qual há um possível apadrinhamento do casal, explicando aí as razões para o veredicto da inocência. Escreve Nóbrega:

No entanto, essa história [e essa verdade] tão pronta dos julgamentos me causou um certo incômodo, me provocando o desejo de desalinhar essa evidência e problematizar o hiato temporal criando de quase uma década entre o momento da morte de Francisca em 1923 e a abertura do processo-crime em 1932. Quais as tramas históricas que perpassaram/constituíram esse evento e o que havia sido dissimulado e cuidadosamente escondido? (...) Esse incômodo me incitou a

¹⁷ As várias histórias da santa Francisca, ao anunciarem o seu passado de martírio, e o seu presente de milagres, tornaram inteligível o pensar sobre a sena e aquilo que lhe deu origem, mitificando a crença. Neste sentido podemos pensar a **invenção** histórica da santa, como sendo também uma invenção mítica, uma vez que as histórias sobre a santa elaboram uma ideia de origem, não só pelas escritas publicizada, mas também pela cumplicidade estabelecida entre as “artes de dizer” e as “artes de fazer”, entre o encontro de campos verbais e campos gestuais, considerando que as formas de fala/publicar o sagrado, mas do que descrever gestos, elas o fazem. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Op. Cit. p.152. (NÓBREGA, 2000, p. 84).

¹⁸ Em sua pesquisa destacam-se entre outros referenciais, alguns historiadores que trataram da história da Paraíba, como José Octávio (1997) e Eliete de Queiroz Gurjão (1999), os arquivos da Fundação Ernani Sátiro da cidade de Patos e o livro memorialista de Antônio Gabínio – Juiz que tinha reaberto o processo da Menina e levado a julgamento público em 1932.

¹⁹ O coronelismo é uma manifestação do poder privado, baseada numa troca de proveitos entre o poder público e a influência dos chefes locais, notadamente dos senhores de terra. (LEAL, 1949, p. 20). Ver: LEAL, V. N. Coronelismo, Enxada e Voto O município e o regime representativo no Brasil. [S. l.], 1949.

empreender uma nova pesquisa sobre as relações políticas e judiciárias nessa historicidade, assim como sobre o panorama das relações sociais na cidade considerada como a “rainha do sertão” (NÓBREGA, 2000, p. 47).

O historiador José Octávio Arruda Mello (1995) explicita como eram estabelecidas as relações de poder nas décadas de 1920 e 1930, período marcado pelas oligarquias: destaca-se no sertão paraibano a presença de uma configuração política na qual os chefes políticos eram os coronéis.

O sistema oligárquico na República reafirmava a dominação desses grupos que exerciam o poder local na Paraíba. Os coronéis do grupo majoritário controlavam o Conselho Municipal, ao mesmo tempo em que trabalhavam junto ao presidente, através do apoio dos deputados por eles eleitos.

Por conseguinte, eram estabelecidas relações de troca. Os coronéis ao apoiarem os presidentes, obtinham amplos poderes nos territórios da respectiva jurisdição política. Sendo os cargos públicos (diretores de mesas de renda e fiscais de tributos, juízes, promotores, delegados de polícia, professores, etc.) exercidos pelos familiares do coronel ou por pessoas de sua confiança. O que pode ter também ocorrido no Município de Patos, sendo o coronel Miguel Satyro o detentor do poder local, contando com o apoio do presidente Eptácio Pessoa (NÓBREGA, 2000). Assim, o casal pode ter sido beneficiado por essas associações políticas, em virtude de o promotor que arquivou o caso em 1923 ter sido nomeado pelo próprio Major Miguel Satyro, como ocorria na época.

Escreve Nóbrega: *A hegemonia da oligarquia no aparelho de Estado que nos interessa nessa história é a constituição da tradição coronelista dos epitacistas, chefiado por Eptácio Pessoa (1912-1930)²⁰ e a transição para o governo de José Américo de Almeida no pós-30* (NÓBREGA, 2000, p. 50).
Continua:

²⁰ O epitacismo, sob o comando de Eptácio Pessoa (1912-1930) contou com cinco “presidentes-governadores”: Antônio Pessoa que completou o mandato de Castro Pinto de 1915 a 1916, Camilo de Holanda de 1916 a 1920, Sólon de Lucena de 1920 a 1924, João Suassuna de 1924 a 1928 e João Pessoa de 1928 a 1930. (MELLO, 1995:146).

No período entre 1912 e 1930, a oligarquia epítacista tinha controle sobre a máquina estatal da Paraíba. Os coronéis das municipalidades ficaram atrelados a sua política de governo, mas essas alianças não se deram de forma pacífica. Em 1928, quando João Pessoa – sobrinho de Epitácio Pessoa – assumiu o governo, instituiu uma série de reformas que acabaram por criar uma crise na oligarquia dos Pessoa. (*Ibidem*).

João Pessoa no governo da Paraíba teria empreendido reformas, que buscava desarmar os coronéis e instaurar uma nova política tributária que afetava as oligarquias algodoeiro-pecuárias do interior em detrimento da oligarquia açucareira do litoral, ocasionando a crise definitiva da família Pessoa, pois o escoamento da produção algodoeira para o exterior era realizado através de Pernambuco, administrado pelos Pessoa de Queiroz. (*Ibidem*, p. 52).

Desarmaram-se os proprietários e caminhões carregados de armas começaram a fazer o percurso entre pontos críticos do interior e a capital. Promotores de justiça comprometidos com o coronelato foram demitidos e juizes de Direito postos em avulsão. A polícia foi reformulada, subordinando-se à presidência do Estado. Jovens bacharéis foram nomeados para as delegacias de polícia, à margem de qualquer interferência política. Os prefeitos municipais, escolhidos pelo presidente do Estado, passaram a dispor de mandato de quatro anos, proibida a recondução. Eleições para os conselhos municipais realizaram-se a trinta e um de dezembro de 1928 (MELLO, 1995, p. 172).

Essas medidas ocasionaram a eclosão da Guerra de Princesa:

O coronel José Pereira do município de Princesa de Isabel – o mais influente chefe político do sertão – aliado com os irmãos Pessoa de Queiroz - empreenderam uma revolta armada contra o governo do Estado, que se mobilizou na contenção desse conflito, levando seu exército para implodir a revolta. (NÓBREGA, 2000, p. 52).

Patos não participou desse conflito. Nóbrega afirma não ter encontrado registro histórico falando da posição adotada pela família Satyro em relação ao evento de Princesa. Porém, nos arquivos da Fundação Ernani Satyro ela encontra uma carta onde, em novembro de 1929, o Major Miguel Sátyro reafirmou sua aliança com a oligarquia de João Pessoa através de uma carta/documento endereçada ao governo do mesmo, demonstrando, portanto, que Patos, não se aliou ao coronelato de Princesa de Isabel, mas apoiou a causa de João Pessoa. (Ibidem, p. 53-54).

João Pessoa morre em 1930 e com a sua morte há eclosão da “revolução de 30”, ocorrendo modificações nas relações políticas de Patos. Muda-se o governo Estadual, fato que refletirá diretamente na hegemonia dos líderes políticos locais, em função das alianças que são desfeitas:

O País passou por uma série de reformulações, tendo como eixo político maior a afirmação da autoridade central, o que consistia numa ameaça as elites regionais. Assumindo a herança política de João Pessoa (...), José Américo de Almeida passou a ser o seu sucessor no executivo do governo paraibano. A sua entrada no cenário político paraibano é caracterizado pela historiografia como o fim da oligarquia epitacista. (Ibidem, p. 57-58).

Foram realizados novos arranjos políticos, novas alianças, refletindo diretamente sobre o sistema coronelista da oligarquia paraibana. Como escreve Nóbrega, o Governo Federal passou a administrar o país através de interventores.

E na Paraíba isso se configurou a partir da repressão e/ou cooptação disciplinar das forças oligárquicas. O sucessor de José Américo de Almeida, Antenor Navarro (1930- 1932), também legitimou essa política anti-coronelista e passou a nomear os novos prefeitos dos municípios paraibanos, na tentativa de alquebrar as forças coronelísticas. (Ibidem, p. 58).

Diante desse cenário político, observa Elisa Nóbrega (2000) que em 1932, data significativa na nossa problematização histórica, o momento de reabertura do processo-crime de Santa Francisca é também o momento da entrada na prefeitura de Patos de um inimigo político do Major Miguel, Aldegício Olhynto.

O processo constitucional de 1932 acentuou as dissidências oligárquicas, compondo dois blocos de forças políticas. O primeiro grupo, que detinha o controle do aparelho de Estado, era liderado por José Américo de Almeida, através do Partido Progressista (PP); e do outro lado, os opositoristas liderados por Joaquim Pessoa via o Partido Republicano Libertador (PRL). Os Sátyrus faziam parte do PRL e, por isso, perderam (ainda que por pouco tempo) o domínio político sobre a cidade de Patos. Antônio Américo nomeia em 1932 para a prefeitura da cidade Aldegício Olhynto de Mello e Silva. (Ibidem, p. 58-59).

Segundo Nóbrega, o então prefeito realiza algumas mudanças, não deixando de fora o poder judiciário, sob o discurso de moralizar a cidade. Juízes e promotores foram substituídos e processos abertos. Ibidem, p. 60.

Destarte, em 1923 quando houve a morte da Menina Francisca e o inquérito policial foi arquivado pelo promotor José Genuíno Correia de Queiroz, o Major Miguel não tinha nenhum adversário político na cidade, sendo totalmente legitimado pela política de Eptácio Pessoa, já em 1932 o seu prestígio político estava extremamente ameaçado. (Ibidem, p. 62)

Nóbrega (2000) pergunta se havia uma “coincidência” entre a disputa política entre o prefeito de Patos Olhynto e os Satyros, e a abertura do processo-crime da morte da Menina Francisca, tomando como referência o fato de que o casal, Domila e Absalão Emerenciano, acusado do crime, chegou a Patos a convite do Major Miguel Sátyro. (Ibidem).

Em 30 de dezembro de 1932, o novo promotor público Massillon Caetano de Pontes, nomeado pelo prefeito Adelgício Olhynto faz a seguinte denúncia:

Há dez anos passados, esta cidade era profundamente abalada pela notícia do crime monstruoso, que vitimava a pobre e pequenina Francisca. Toda a cidade, com uma veemência raramente observada, apontava Absalão e sua mulher como os desumanos assassinos da infeliz criança. Por longos dias este crime foi o comentário incessante de toda as conversas. Toda uma cidade indignada, toda uma cidade revoltada; relembrando o sofrimento de Francisca e as circunstâncias assustadoramente cruéis do seu assassinato. E sempre a mesma afirmação, sempre a mesma acusação convicta: “Absalão e Domila mataram Francisca”. **E como uma proteção escandalosa e torpe favorecia os criminosos**, a indignação crescia a toda hora. (...) Mas eles, graças aos empenhos, e, segundo consta, (...), conseguiram a impunidade até hoje (Processo-Crime Digitalizado, 1932:69. Grifo nosso).

Essa denúncia feita pelo promotor Massillon Caetano (1932) demonstra que havia sim uma disputa política, que contribui significativamente para que o processo-crime da morte de Francisca fosse reaberto. Massillon acusa o poder judiciário e os políticos responsáveis em 1923, o Major Miguel Satyro, de ter favorecido o casal acusado do crime.

Conclui Nóbrega, que a abertura do inquérito em 1932 no governo de Adelgício Olhynto se revela como estratégia política, pois a esta data a Menina já era considerada santa, de maneira geral, pela população de Patos e por todos aqueles que ouviram falar de sua morte. O local, nas pedras, no sítio Trapiá, onde foi encontrado o corpo da Menina, já era lugar de devoção e motivo de peregrinações. Escreve Nóbrega: *“Esse não era um caso como outro qualquer – como o pedido anônimo em torno do “finado” Izaque -, pois ele tinha uma eficácia política dentro da sociedade de Patos, que já tinha a menina Francisca como a santinha da cidade”*. (Ibidem, p. 63).

O grupo político de Adelgício Olhynto estaria “atendendo” a uma necessidade do povo patoense, ao buscar fazer justiça ao sofrimento da Menina e aos depoimentos da população que afirmavam ser Domila e Absalão os responsáveis pelo crime. Moralizar a cidade, ou seja, fazer justiça, pode se configurar como uma excelente estratégia política, para um governo que quer cair nas graças do povo, uma vez que este é um desejo caro à população de Patos.

Embora o rearranjo político em 1932 na cidade tenha possibilitado a reabertura do processo-crime, a verdade jurídica afirma que o casal Emerenciano é inocente. Sendo encerrado em 1935 o processo-crime da morte de Francisca, considerada santa pela população, demonstrando, como afirma Elisa Nóbrega, que o poderio do major Miguel nunca foi abalado totalmente.

Em 1935, os Satyros voltam ao governo, o prefeito deixa de ser Adalgício Olyntho e passa a ser Clóvis Satyro e Sousa, Filho de Miguel Sátyro. “Mas essa descontinuidade não pode ser entendida como um absoluto. O alquebrado lugar de poder do Major Miguel não foi totalmente desmontado. A verdade Jurídica criada pelos julgamentos do crime do casal Emerenciano foi a inocência”. (Ibidem, p. 65-66).

Nóbrega prossegue a argumentação na qual os fatos históricos indicam o apadrinhamento do casal ao trazer trecho do livro memorialista do Juiz Antônio Gabino, que desarquivou o processo: “pronunciei os responsáveis, mas não demorou que os jurados, escandalosamente, os absolvessem. Foi, no caso, a última emboscada do coiteiro paciente e incansável”. (Ibidem, p. 66).

Destarte, diante desse percurso na história, observamos que a “verdade mítica” se coaduna com a realidade sociopolítica da cidade, embora a história mítica não se configure como uma única versão oficial letrada com comprovação histórica. Contudo, é a crença no mito cotidianamente atualizada que leva os devotos o “acionarem” para legitimar a crença em Santa Francisca. “Recebeu antes o nome de autoridade: aquilo que “tirado” da memória coletiva ou individual, “autoriza” (torna possíveis) uma inversão, uma mudança de ordem ou de lugar, uma passagem a algo diferente, uma “metáfora” da prática ou do discurso” (CERTEAU, 1994, p. 163). A devota em sua fala traz a memória mítica para afirmar que a Menina tem poder de intercessão:

Num é que a gente vai pedi, não ela vai fazer isso p'ra mim não, mas eles tem mais merecimento que a gente, porque, eles são santo, né? Aí, então por ter uma pessoa assim, que foi bem conhecida aqui... Porque tem santo que eu não sei! Está entendendo? **A história, aqui, quando eles vão rezar pede assim pelo o que ela passou, que sabe o que ela passou, o que ela sofreu, está entendendo?** Aí, pelo fato de achar ela mais fácil, mais perto, e conhecer um pouco mais da vida dela, aí tem mais esta liberdade de pedir interseção a ela, entendeu? (Devota. Idade: 25 anos em 2009).

A linguagem mítica a respeito de Francisca cria um espaço de legitimidade da devoção pela construção de um passado que confere autoridade às práticas dos devotos, cotidianamente vivenciadas.

E nessa prosa cotidiana, publicizada em júri simulados e em folhetos de cordel cada vez mais a santidade de Francisca passou a ser autorizada pelo signo da verdade e da realidade. E nesse sentido, a crença agencia dois dispositivos básicos: o falar em nome de um real que é crido e a capacidade do discurso autorizado pelo real de construir elementos de práticas organizadas dos artigos de fé, como ex-votos, velas, cartas, poemas, peças, romances, cantos, rezas... (NÓBREGA, 2000, p. 68).

1.2.3. De Menina a Santa

O mito da Menina Francisca nos revela como e porque ela veio a ser consagrada Santa. É como já afirmamos a partir dessa memória da morte da Menina em 1923, associada à realidade social e a fé dos devotos que a devoção é criada. E é a partir da memória da morte de Francisca em 1923, até os dias de hoje que os nossos interlocutores, atualmente, afirmam que são devotos e a consideram santa. Quando nos falamos os motivos pelos quais atribuem a santidade à Menina o fazem a partir de trechos do mito, produzindo assim novas versões.

Eu acho que, é realmente pela história, pelo o que aconteceu com ela, por todo o sofrimento dela. Que depois muitas pessoas, muita gente faz o pedido e ela intercede. Ela morreu criança inocente, os mais velhos dizem que a madrasta era muito ruim e que batava até panela quente pra ela segurar, judiava muito com ela, então toda essa história de sofrimento dela, faz com que a gente olhe, né? Reflita e pense, quem sabe ela não seja até beatificada por causa disso, né? Que nem tá em processo. Tramitando o processo de beatificação, já está (Moradora de Patos, engajada em Pastoral. Idade: 34 anos em 2011).

Os devotos afirmam considerar Francisca santa por uma variedade de justificativas. A maioria dos nossos interlocutores devotos ou não, aponta o sofrimento da menina por se tratar de uma inocente criança, por ela operar milagres, ou seja, pelas graças alcançadas e pela não punição do casal, a injustiça social. Estes são os elementos alimentam a fé dos devotos e legitimam a santidade de Francisca.

O mito que se atualiza nas vozes dos devotos comunica que estes elementos são significativos para a sociedade de Patos e, portanto, para a criação da devoção e santificação da Menina. Os moradores falam do sofrimento de uma inocente criança, do milagre e da injustiça social na seguinte sequência:

Primeiro é o aspecto do próprio assassinato, né? O fato de **uma criança de sete anos tão castigada**, tão **espancada**, que na verdade, a gente já até presume que ela não tinha a intenção de matar, né? Mas de judiar é uma coisa dela, uma coisa natural, porque ela espancava a menina diariamente, tratava ela como criada, tanto é que ela tinha marcas que ajudaram na própria identificação, por exemplo, esse defeito que ela tinha em um dos pés, quando em um dos espancamentos (Morador da cidade. Idade não informada em 2009).

ela ser assim, bastante **milagrosa**, eu sei que ela é milagrosa, eu sei que é, aí, às vezes eu fico assim, porque que ela ainda, o que falta ser, porque eu acredito que por aí a fora já tem bastante milagre, e eles assim não acreditam, para que ela fosse canonizada (Devota. Idade 39 em 2009).

Na verdade o ponto primordial de tudo isso foi o aspecto de injustiça, a **injustiça** já toca todas as pessoas porque ela provoca antes de tudo nas vítimas um sentimento de dó, um sentimento de compaixão. (...) E o fato, por exemplo, dos **poderosos, os poderosos entre aspás**, o coronelismo da época, ter totalidade nas decisões, o que eu acho que mais contribuiu pra que isso acontecesse, primeiro, foi exatamente, esse ponto de injustiça, (...) **a menina foi morta praticamente com sete anos de idade, ela não teve tempo de vida** (Morador da cidade. Idade não informada em 2011.).

A injustiça social sofrida pela Menina e pela população de Patos da época presente no mito, que também está inscrita no processo-crime, nos

revela que eleger Francisca Santa além de uma manifestação de devoção e, portanto de fé, pode se configura também como uma forma da população de Patos fazer justiça frente à dominação dos coronéis da época, uma vez que confere poder a uma menina simples como o povo. Michel de Certeau (1994) quanto às artes brasileiras, ao citar a devoção a Frei Damião, se aproxima dessa nossa análise, que vê a eleição de Francisca como uma forma de inverter a ordem no contexto da devoção. Esta não está mais do lado dos fracos, ela tem poder de realizar milagres:

Ali, numa linguagem necessariamente estranha à análise das relações sócio-econômicas, podia-se *sustentar* a esperança que o vencido da história – corpo no qual se escrevem continuamente as vitórias dos ricos ou de seus aliados – possa, na “pessoa” do “santo” humilhado, Damião, possa erguer-se graças aos golpes desferidos pelo céu contra os adversários. Sem retirar nada que seja àquilo que se diz cotidianamente, os relatos de milagres respondem a isso “de lado”, de viés, por um discurso diferente no qual só se pode “*crer*” – da mesma forma que uma reação ética deve acreditar que a vida não se reduz àquilo que se vê (CERTEAU, 1994, p. 77).

Um morador da cidade fala:

A gente sempre cresceu com esse sentimento de injustiça, num é? Que eles foram a júri por duas vezes e a questão que ainda hoje prevalece, quem tem dinheiro não vai para cadeia e **cresceu este sentimento de injustiça** com relação aos pais dessa criança. Então, colocando na mente que além de ser um ato de violência brutal ouve a injustiça, **os seus responsáveis não foram punidos devidamente. E esse sentimento de injustiça faz cresce este amor por ela, né? Como se dissesse; sou solidária a você por tudo que aconteceu**, isso parece que provoca uma amor muito mais profundo pela Menina (Católico engajado. Idade: 41 anos em 2011. Grifo nosso.).

Por saber da importância da devoção à Menina Francisca para a população de Patos, assim como possivelmente foi percebido pelo prefeito Adelgício Olhynto em 1932, um vereador da cidade atualiza o mito de

Francisca ao escrever uma peça sobre ela, conferindo a peça uma ênfase ao tema da injustiça social:

É bem simples bem popular esta peça, e tem um estudo interessante que uma historiadora fez. Eu coloquei até este estudo no livro, nesta terceira edição, ela faz um estudo sobre o processo de santificação, né? O processo de santificação, aí quando ela chega na minha peça ela diz que eu quebro o que vinha sendo feito, eu dou outro caráter ao processo Cruz da Menina, né? Sai da religiosidade para **mostrar a injustiça social**, eu quebro o que vinha com o negócio da santa, fazendo milagre, esse negócio, né? E a peça brinca até dessa religiosidade, em toda a questão dos milagres como acontece. Eu faço até uma brincadeira com isso, logicamente, respeitando. Mas a peça já dá novo rumo a questão da Cruz da Menina, vinha sendo tratado de uma forma bem mística, a gente já dá outro tratamento, (...). O poder econômico é determinante em muita coisa dentro de um processo, eu levanto muito esta questão (Vereador da cidade de Patos. Idade: 45 anos em 2009. Grifo nosso.).

Então, quando perguntamos, por que o vereador resolve escrever sobre a Cruz da Menina dando ênfase ao tema da injustiça social, ele responde:

(...) eu queria iniciar um movimento teatral na cidade de Patos, aí, baseado até no pensamento de Paulo Pontes, não sei se vocês já ouviram falar em Paulo Pontes. (...). Ai, Paulo Pontes dizia um negócio interessante, ele dizia mais ou menos assim; “que o importante é o jeito, é a linguagem, **é o cheiro do povo no palco**, que ele saiba que na realidade é o grande derrotado. Agora como você não consegue colocar o drama do povo em toda sua consequência, que você coloque pelo menos a cara do povo, do jeito que ela é”. Aí, baseado nesse pensamento dele, eu fiquei imaginando que peça teatral eu vou fazer em Patos, que peça teatral eu vou fazer para que as pessoas vão ao teatro? Que tema eu vou abordar? Qual seria o tema que encantaria as pessoas, levaria as pessoas ao teatro? Entendeu? Aí, eu pensei, e disse: pronto! **A Cruz da Menina, pronto, porque a Cruz da Menina, a história encanta as pessoas, né? Porque as pessoas sentem o sofrimento que ela passou, tal.** Ai pronto, eu escrevi a peça baseado nisso, p’ra trazer gente p’ro teatro e realmente trouxe, não só p’ra cidade de Patos, mas para o Brasil de uma forma inteira, porque foi montado em vários locais. Por que as pessoas montam um tema da cidade de Patos em São Paulo? Em Alagoas, por quê? Porque na verdade a violência infantil é uma questão universal, ela transcende os limites do Estado num é? Porque como é um tema universal que trata da

violência, da injustiça social, o que interessa a todo mundo. (Vereador da cidade de Patos. Idade: 45 anos em 2009. Grifo nosso.).

A injustiça social presente no mito e na sociedade de Patos na época da morte da Menina Francisca ainda está presente na atualidade, e como coloca o vereador: Quantas meninas são vítimas de violência no Brasil, e os assassinos e criminosos ficam impunemente livres, em função de pertencer a uma classe economicamente favorecida? O que causa medo aos menos favorecidos, principalmente o medo de denunciar.

Essa injustiça além de estar presente no cotidiano das nossas sociedades, e de ser elemento fundamental para constituição da devoção à Santa Francisca, é, por conseguinte, um dos fatores que alimenta e atualiza a devoção, mesmo com a existência de disputas e tensões em torno dela, que aponta para a sua dissolução. A devoção resiste criativamente.

Movimento como o de Graziela Emerenciano, filha do casal, que andou fazendo ameaças e denúncias ao poder judiciário contra a divulgação do mito da Menina Francisca, que aponta seus pais como assassinos, sobretudo, em 1993, quando Damião Lucena produziu um vídeo encenando a narrativa. Conta o próprio Damião:

Inclusive na época uma das filhas de Domila, que é Graziela que inclusive mora em Campina Grande jornalista que trabalha no diário da Borborema, ou trabalhou, ela não gosta muito da divulgação do fato, a mãe dela é diretamente, é a algoz do crime, por conta disso, nós chegamos inclusive em uma determinada época nós fomos presos, na verdade foi uma reclusão rápida, uma forma de até inibir a divulgação deste material (Damião Lucena, 2009).

Ameaça que ainda produz efeitos. Por exemplo, os moradores antigos que têm uma memória das ameaças feitas por Graziela, pois os seus pais presenciaram o período onde só existia a capela, se recusam a falar sobre a Cruz da Menina, temendo represálias.

Ao chegarmos à casa de uma moradora antiga, que residiu próximo da capela, indagamos se podíamos falar um pouco sobre a Cruz da Menina, ela

logo respondeu que não sabia de nada sobre, que sabia apenas o que todo mundo sabia, se recusando contundentemente a falar sobre o assunto.

Do mesmo jeito as suas sobrinhas, também se negaram a conversar conosco, mesmo explicando-as do que se tratava a pesquisa. Afirmavam que não sabiam nada mais sobre a Cruz da Menina além do que todo mundo sabia.

A sua vizinha, de 39 anos, que também é uma moradora antiga, concordou conversar conosco, mas só após muita explicação, contudo não nos deixou conversar com o seu pai de 85 anos de idade, afirmando que ele tinha ido pescar, embora tivéssemos desconfiado que ele estivesse em casa.

Quem nos indicou a casa desta senhora de 39 anos, foi uma vendedora do Parque Religioso Cruz da Menina, ao acreditar que a moradora antiga e o seu pai podiam nos informar melhor sobre a história da Menina Francisca:

Sei, ele mora aí do outro lado, daí desse portão você vê a casa dele, seu (...). A filha dele passa muito aqui, ela é viúva, ele é viúvo e ela é viúva também, morreu a mãe dela e morreu o marido dela, ela mora sozinha com o velho, ele é bem velhinho, seu (...). Inclusive a gente foi agora no Juazeiro pagar uma promessa, porque ele operou da próstata, ele parece que tem oitenta e sete anos. Aí, ele fala que conheceu a menina, parece que eles vendiam lenha, iam deixar lenha na casa da menina, ele diz: - Eu lembro, ela olhava assim da janela, bem magrinha ela. Ele não tinha contato com a menina não, só fazia ver ela na janela (vendedora do Parque Religioso Cruz da Menina e moradora de Patos. Idade: 50 anos em 2009).

Quando voltamos outro dia ao Parque, a vendedora nos informou que a citada moradora havia mandado sua filha ir reclamar, por ela ter nos informado que a vizinha e o seu pai poderiam nos ajudar. A filha teria falado: - “Mainha mandou dizer que a senhora não mandasse ninguém ir lá em casa, não, porque ela só sabe, o que todo mundo sabe”.

No primeiro momento, não havíamos entendido o porquê que tais moradores não queriam falar sobre este assunto, mas com a conversa com Damião Lucena ficou claro. Todavia, mais adiante do nosso percurso de pesquisa ficaram ainda mais evidentes os motivos quando conversamos com outra vizinha, não tão antiga na Vila Mariana.

A moradora, com idade média de 52 anos, vizinha e amiga das moradoras que se recusaram a falar da Menina Francisca, nos informou que certo dia conversando com uma das moradoras, a mais velha, ela lhe disse que um dia a filha do casal, Graziela, tinha visitado a Vila Mariana e pedido para as pessoas não falarem mais no assunto, e é por isso que elas não falam, comentando no fim, que as moradoras devem ter medo de represálias.

Eleger Francisca santa é uma prática de fé, mas pode ser uma forma dessa população simples, que tem medo de represálias falar, ganhar voz. Destarte, diante do mito da Menina Francisca que é atualizado hoje na voz dos nossos interlocutores, no qual o sofrimento, o milagre e a injustiça social ganham destaque, estando esta última inscrita no processo-crime, consideramos que eleger esta Menina como santa, movidos pela fé, significa apropriar-se de Francisca como um símbolo da condição e da consagração da população mais simples.

Elegê-la é conceder vida à Menina e à própria massa popular. Ocorrendo assim uma inversão na relação de forças, *onde os fracos são elevados, refazendo simbolicamente a ordem estabelecida.* (STEIL, 1996, p. 159). Argumenta Oliveira: “A religião tende a expressar diretamente os seus interesses “terrenos”, ainda que sob formas etéreas (como diz Marx)”. (OLIVEIRA, 2010, p. 192).

E a gente percebe que é um sentimento de muita devoção a Menina Francisca, no final da missa as pessoas levam muitos objetos que é sinal da Menina Francisca para serem bentos, abençoados, a gente percebe que tudo nasceu e cresceu a partir desse respeito desse amor, que na mente do povo a Menina já é santa, já é santa, já é santa. (Morador de Patos. Diácono permanente. Idade: 41 anos em 2011.).

2. Capítulo II:

Devoção à Santa Francisca.

Tendo a população, como nos comunica o mito, consagrado a menina Francisca como Santa, ao se comover e se identificar com o sofrimento da menina, movidos pela fé, iniciam-se as devoções e peregrinações. Consoante Michel de Certeau (1994):

Uma formalidade das práticas cotidianas vem a tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. (CERTEAU, 1994, p. 85).

Agora não se fala apenas em uma criança simples encontrada em estado de decomposição, mas em uma Menina santa, viva, que pode fazer algo diante da situação, que pode fazer justiça a situação dos seus devotos. O que se aproxima da compreensão de Pierre Bourdieu, que concebe a religião como uma força *estruturante* da sociedade. A religião para ele desempenha a função simbólica de conferir à ordem social um caráter transcendental, consegue revestir o que é produto humano com o caráter sagrado. É o que Bourdieu chama de *Alquimia ideológica* (OLIVEIRA, 2010, p. 179-180).

E é através de suas práticas cotidianas, das suas “maneiras de fazer” (acender velas, realizar orações, deixar ex-votos, narrar o mito, escrever cordéis, livros, peças, construir capela, parque, etc) ao acionar uma memória

de um corpo que se fez santo que os devotos e moradores atualizam o mito e a própria devoção.

Rememorando os mitos, reatualizando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram “nas origens”, porque conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. “E o rito pelo qual se exprime (o mito) reatualiza aquilo que é ritualizado: recriação, que dá redenção”. E conhecer as origens das coisas (...) “equivale a adquirir sobre as mesmas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las ou reproduzi-las à vontade” (BRANDÃO, 2004, p. 39).

2.1. De Sítio Trapiá a Vila Mariana: Cruz, Capela e Parque.

A partir do mito e de sua atualização nos relatos escritos, nas vozes dos romeiros e dos atuais moradores de Patos, buscamos trazer ao leitor as mudanças que ocorreram na localização da devoção, no espaço físico do culto e como tais transformações influenciam na elaboração de novas concepções da própria devoção. Ao mesmo tempo em que procuramos introduzir o leitor na paisagem do Parque, depositário de uma memória mítica que vem se atualizando.

A devoção, segundo o mito, se inicia a partir de uma cruz colocada no local onde foi encontrado o corpo de Francisca, em 1929 ela ganha uma capelinha, fruto de um milagre por ela realizado, e em 1993 a devoção ganha uma estrutura maior, denominada Parque Turístico Religioso Cruz da Menina.

A localização da cruz e da capelinha era o sítio Trapiá, mas com o desenvolvimento urbano, com a desapropriação dos antigos moradores do sítio Trapiá e com a construção do Parque, a devoção hoje possui um novo endereço; localiza-se às margens da BR 230, no bairro Vila Mariana. Distante do centro de Patos. Os nossos interlocutores falam como se a Vila Mariana não estivesse localizada em Patos, usando a expressão: “lá em Patos”.

A vila é um bairro habitado em sua maioria por pessoas de baixa renda. Possui uma associação de moradores, uma igreja evangélica (Assembleia de Deus) com uma estrutura bem precária, uma igreja católica (Nossa Senhora das Dores) também bem simples, com telhado não forrado e piso grosso, muito

diferente da maioria das igrejas católicas existentes no município de Patos, que possui estruturas bem melhores, além de uma escola e um pequeno posto de saúde que funciona no interior do Parque Cruz da Menina. Trata-se de um pequeno bairro com carência de escolas, creches, posto policial, entre outras. A moradora descreve o descaso dos políticos quanto à assistência ao bairro, e destaca a necessidade de uma melhor estrutura:

Agora assim, ainda é um bairro tão parado hoje em dia a administração não olha p'ra gente, não olha p'raqui, sabe? Não olha, não tem nada, teve curso aí na cidade por todo canto, todo bairro teve curso, nós não tivemos direito de curso de nada, tem tanta mãe desocupada. Outra coisa, aqui precisava que aqui tivesse uma creche, não tem, Por quê? Porque as mães mais pobre daqui trabalha na rua, elas sai daqui com os filhos dela nos braços, outros puxando na mãozinha p'ra deixar na creche no centro, ali perto da igreja Nossa Senhora de Fátima (Moradora da Vila Mariana. Idade: 38 anos em 2009).

Na fotografia a seguir, podemos observar a estrutura de algumas casas construídas mais recentemente na Vila Mariana. Embora existam casas já reformadas, a maioria delas corresponde ao tipo de casas populares, chamadas embriões.

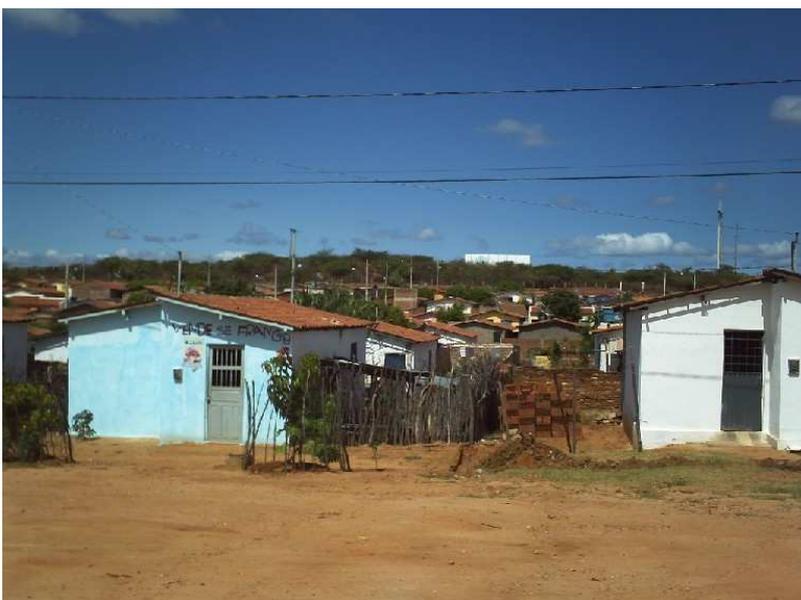


Figura 4: Casas da Vila Mariana. Fotografada em agosto de 2009.

Um vereador da cidade também caracteriza a Vila Mariana como um bairro de baixa renda:

É a Vila Mariana ali, é uma comunidade muito pobre, né? Muito carente, eu conheço ali, por muito tempo, porque eu fui gerente regional da Cagepa aqui. Por sinal na minha gestão foi colocado água lá na Cruz da Menina, ali na Vila Mariana, é uma localidade bastante pobre (Vereador da cidade de Patos. Idade: 47 anos).

O Parque Turístico é resultado do projeto urbanístico e arquitetônico planejado por Rêgis de Albuquerque Cavalcante, arquiteto encomendado pelo então prefeito de Patos, Antônio Ivânio de Lacerda. Tratou-se de uma iniciativa não apenas municipal, mas de uma parceria entre a prefeitura com o citado prefeito em exercício e o Governo do Estado, na administração de Ronaldo Cunha Lima, no ano de 1993. E com esta construção novos sentidos foram impressos a devoção.

2.2. A devoção

A devoção popular acomoda uma diversidade de discursos, rituais e práticas que os devotos investem. Para Pierre Bourdieu nas religiões populares há: “o **domínio prático** de um conjunto de esquemas de pensamento e de ação **objetivamente sistemáticos**, adquiridos em estado implícito por simples familiarização” (BOURDIEU, 2011, p. 40. *Grifos do autor*). Que segundo Oliveira: “É, em outras palavras, uma produção religiosa de autoconsumo, na qual os produtores são os próprios consumidores” (OLIVEIRA, 2010, p. 183).

Mesmo considerando-se pertencente ao universo do catolicismo oficial, os devotos se relacionam com o sagrado em uma relação direta com o santo e com o sobrenatural, sem precisar necessariamente da mediação do clero católico. Ao mesmo tempo em que vê o santo como uma pessoa humana e amiga, o vê como poderoso.

Porém, mesmo estabelecendo esta relação direta com o santo, confere importância também aos rituais, como as missas e celebrações, e aos sacramentos oferecidos pela Igreja e conseqüentemente pelo clero. A mesma devota citada acima, afirma preferir batizar o filho na igreja ao lado do Parque, Nossa Senhora das Dores, quando perguntei o que ela achava de ter uma igreja católica bem ao lado do Parque:

Importante, porque tem o espaço p'ra as pessoas que, por exemplo, ali pode ter uma missa qualquer hora agora, ate p'ra o pessoal da comunidade, seis horas da manhã no domingo, hoje se tiver um evento tem onde, né? É assim, tipo evangelização, e quanto mais melhor, a gente poder chamar o pessoal p'ra Deus melhor, quanto mais oportunidade chegar melhor, né? Tem batismo lá, meu menino foi batizado lá. (...) Desde criança que eu freqüentava lá, e sempre me senti bem, aí fui batiza ele lá (Devota e moradora de Patos. Idade: 25 anos em 2009).

No interior do Parque Cruz da Menina é possível ver e vivenciar diferentes rituais nos quais se relacionam romeiros, moradores e clero, revelando uma indeterminação de fronteiras entre o que é definido como prática oficial Católica e prática do Catolicismo Popular. As celebrações das missas demonstram essa indeterminação das fronteiras, embora em alguns momentos e para alguns essa fronteira seja bem nítida:

Participo, é bem interessante, assim, foi construída a igreja aqui, é tanto que a missa é feita mais na igreja, porque a comunidade não tem uma igreja, construíram a igreja, todo o dia doze tem a missa da menina Francisca, aí é feita aqui no Parque, agora nos domingos é feito lá, na igreja, no domingo dia doze é feito na igreja, porque todo domingo tem missa de manhã e a tarde, então caindo assim, no dia de domingo ela é feita, a missa, na igreja mesmo, durante a semana é feita no Parque (Devota e moradora de Patos. Idade: 39 anos em 2009).

O clero concentra sua participação nos momentos das missas, realiza uma vez no mês missa no parque, todos os dias doze de cada mês, e uma missa anualmente, a missa de pentecostes. Os romeiros e os devotos moradores de Patos apresentam uma boa frequência e participação, embora concentrem sua participação nos finais de semana e feriados, intensificando-se a participação dos romeiros nos períodos de romarias.

Os devotos ao mesmo tempo em que cultuam a menina Francisca enquanto uma Santa consideram-se pertencentes à Igreja Católica oficial, participando ativamente das missas que são realizadas no Parque e na igreja ao lado. Não se configura para os que cultuam a Santa Francisca nenhuma percepção de estar praticando um ato de rebeldia ou questionamento das determinações da Igreja Católica e do seu Clero. Ao contrário, tudo se harmoniza e confirma a fé e a prática que se associa à condição de fiel. Porém, a maioria dos moradores de Patos, sobretudo, os engajados em pastorais, concentra sua participação no parque apenas no dia de pentecostes.

Participamos da programação de Pentecostes em 2009 e 2011, e em ambos os anos ela se iniciou no dia anterior ao dia de Pentecostes, com uma vigília na Igreja Nossa Senhora de Fátima, que é a paróquia da igreja Nossa Senhora das Dores (Vizinha ao Parque Cruz da Menina) e se encerrou no dia seguinte com uma missa celebrada no interior do Parque Cruz da Menina.

Na Paróquia foi montada uma boa estrutura para a festa, com o isolamento das ruas que dão acesso à igreja, com a oferta de água e café aos fiéis, sendo tudo gratuito. Havia espaços destinados à venda de artigos religiosos como terços, camisetas, livros, medalhas, entre outros, e também para lanches. Havia também comerciantes informais que se aproveitam da festa para também vender os seus produtos, que em sua maioria são lanches, tendo em vista que a festa contava com um número expressivo de participantes, sendo muitos visitantes das redondezas.

Após a vigília aconteceu um show de louvor na rua atrás da igreja. Montaram um palco em um caminhão, onde grupos de músicas religiosas realizaram um show de louvor a Deus, com a presença de uma multidão de jovens, adultos, idosos e crianças que lotavam a rua com muita animação e emoção. Os cantores o tempo todo agradeciam a presença das comunidades

vizinhas, inclusive, cada comunidade trazia estandarte com o nome da sua comunidade.

Podemos dizer que alguns moradores de Patos e região valorizam a festa, não só a de Pentecostes, mas todas as festas do calendário litúrgico católico. Ao pesquisar a história de Patos e da região sertaneja, verificamos que trata-se de uma cidade predominantemente católica, de uma região marcada pela religião, onde muitas vezes as cidades surgiram em torno de uma igreja, como é o caso de Patos. O seu surgimento coaduna com a criação da freguesia de Nossa Senhora da Guia. Portanto, destacamos a Festa de Pentecostes como uma tradição na cidade, por ser a religiosidade, historicamente, uma característica definidora e identificadora do sertão nordestino.

Este show que citamos parecia ter o papel de animar as pessoas durante a madrugada, se configurando como um lugar de concentração para a saída, às 04h:00, da procissão até o Parque Cruz da Menina, no qual seria realizada a missa de Pentecostes.

Às 04h:05 a procissão saiu, e para nós foi impressionante, pois nos deparamos com uma multidão, pessoas com velas nas mãos. Eram as velas que produziam a iluminação na madrugada, assim as velas e a multidão caminhando em procissão se revelavam como uma bela imagem. Sentimos a necessidade de filmar, pois as câmeras fotográficas não davam conta de registrar “tamanho” imagem. Quando observávamos do lado de fora da BR, da procissão, em uma estrada de terra ao lado, se via quão bela era a imagem da grande quantidade de pessoas que caminhavam iluminadas à luz de velas.

A procissão chegou ao Parque Cruz da Menina por volta das 05h:00. Na frente do Parque tinha uma grande quantidade de barracas de lanche, de sorvete, barracas de tiro ao alvo, brinquedo de “pula-pula” e balões para as crianças. Também observamos a presença de mendigos na porta de entrada do Parque, mesmo não sendo aprovado pela administração. É um encontro marcante entre o sagrado e o profano, a devoção e a diversão.

Para a realização da festa de pentecostes observamos nos dois anos que o Parque Religioso passou por algumas mudanças: a faixa de boas-vindas que fica acima do portão de entrada havia sido trocada por uma nova e as paredes da capela foram pintadas para apagar as inscrições que os devotos

fazem nas paredes da capela, como já citado anteriormente. Mas uma vez, pintar as paredes da capela nos parece demonstrar a tentativa dos administradores em manter a forma “hierárquica” do culto, contendo as manifestações, a criatividade dos devotos, mantendo assim a capela da mesma forma, ou seja, “limpa”. Pintaram também algumas calçadas, passarelas e paredes.

No Parque também foi colocado em cada poste da passarela, da entrada até o fim do Parque, uma pequena faixa com os nomes dos Santos que são padroeiros das diversas comunidades que estavam participando da festa de pentecostes. No fim do Parque, na escada ao pé da cruz, no cruzeiro, foi montado um altar para a realização da missa, e ao lado montaram um palco para a equipe de música.

Os bancos, que normalmente ficam na frente da capela e defronte a imagem de Nossa Senhora, foram retirados, para deixar mais espaço para as pessoas, pois como já afirmamos era muita gente, uma verdadeira multidão. O Parque ficou tomado pelos visitantes/ participantes da celebração de Pentecostes, muitas ficaram fora do Parque. Mas todos participaram da missa, tinha um bom equipamento de som, de maneira que em toda a extensão do Parque e fora dele podia-se ouvir perfeitamente o que era dito no altar.

Os organizadores tinham a preocupação de que todos que estivessem no interior do Parque participassem. Como exemplo, podemos descrever alguns momentos nos quais a intenção de atender a todos se demonstrou: na hora do ofertório o pessoal da coleta andava por todo o Parque, inclusive dentro das salas de milagre, onde ficava muita gente. No momento da comunhão (o momento de receber o pão consagrado, o corpo de Cristo para os católicos), os ministros se dividiam por todo o Parque, de forma que os fiéis podiam comungar (receber o corpo de Cristo) com facilidade, bem perto de onde estavam.

Mesmo durante a missa, o interior da capela estava cheio de devotos que faziam suas orações para a Menina/Santa Francisca. Observamos algumas pessoas que também aproveitam a oportunidade para deixar fotos nas salas dos milagres. Nas pedras onde foi encontrado o corpo da Menina, também havia um grande número de pessoas, mas percebemos que estavam descansando, pois a caminhada era cansativa, e muitas pessoas já estavam

vivenciando a festa de pentecostes desde as 22h:00 do dia anterior. Muita gente sentada nas paredes baixas das salas de milagre. Paredes estas, nas quais as pessoas depositam os ex-votos.

Assim, quando terminou a missa, logo o Parque Religioso se esvaziou. Quando perguntamos sobre a frequência de participação no Parque: “É rara, eu ia mais quando era menor, que ia com os meus pais, quando chega gente na minha casa que as pessoas dizem: Ah! Eu queria conhecer! Aí eu vou mostrar este ponto da cidade com muito prazer... E na missa de pentecostes”. (Moradora de Patos engajada em pastoral e não devota. Idade: 44 em 2011). Outra moradora de Patos, devota de Francisca afirma, ao contrário, ir todos os domingos: “Todos os domingos na missa às seis horas da manhã” (Moradora de Patos e devota. Idade: 35 anos em 2011).

A participação do clero e de alguns moradores católicos, portanto, tende a restringir-se ao campo de práticas religiosas realizadas pela Igreja Oficial. Patos se aproxima, neste sentido, do Bom Jesus da Lapa: “Enquanto os dirigentes e os moradores tendem a ver as práticas dos romeiros como **supersticiosas** ou **fanáticas**, estes geralmente participam dos rituais oficiais com grande emoção e investimento pessoal” (STEIL, 1996, p. 114. Grifos do autor).

Mesmo havendo uma cerca separando-as, muitos veem a igreja católica como a extensão do parque. Uma devota afirma que conhece a igreja Nossa Senhora das Dores como igreja de santa Francisca: “Eu chamo a igreja de santa Francisca, até quando eu estou lá eu fico assim, meu Deus se o Senhor me desse um prêmio à primeira igreja que eu ajudava era a igreja dela. É linda” (Moradora de Patos e devota. Idade: 35 anos em 2011.).

Não há, por conseguinte, na devoção popular uma oposição entre o erudito e o popular. Como defende Canclini (2008), há uma hibridação em sua constituição e em sua atualização:

Os cruzamentos entre o culto e o popular torna obsoleta a representação polar entre ambas as modalidades de desenvolvimento simbólico e relativizam, portanto, a posição política entre hegemônicos e subalternos, concebida como se se tratasse de conjuntos totalmente diferentes e sempre confrontados. (...) O incremento de processos de hibridação

torna evidente que captamos muito pouco do poder se só registrarmos os confrontos e as ações verticais. O poder não funcionaria se fosse exercido unicamente por burgueses sobre proletários, por branco sobre indígenas, por pais sobre filhos, pela mídia sobre os receptores. Porque todas essas relações se *entrelaçam* umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria. Mas não se trata simplesmente de que, ao se superpor umas formas de dominação sobre as outras, elas se potenciem. O que lhes dá a sua eficácia é a obliquidade que se estabelece na trama (CANCLINI, 2008, p. 346).

E ao observarmos esta hibridação na cultura popular, quando privilegiamos a atuação do povo, percebemos uma continua reelaboração da devoção. Além de na devoção ser estabelecida uma relação híbrida entre a igreja oficial e a popular, as devoções populares ainda abrangem práticas presentes em outras religiões como a umbanda, candomblé e a espírita. Porém, na devoção a Menina Francisca, durante a nossa pesquisa, só foi mencionado a presença de devotos espíritas, apenas uma vez. Afirma a moradora:

Conheço, lá de frente a minha casa mesmo tem um centro espírita, a gente escuta uma zoadeira danada, o pessoa que frequenta lá sempre vão lá, na Cruz da Menina, vão p'ra missa, estas coisas sempre frequenta. E os evangélicos você sabe não concorda com isso de jeito nenhum (Moradora de Patos e devota. Idade: 25 anos em 2009).

A devoção a Santa Francisca, não diferentemente de outras devoções populares, é marcada principalmente pelo o acender das velas, realização de orações, promessas e pedidos, que quando atendidos, geram o agradecimento, através do “pagamento” com o ex-voto, numa demonstração pública e compartilhada da graça recebida/obtida²¹ do milagre. Quanto a estas práticas escreve Certeau: “Essas práticas colocam em jogo uma *ratio* “popular”,

²¹ Diante a nossa inserção no universo devocional a Santa Francisca podemos afirmar que os Ex-votos são elementos, como fotografias, réplicas de casas, de pés, braços, partes do corpo feitas de madeira ou gesso, que representam que o devoto fez um pedido à Menina e o pedido foi alcançado, compreendido como milagre.

uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 1994, p. 42).

É a troca estabelecida com o santo, ou melhor, uma prática de fé que implica em uma reciprocidade entre o devoto e o santo. Quando o santo atende ao pedido do devoto, este se sente moralmente impelido a retribuir. Michel Certeau (1994) afirma que no espaço da cultura popular, no nosso caso, a devoção à santa Francisca, enquanto é explorada por um poder dominante (a Igreja Católica oficial, por exemplo) ou simplesmente negada por um discurso ideológico, a ordem é *representada* por uma arte.

Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, em estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do “*dom*” (de generosidade como revanche), uma estética de “*golpes*” (de operações de artistas) e uma ética da *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade) (CERTEAU, 1994, p. 88-89).

Sendo, portanto, a devoção permeada por muitos milagres resultantes dessas promessas e pedidos, estes fazem parte do cotidiano da devoção, diferentemente da Igreja Católica Oficial na qual os milagres dizem respeito a um momento extraordinário. Escreve Carlos Rodrigues Brandão:

Entre os dogmas católicos e as profissões de fé dos protestantes, o milagre é um acontecimento de plena prova do poder absoluto e da vontade soberana de Deus. É um tipo de ocorrência extraordinária, por meio da qual a divindade quebra o curso da “ordem natural das coisas”, em nome de seu amor por um fiel, ou por um grupo deles, com o uso do poder total de sua palavra. Ao contrário, (...) o milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidade mútuas entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de uma igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas a retomada “da ordem natural das coisas” na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo (BRANDÃO, 1980, p. 131).

Com muita devoção à santa Francisca, a moradora comenta sobre as salas de milagres existentes no Parque:

Ah..., ontem mesmo eu passei lá, é uma coisa de muita admiração, eu ainda acho assim, até um espaço pequeno, porque antigamente era só um quartinho, depois que ela foi reformada, fizeram aquela duas salas de milagre, mas foi pouco, porque prestando bem atenção...! É muita coisa, é muita foto, é muita..., eles trazem aquelas coisas de madeira, que é muito interessante, ver aquelas fotos daquele povo de toda qualidade, é foto político, é foto de criança, é foto de gente fantasiado, que ontem eu estava olhando: - Mas porque colocar foto de pessoas fantasiadas?!. Você nem via o rosto da pessoa, via aquela fantasia, não sei se aquilo é milagre alcançado, se é só por esporte mesmo, de chegar e colocar uma foto alí, é bem interessante (Devota e moradora de Patos, bairro Vila Mariana. Idade: 35 anos em 2009.).

Contudo, o milagre que ganha ênfase no mito é o que teria sido concedido a um jovem dos Estados Unidos, que ainda em seu país teria sonhado que a cura do seu pé estaria na Cruz da Menina na cidade de Patos-PB e alcançando a graça da cura, teria vindo à capela retribuir o milagre:

Escutei já de uma senhora que era zeladora, mas também ela já era de idade, mas também ela, quando chegou, também, já tinha a capelinha, ela escutava também pessoas que vinham pagar promessas, os milagres, os milagres que alguém tinha alcançado com ela [a Menina Francisca], ela até contava que um **senhor dos Estados Unidos** que era aleijado, dos pés, tinha os dois pezinhos encolhidos e que esta menina apareceu para ele, ele não sabia de nada dessa menina, ele teve um sonho e apareceu esta criança, pedindo que ele viesse visitar a Cruz da Menina, aí ele acordou meio apavorado, contando esta história e ele trouxe os dois pezinhos de madeira, passado o tempo o pessoal foi, mas ele trouxe os dois pezinhos de madeira e **ele alcançou a graça**, ficou bonzinho, começou a andar perfeitamente. (...) (Moradora de Patos. Idade: 39 anos em 2009. Grifo nosso.).

Os devotos recorrem a Santa Francisca, motivados pelos mais variados objetivos e necessidades. Vejamos algumas vozes:

Ah, menina, se eu estiver com a minha cabeça perturbada, aí eu saio daqui vou lá pra capela, se eu entrar na dos milagres eu me sinto bem, se eu entrar na capela também, aonde eu entrar, eu me sinto bem. Sinto tranquilidade, se eu estiver com a cabeça doente, eu entro quando eu saí, já estou de cabeça fria, já estou para enfrentar qualquer coisa. (Moradora de Patos. Idade: não informada em 2009.).

É... uma coisa de, assim, como eu lhe disse por ser um ponto turístico, também, e um canto de bastante devoção, um lugar de oração, tem pessoas que sai lá da cidade, porque sente aqui, sente uma paz. – Vou lá para a cruz da menina, vou lá para o santuário, vou fazer minhas orações. Tem pessoas que passam duas, três horas (Moradora de Patos. Idade: 35 anos em 2009.).

Em sua tese Maria Oosterhout também descreve o fenômeno da romaria, enfatizando a fé dos romeiros:

O público romeiro que é “devoto” participa, portanto, por fins de sua fé; é um público que, do começo ao fim da romaria, se dedica aos acontecimentos religiosos e segue todos os traçados das visitas específicas à presença nas celebrações cumprindo cada passo do ritual em clima de total concentração. (...) Os romeiros “viajantes” carregam consigo não apenas os ensinamentos adquiridos, provavelmente no seio de suas famílias, mas aparentemente em suas vidas diárias se alimentam dos valores religiosos que fazem da religião uma força atuante nos desafios que por ventura possam enfrentar nas grandes cidades. Portanto, para o migrante de fé, a volta à região se constitui também num reencontro ou um reforço com os pilares sustentadores de sua religião. Esses “retornos” muitas vezes vão além de uma visita usual, constituem-se momentos de se “pagar” uma promessa. (OOSTERHOUT, 2010, p. 37-38).

A maioria dos nossos interlocutores afirma que frequentavam todos os fins de semana, com os seus pais, o espaço da devoção quando existia somente a capela, realizava suas peregrinações, orações e promessas, além de considerar um momento de lazer, a visita à capela de Santa Francisca, mas que hoje não vai mais com a mesma frequência que antigamente.

Quando a gente começou a frequentar, só tinha a capelinha pequena, e uma casa ao lado, o caseiro lá, era propriedade de outras pessoas, eu acho que era propriedade do pessoal da frente, Dona Elvina Caetano, e lá era daquele jeito, era só a capela e do lado tinha umas pedras que diziam que ela tinha sido jogada naquela pedra, né? (...) eu achava bom sentar nessas pedras eram altas a gente sentava ficava lá, descansando, a gente levava alguma coisa p'ra comer, p'ra lanchar, ficava lá aquela paz,(...). Quando a gente ia a gente rezava, as vezes rezava um terço, ficava lá a gente contribuía com a caixinha. (...). (Católica Engajada. Idade: 46 em 2009).

A partir dessa narrativa percebe-se além da frequente visita a capela de santa Francisca, as modificações porque passaram o local da devoção, ou seja, aponta para a construção do Parque Turístico Religioso, no mesmo local da capela, ampliando o espaço devocional.

Os nossos interlocutores ao falar sobre a construção do Parque também apontam para a construção de novos sentidos em torno da devoção à Menina Francisca. Uma moradora se expressa da seguinte maneira:

É, depois da reforma ficou bem mais interessante, porque aqui em Patos a gente não tinha..., era agradável quando os meninos era pequeno eu levava p'ra passear lá, p'ra brincar, faz tempo que eu fui, antes de vocês vim "p'raqui" fazia tempo que eu tinha ido fazer uma visita. (...) Tem o turismo religioso, o pessoal que passa muito em romaria p'ra Padre Cícero, Canindé, passa e visita aqui também, né? É uma forma de ajudar aqui economicamente, né? Que é mais gente visitando, frequentando, comprando né? Se alimentano, então, **ficou um local bonito de ser visitado p'ra cidade**, é bonito o local, né? (Católica Engajada. Idade: 46 em 2009).

Assim a construção do Parque traz consigo uma multiplicidade de novos sentidos e práticas empregados na devoção, destacando-se mais uma vez o interesse político. Os políticos constroem o parque com pretensões políticas e econômicas, com o olhar voltado para a dimensão turística. Estes novamente percebem que valorizar a devoção à santa Francisca, que ocupa um lugar especialíssimo no coração da população de Patos, sobretudo, dos mais simples. Consiste em uma eficaz forma de ganhar prestígio com a população, do mesmo modo que o prefeito Adalgício Olyntho ganhou ao abrir o processo-

crime em 1932, objetivando adquirir prestígio político para corroborar na luta contra o grupo político dos Satyros. A devoção mais uma vez é reelaborada.

A Igreja Católica também entra na disputa ao ver a devoção ganhar novos sentidos, passando a frente dos políticos ao assumir a administração do Parque, com o argumento de que a Igreja deve estar onde está a manifestação religiosa e o povo. Este tema será discutido no terceiro capítulo.

2.3. A Construção do Parque e seus Novos Sentidos.

A construção do Parque imprime uma nova maneira de cultuar Santa Francisca, tudo em nome da introdução dessa devoção no circuito do turismo religioso da Paraíba, além da inserção na lógica da espetacularização da política. O parque criou um corte entre o permissível e o não permissível.

O Parque ganha uma cerca, restringido o acesso. Os mendigos são proibidos de ficar na porta da capela, os devotos ganham salas destinadas a acender suas velas e salas para depositar os seus ex-votos, e observam avisos pelas paredes informando o que é permitido ou não fazer no espaço. Agora não é permitido escrever pedidos à Santa Francisca nas paredes da capela, não se pode amarrar próximo ao altar as fitas da Menina onde está a imagem dela, entre outras. É o processo de normatização penetrando a devoção.

Porém, frente a esta normatização presente na nova estrutura do Parque, os devotos em sua criatividade não se rendem às imposições destas regras que determinam o que devem fazer. “Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe põe uma lei, ele aí instaura **pluralidade** e criatividade”. (CERTEAU, 1994, p. 93. Grifos do autor.). A devoção assimila os vários discursos e práticas, mesmo agradecendo e elogiando a ampliação da devoção, os devotos realizam manifestações de fé de diferentes maneiras, muitas vezes desobedecendo à nova ordem imposta. Podemos observar grande número de fitas da Menina Francisca amarradas nas árvores, pedidos e agradecimentos escritos nas paredes da capela, velas acesas embaixo de árvores, dentre outras manifestações. Dado que revela, mais uma vez, a não existência de uma oposição entre tradição e modernidade no espaço da devoção, na qual a modernidade poderia significar uma ruptura. Mesmo com a

construção moderna do parque, os devotos populares permeiam pelo espaço dando continuidade a devoção. As velhas práticas ganham roupas novas, assim como novas práticas são introduzidas.

O Parque é uma área cercada, a capela, as salas de milagres e a sala das velas são cobertas por uma estrutura de ferro em forma de pirâmide. Como podemos ver na fotografia:



Figura 5: Parque Turístico Religioso Cruz da Menina. Fotografada em novembro de 2008.

Logo na entrada existe um painel com setas informando os espaços que o Parque possui e a direção a seguir:



Figura 6: Setas informativas do Parque Turístico Religioso Cruz da Menina. Fotografada em novembro de 2008.

Existem os boxes, os quais comercializam diversos artigos religiosos, entre eles: imagens, escapulários, terços, revistas e cordéis que contam a história da Menina Francisca, velas, chaveiros, fitas, brinquedos, etc. As pessoas sempre passam pelos boxes para comprar lembranças para familiares, sobretudo, a imagem de Santa Francisca e de outros santos. Assim, na prática devocional foi introduzida a compra e venda de artigos religiosos. Levar uma lembrança do santo para casa é uma forma de prolongar a presença de Santa Francisca no seu cotidiano. Os boxes são bem movimentados no dia de pentecostes e em épocas de romarias como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 7: Boxes do Parque Turístico Religioso Cruz da Menina. Fotografado em maio de 2009.

Os brinquedos lá vendidos são associados à ideia de que a Menina Francisca foi martirizada ainda criança. Podemos encontrar, por exemplo, muitas bonecas deixadas pelos devotos nas salas dos milagres. Conta a moradora: “inclusive tem gente que faz promessa para dar um brinquedo à menina, pois a menina foi uma criança que não brincou”. (Moradora de Patos. Idade: 50 anos).

Os limites entre os devotos e pequenos comerciantes não são muito definidos. A maioria, dos comerciantes, que aluga os boxes da prefeitura é devoto da Menina/Santa Francisca. Estes encaram o trabalho, como um

privilégio de estar em um local sagrado, de oração e tranquilidade. Afirma uma vendedora e devota de Santa Francisca:

São importantes, é muito importante muito mesmo, porque a gente está aqui, aqui é como se estivesse em um retiro. Sabe quando você vai para um retiro, que você fica em um retiro fechado? É como aqui para nós. Na época em que está tendo muito turista, na época de romaria, na festa de pentecostes, aí é muito movimento, muito, muito, então se tiver movimento estamos felizes, e se não tiver também estamos, nós nos sentimos felizes, eu pelo menos me sinto feliz. (Vendedora do Parque Cruz da Menina. Idade: Não informou a idade em 2009.).

Há também um museu, “Museu Retalhos do Sertão” configurando-se como um espaço onde os visitantes podem entrar em contato com objetos que representam a cultura nordestina. Ele contém alguns objetos antigos que representam o modo de vida do sertanejo: ferro à brasa, enormes relógios de paredes, cadeiras de balanço, máquinas de costura, entre outros.

Há também uma lanchonete. E caminhando um pouco mais encontramos um posto policial e um anfiteatro que ambos atualmente estão desativados.

Em frente ao posto policial e ao anfiteatro, podemos encontrar a sala das velas, mas com a porta voltada para as salas dos milagres.



Figura 8: Devota na sala de velas. Fotografado em novembro de 2008.

Porém, como já afirmamos as pessoas não seguem a normatização presente na devoção, acendem suas velas nos mais variados locais, não se limitam a forma que foi instituída na construção do Parque. Na fotografia podemos observar uma devota acendendo velas embaixo de uma árvore:



Figura 9: Devota acendendo vela embaixo da árvore no interior do Parque Cruz da Menina. Fotografado em maio de 2009.

Bem próxima à sala das velas situa-se o pátio, onde podemos encontrar duas salas de milagres, cujo interior é relativamente grande e no meio a capela. Nas salas são depositados os ex-votos. Observamos nas salas muitas fotografias, imagens de santos, encontramos também partes humanas em vidros retiradas em procedimentos cirúrgicos, roupas, bonecas, e réplicas de pernas, braços, mãos e casas. A fotografia mostra uma das salas de milagre:



Figura 10: Sala dos milagres. Fotografada em maio de 2009.

Ao citar Marilena Chauí, Cláudio Souza de Carvalho (2007) em sua dissertação intitulada “Padre Ibiapina: A construção de um santo” escreve que nas devoções populares o milagre aparece não como algo extraordinário, ao contrário o milagre é rotina, a retomada da ordem natural das coisas, significando fidelidade entre o santo e os fiéis. (CARVALHO, 2007, p. 69).

Os votos também contribuem para manter a devoção viva, o devoto vai ao Parque, faz um pedido à santa no desejo de alcançar uma graça, e volta para retribuir a graça alcançada, o milagre. O voltar mantém o ciclo, e o porquê voltar é o que confere sentido à prática da troca. Retribuir à santa a graça que recebeu, significa entre outras coisas, manter o elo com a santa, demonstrar sua fidelidade. E se vier a precisar novamente da Santa, tem as portas abertas, uma vez que cumpriu os seus deveres para com ela. Fortifica-se a concepção de Marcel Mauss quando se afirma que: “abster-se de dar, como se abster de receber, é faltar a um dever – assim como se abster de retribuir”. (MAUSS, 2003, p. 249).

Portanto, podemos falar aqui de uma troca simbólica, que é mais do que uma simples retribuição. Afirma Steil: “O culto de peregrinação nos santuários católicos estabelece um sistema de trocas simbólicas entre os romeiros e o Santo”. (STEIL, 1996, p. 79).

A capela situa-se entre as duas salas de milagres, preservando a mesma estrutura de quando foi inaugurada no ano de 1929. É o ponto alto das devoções, pois foi exatamente no local da capela que foi encontrado o corpo de Francisca sobre as pedras e onde se encontra hoje a sua imagem. Sendo, para os devotos um lugar sagrado. Maria da Conceição Oosterhout também percebe a importância da capela para os devotos em seu estudo, sobre a cura pela fé no mundo rural do Nordeste brasileiro:

O fato de ter recebido uma graça representa, para o romeiro, um sinal de felicidade e merecimento. Um dever que se estabelece e que deve ser mantido, embora não falado, está na relação que se estabelece entre o romeiro e a Capela uma vez que o acontecimento é atribuído à existência “daquele lugar sagrado”: **a Capela**. Nesta relação o paciente deve visitar o local ao menos uma vez ao ano- seguindo a mesma

regulamentação que os santuários maiores. (OOSTERHOUT, 2010, p. 41).

Dentro da capela de Santa Francisca estão dispostos alguns bancos, a imagem da Santa no centro, em um altar com flores separado dos bancos por uma pequena cerca de madeira, para que os visitantes não se aproximem da imagem. Novamente nos deparamos com o processo de normatização, expressando-se pela presença de elementos que funcionam como demarcadores de lugares e práticas.

Existe também um cofre no qual as pessoas depositam as suas ofertas, o que aponta para uma dupla ética. Há na devoção um sistema de trocas simbólicas materiais e não materiais. Quanto a essa ideia escreve Steil:

Assim como se pode alcançar favores materiais por intermédio de orações e penitência também se pode alcançar favores sobrenaturais, através de doações em dinheiro. Trata-se, portanto, de uma situação onde os princípios de uma *economia de mercado* se conjugam com os da reciprocidade, de dom e contradom, e de prestações cerimoniais e sacralizadas. (STEIL, 1996, p. 83).

Há uma imagem de Nossa senhora ao lado da imagem de Santa Francisca e uma imagem de Jesus Cristo atrás, que demonstra esta bricolagem entre catolicismo oficial e popular. Há também no interior da capela dois livros de assinaturas, talvez indicando um interesse em quantificar e registrar os visitantes do Parque.

É na capela que os devotos realizam suas orações individuais e também coletivas diante da santa. Destacando-se a reza do terço, que consiste em mais um dos caracteres traficados do catolicismo oficial. “Diante da imagem, os romeiros se tornam verdadeiros **sacerdotes** e **mediadores**. Exercem aí como que uma tarefa maior, um exercício ritual individual de implicações coletivas, que lhes dá uma participação pessoal no fluxo que fundamenta a existência”. (STEIL, 1996, p. 130). Nas fotografias visualizamos a capela e na sequência a imagem falada da Menina Francisca:



Figura 11: Capela da Menina Francisca.
Fotografada em novembro de 2008.



Figura 12: Imagem da Menina Francisca.
Fotografada em novembro de 2008.

Imagem esta, questionada por muitos, tendo em vista que segundo os relatos, a Menina faleceu aos oito anos, tendo esta imagem a aparência de uma jovem de mais idade. É neste sentido, que a senhora de noventa e sete anos que afirma ter brincando com a Menina Francisca, questiona a imagem:

A Menina não era negra, ela era moreninha, não era essa morena escura, ela era uma moreninha mais clara. Elas cortavam o cabelo da Menina rebaixado, era pipocado, bem cacheado, bonito, o cabelo dela não era pixaim não. Era uma bichinha moreninha, miudinha, e... É tanto que fizeram um retrato e botaram lá, o bispo um dia desse veio saber, eu disse não, aquele retrato é falso, aquele retrato não é nada da Menina. Era criança, aquela é uma moça de chapéu toda cheia de vaidade, não... (Moradora antiga de Patos- PB. Idade: 97 anos em 2011).

À frente da capela há uma imagem de Nossa Senhora posta sob uma árvore:



Figura 13: Imagem de Nossa Senhora no interior do Parque Cruz da Menina. Fotografada em novembro de 2008.

Em frente à imagem de Nossa Senhora²² estão uns bancos que cabem em média seis pessoas, desses de igrejas, os visitantes sentados fazem suas orações ou simplesmente conversam, pois é um espaço bem ventilado, no meio do Parque, onde também são realizadas as missas, uma vez por mês, no dia doze.

Esta imagem é introduzida na devoção não no período no qual é inaugurado o Parque, na administração da prefeitura, mas na administração da

²² Mãe do salvador, Jesus Cristo, no Catolicismo oficial.

Igreja Católica. Ao colocar a imagem de Maria, a Igreja busca resignificar o espaço da devoção ao incorporar traços da ortodoxia Católica.

Contudo, os devotos não parecem “massas” disponíveis a serem amoldados por projetos políticos. Pois se estamos diante de um processo de imposição de uma nova lógica, ao mesmo tempo, temos um “processo contínuo de ajustamentos mútuos” (STEIL, 1996). Por exemplo, os devotos rezam em frente à imagem de Nossa Senhora e depois rezam, podemos escrever, principalmente, no interior da capela, em frente à imagem de Santa Francisca, que continua sendo a razão da peregrinação e devoção. Que segundo Steil: “O culto à imagem possibilita realizar a passagem entre o tempo da vida e **“o tempo da existência que segue à morte”**, desfazendo as fronteiras entre o mundo dos vivos e dos mortos”. (STEIL, 1996, p. 182).

Existem também duas cruzes no Parque, uma próxima aos bancos postos em frente à imagem de Nossa Senhora, um cruzeiro construído no mesmo período da capela, onde os devotos jogam pedrinhas, se a pedra ficar na cruz é sinal de que seu pedido será atendido, e uma cruz, bem maior, mais adiante, no fim do Parque. Os devotos geralmente fazem suas orações ao pé da cruz, e onde ocorrem manifestações de “sacrifício”, pois muitos devotos pagam promessas subindo a escada que dá acesso à cruz de joelhos.

Escreve Damião Lucena: “O cruzeiro original em frente à capela foi preservado e outro foi erguido com 21 metros de altura para marcar o local, com visibilidade à longa distância de quem passa pela Br 230, convidando à visitação e informando sobre a santidade do local”. (LUCENA, S/d, p. 13).

Este cruzeiro construído na nova estrutura fica próximo ao portão de saída, localizado em frente à igreja católica Nossa Senhora das Dores, que foi construída posteriormente a iniciativa da prefeitura e do governo do Estado de ampliação do espaço da devoção.

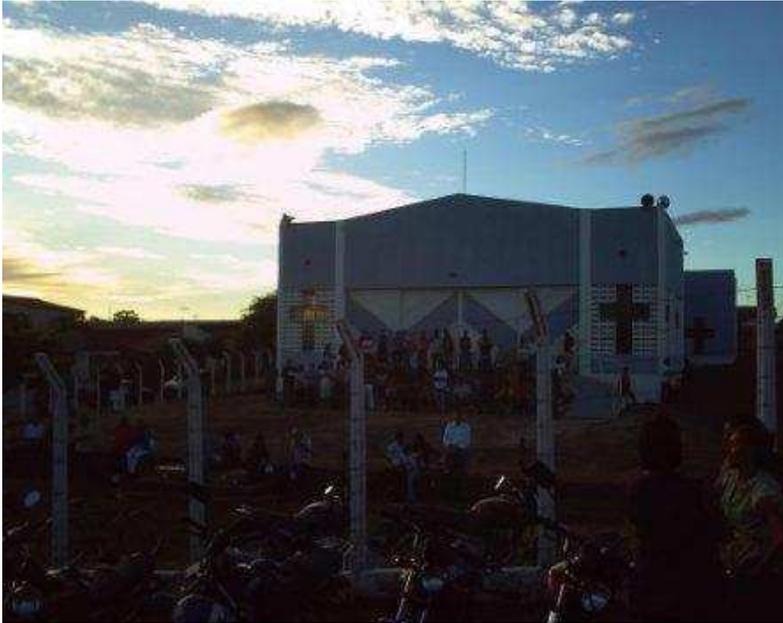


Figura 14: Imagem da igreja Nossa Senhora das Dores. Fotografada em maio de 2009.

Assim, com as modificações na estrutura do parque, a devoção foi ressignificada e atualizada. Mesmo os políticos apostando no aumento da participação dos devotos no parque, com vista ao turismo, este atualmente, sobretudo, nos dias de semana, não tem recebido muitos visitantes. Os moradores da Vila Mariana e de Patos de uma maneira geral visitam com pouca frequência. As visitas e práticas de devoções se concentram mais nos finais de semana, feriados, dia de pentecostes, quando a Igreja Católica realiza uma missa no interior do Parque, e nos períodos de romarias.

Dentre os moradores, com ênfase aos católicos engajados em Pastorais da Igreja Católica de Patos com os quais conversamos, a maioria declarou que visitava com mais frequência o parque e a capela antigamente. Assim, ao focar nossa análise nos moradores de Patos, nos perguntamos, porque esta baixa frequência destes no Parque, principalmente nos dias de semana? Fato que nos levou a problematizar a relação entre a Igreja Católica e os devotos de santa Francisca. O faremos no próximo e último capítulo.

*Manifesta-se aí, na variedade de discursos, muitas vezes contraditórios e competitivos, anunciados por romeiros, moradores e dirigentes uma grande **polifonia**, onde não apenas as visões e ditos de cada uma destas categorias, mas também os mútuos **desentendimentos** entre elas e as formas como cada uma interpreta as ações e os motivos das outras, fazem parte do culto (STEIL, 1996, p. 58. Grifos do autor.).*

3. Capítulo III:

Igreja Católica e a devoção a Santa Francisca.

A devoção a Santa Francisca se configura como uma religiosidade na qual podemos apreender inúmeras interfaces que entrecortam as práticas cotidianas dos moradores do município de Patos²³. Esta devoção popular, como pode se perceber ao longo do nosso texto tem atraído outros setores intervenientes para sua cotidiana atualização. E um desses é a Igreja Católica, que incorporou a devoção aos seus trabalhos religiosos, tais como a realização de rituais e sacramentos com a finalidade de evangelizar e disseminar a sua doutrina.

A Igreja Católica no início da devoção não dava crédito e mantinha distancia. Logo quando foi inaugurado o parque religioso, ela se recusou a administrá-lo, mesmo sendo apontada como a instituição adequada para tal finalidade. Porém, posteriormente observando o aumento do fluxo dos devotos com a construção do parque, constrói uma igreja ao lado, a Nossa Senhora das Dores, e depois passou a administrá-lo. Ocorrendo o mesmo processo identificado no universo Católico brasileiro de aproximação da Igreja Católica oficial da devoção popular, tendo em vista a manutenção da hegemonia do campo religioso. O que acreditamos ser possível apreender de maneira particular e delimitada em Patos – PB.

A Igreja Católica do Brasil, na primeira República, objetivando defender o seu *campo religioso* se aproximou da devoção popular e colocou em prática um trabalho intenso, buscando afastar a formação de outra empresa de

²³ Como já enfatizamos compreendemos a devoção a santa Francisca como um *Fato Social Total*. (MAUSS, 2003).

salvação independente do seu controle. Sobre este histórico interesse dos agentes religiosos, Bourdieu escreve: “A Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação. (...) A Igreja visa conquistar ou preservar o monopólio mais ou menos total de capital de **graça institucional** ou **sacramental**” (BOURDIEU, 2011, p. 58). É o que ocorre hoje com a devoção a santa Francisca.

Assim, em uma relação permeada por tensões e disputas o campo da Igreja Católica é alargado e o da devoção popular também ao ocorrer a aproximação entre ambas, de maneira tal, que não se compreende a devoção a Santa Francisca separada da Igreja Católica. A devoção além de ser uma manifestação de fé da população é também resultado de uma bricolagem e é reproduzida através dessa relação tensa entre a Igreja oficial e a devoção popular. Escreve Steil:

Ao contrário de uma visão substancialista que vê nos santuários a expressão do catolicismo popular tradicional como um sistema religioso que se contrapõe ao catolicismo clerical, a análise que venho fazendo aponta para uma realidade dialógica onde a tensão é constitutiva do próprio culto das romarias (STEIL, 1996, p. 224).

Quanto a esta relação entre Igreja oficial e devoção popular, Duglas T. Monteiro (1978) defende que seria empobrecer a religião popular pensá-la como inferior a Igreja oficial:

A variante do catolicismo, comumente designada como *catolicismo rústico* é, com frequência, vista apenas como a expressão de um empobrecimento com relação às fontes originais, ou como o resultado de sincretismos espúrios. Entendê-la desse modo significa, primeiramente, aferi-la de maneira arbitrária e esvaziada, através do contraste com as modalidades ilustradas do cristianismo, minimizando sua especificidade e originalidade. Em segundo lugar, implica em ignorar o papel desempenhado universalmente pelos sincretismos em todas as grandes religiões (MONTEIRO, 1978, p. 41).

Carlos Rodrigues Brandão em seu livro *Os deuses do povo (1980)* explica como a religião é compreendida e vivenciada pelo a massa popular.

Entre os subalternos, a religião é considerada como um somatório de recursos a mais para *servir* a uma vida de provações e, não tanto, para *ser servida* como um compromisso a mais de subordinação, pelo qual essa mesma vida reestrita laços de fidelidade desigual com a ideologia e as agências confessionais eruditas de sacralização “de fora”, de uma ordem dominante de relação dentro e fora do mundo da religião. (...) O camponês e o operário são fiéis a seu modo, mas não são iludidos. Mais pelo que fazem do que pelo que dizem, quando falam dos seus feitos de fé, eles avisam que sabem que a ordem da religião erudita é a ordem religiosa da dominância política. Por isso, a distância eles creem nos seus poderes sagrados e profanos e os respeitam; evitam as suas agências por meio de usos raros e compromissos frouxos e, quando possível, preferem fabricar as suas próprias crenças e os seus próprios cultos (BRANDÃO, 1980: 137-138).

Michel de Certeau (1994) problematiza a tensão entre fortes (classe dominante) e fracos (massa popular), compreendendo a devoção popular como a resistência cotidiana dos fracos frente a classe dominante:

A relação dos procedimentos com os campos de força onde intervêm deve portanto introduzir uma análise *polemológica* da cultura. Como o direito (que é um modelo de cultura), a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ele desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violência, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 1994, p. 44-45).

Este movimento de aprovação ou não das devoções populares pela Igreja Católica é fortemente demarcado na Primeira República, no qual ocorre a separação entre Estado e Igreja. Neste período, a posição da Igreja Católica se dividia quanto a aceitação ou não das devoções populares. Em 1892 com a consolidação da devoção do Pe. Cícero, por exemplo, alguns grupos de eclesiásticos viam na devoção que ocorria quase concomitantemente à proclamação da República, um incentivo à sua fé e esperança na salvação da

nação, outros discordavam afirmando que não estava de acordo com os ensinamentos da teologia católica.

Ela sugere a existência de um grupo de eclesiásticos (“Eu e outros...”) de que ele se faz porta-voz, cuja posição face ao regime republicano inaugurado em 1889 era de franca rejeição e condenação, e que viam nos milagres de Juazeiro, ocorridos quase que concomitantemente à proclamação da República, um incentivo à sua fé e esperança na salvação da nação. Esta convicção não era partilhada por todo o clero, muito menos pelo episcopado, como bem o revelam as manifestações inequívocas do bispo de Fortaleza, D. Joaquim José de Oliveira, e do futuro cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti: *“Isto não está nem pode estar de acordo com os ensinamentos da teologia católica. Sem sombra de Dúvidas, /.../ o ridículo é ali (em Juazeiro) a característica predominante. Portanto, nada lá existe de divino”* (MOURA; ALMEIDA, 1978, p. 323).

Com a separação entre Igreja e Estado efetiva-se a proclamação da República e esta é vista pela Igreja como uma salvação e uma ameaça ao mesmo tempo. Os bispos saudaram a República como uma libertação para a Igreja do regime do padroado, ou seja, de obrigações quanto aos assuntos de Estado, pois neste regime a religião era assunto de Estado, assim como o Estado também era assunto da religião e/ou Igreja. Porém, o decreto nº119-A do Governo Provisório, de 17 de janeiro de 1890, que abolira o padroado parecia uma afronta à maioria católica da população, se colocando, portanto, como uma ameaça para a Igreja. Ele dava lugar a um estado não-confessional, em que o nome Deus era riscado dos atos e edifícios públicos, o catolicismo era nivelado às seitas protestantes minoritárias, o casamento civil instituído, entre outros (MOURA; ALMEIDA, 1978, p. 323). Segundo Steil:

Trata-se, na verdade, de um processo que se desdobra a partir da herança da Contrarreforma católica do século XVI que, como foi visto, D. Sebastião Monteiro da Vide já havia tentado implantar no Brasil, no início do século XIX, **quando a estrutura que sustentava o catolicismo colonial brasileiro começa efetivamente a ruir** (STEIL, 1996, p. 232. Grifo nosso).

Porém nos anos 1920 e 1930, no conjunto da Igreja Católica no Brasil nota-se uma progressiva aproximação em relação ao regime e à sua ideologia liberal (MOURA; ALMEIDA, 1978, p. 323). Segundo às conclusões de Moura e Almeida, a Igreja na Primeira República aparece como uma instituição ao mesmo tempo estranha e necessária:

Estranha porque, pela sua própria característica de Igreja, se encaixa com dificuldade na nova ordem de coisas que se está implantando no país; necessária porque é valioso instrumento na manutenção da ordem, que sacraliza e abençoa aos olhos do povo. Beneficiada pelos favores do Estado, mas expulsa por este das benesses do poder, ela exerce sobre o conjunto da população certo tipo de autoridade não oficial, mas implicitamente reconhecida pelo regime e por ele valorizada dentro de seus limites. Esta a imagem da Igreja que se plasma durante a Primeira República e que será transmitida às gerações seguintes. (Ibidem, p. 329-330).

Com tais modificações, a Igreja Católica deixa de lado a linha do catolicismo colonial e adota uma linha europeia romanizante, Roma agora deveria ser o centro. A Igreja, no contexto de uma sociedade que se denominou moderna ou liberal combateu o individualismo protestante, o liberalismo, o socialismo, o igualitarismo, o cientificismo, o modernismo, etc.

Em oposição a estas idéias, a Igreja afirma ser a fé cristã o “princípio da verdade absoluta, que todo o valor de verdade deriva dela e que a Igreja Romana é a norma suprema e a única garantia de conveniência social” (STEIL, 1996, p. 230-231). Também escreve Monteiro (1978): “As igrejas nacionais têm sua importância reduzida; a liturgia romana é implantada de modo geral; acentua-se o retorno à observância do direito canônico” (MONTEIRO, 1978, p. 44), instaurando um processo o qual cientistas sociais e historiadores denominam de *romanização*:

Esse movimento estava relacionado no plano eclesiástico com a reforma da Igreja Católica, que buscava a centralização do seu governo pelo Vaticano. Esta ação reformadora tinha por objetivo moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo

romano. Seus traços essenciais são a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o clericalismo. A *romanização* havia se iniciado com a *questão religiosa* no segundo Império (1870). Contudo, é apenas depois da separação entre Igreja e Estado que esse processo se dissemina no país, contando com a colaboração das ordens e congregações religiosas vindas da Europa (STEIL, 1996, p. 229. Apud. Ribeiro de Oliveira, 1985, p. 279-296).

A Igreja instaura, portanto, novas diretrizes e processos, ou seja, empreende reformas na estrutura eclesiástica e no modo de atuação da Igreja objetivando não perder espaço, sua hegemonia:

Basicamente estas reformas incidiram sobre três pontos, a saber: a busca de uma aproximação maior com relação ao povo, especialmente com os elementos das classes subalternas; a reorganização das jurisdições eclesiásticas; o reavivamento espiritual, entre leigos, mas particularmente entre clérigos (MONTEIRO, 1978, p. 44).

Esta transformação, somada a uma formação nos seminários segundo os padrões romanos, traz consequências para o modo do clero se relacionar com o povo, este agora deve estar junto ao povo, porém se estabelece uma distância no ponto de vista cultural e ideológico, em virtude de sua formação intelectual se realizar de acordo com padrões da romanização, e da sua posição política se identificar com aquela dos grupos que detêm o poder (MOURA; ALMEIDA, 1978, p. 323).

Na República, a Igreja Católica não é mais o centro do poder político, porém, no campo religioso, constitui-se numa força autônoma da sociedade, se fortalece e expande sua presença institucional. Novas dioceses são criadas em todo território nacional. Agora se delineia uma disputa entre Igreja e Estado pela representação da nação brasileira: “Ao mesmo tempo em que reivindica para si a legitimidade da representação da *massa popular* (católica), a Igreja procura identificar o Estado Republicano com as elites intelectuais racionalistas e protestantes” (STEIL, 1996, p. 232. Grifos do autor).

Dentro desta disputa entre Estado e Igreja Católica, esta última detendo o campo religioso brasileiro, “associa-se” a devoção popular a fim de manter o domínio do campo religioso frente à minoria *racionalista* e *protestante*, que havia tomado o poder na República (Ibidem, p. 233).

Estas manifestações foram amplamente incentivadas pela hierarquia em todo o país e politizadas através da associação dos símbolos religiosos, enfatizando sua dimensão política dentro do *vazio imaginário* de uma República que havia sido imposta à grande massa popular que assistiu *bestializado* à sua instauração (STEIL, 1996, p. 233, Apud Carvalho, 1987).

A Igreja Católica se aproxima das devoções populares com uma posição antimodernista e anti- racionalista, observando o catolicismo popular como sendo marcado por superstições, um lugar da massa da sociedade, o qual deve passar por um processo de purificação, o culto deve centrar suas práticas nos sacramentos e no clericalismo de acordo como o modelo romano.

Carlos A. Steil ao perceber a atuação da Igreja Católica frente à devoção ao Bom Jesus da Lapa argumenta sobre o modo como o clero, os reformadores atuam na Lapa. Ao administrar o santuário os antimodernistas combatem entre outras características, os milagres que compõe o repertório de relatos míticos que conferem realidade ao surgimento da devoção. Para eles os milagres devem ser provados cientificamente:

Os milagres são ressignificados na medida em que são deslocados do discurso mítico para o *discurso racional moderno* e submetidos ao regime de provas imposto pela investigação científica. A comprovação científica dos milagres se constitui no principal argumento que a Instituição vai combater seus adversários. Em suma, se no culto tradicional o milagre era autenticado pela chancela da autoridade, como vimos em tantas histórias narradas pelos romeiros sobre a origem milagrosa do santuário da Lapa, agora sua autenticidade depende da comprovação da ciência (STEIL, 1996, p. 242).

Argumenta ainda Steil, que na medida em que a Igreja apela para a comprovação científica dos milagres ela deixa de ser *antimoderna* para ser

moderna. Da mesma forma que era necessário combater os racionalistas que fundiram a hegemonia Católica, diante das exigências da sociedade moderna, de um Estado laico, a Igreja exigia e exige bases racionais ao catolicismo popular.

Os romanizadores, ao mesmo tempo em que se contrapõem à visão predominantemente mítica do catolicismo popular tradicional, também se veem obrigados a defendê-la contra o racionalismo moderno, incorporando a sua lógica e submetendo-se aos princípios que regem a sociedade que emerge da separação radical entre duas ordens do visível e do invisível (STEIL, 1996, p. 243. Apud. Steil, 1994a, p. 35).

Na segunda metade da década de cinquenta com o Concílio Vaticano II a Igreja Católica rompe com essa atitude antimodernista que marcou o período da romanização. No que diz respeito à Igreja Católica:

Suas conclusões permitiram que o *moderno* adquirisse um sentido positivo no contexto católico, autorizando o discurso religioso e teológico que havia incorporado os valores da racionalidade científica, da crença no progresso, da liberdade de pensamento, da valorização da democracia como parte da doutrina católica (STEIL, 1996, p. 253).

A renovação conciliar frente às devoções populares tem como objetivo realizar um: “processo de *conscientização* que visava reformar a religião popular tradicional, vista não apenas como um problema de *ignorância religiosa*, mas, sobretudo, como uma fonte de *alienação social e política*” (Ibidem, p. 255. Grifos do autor).

Os primeiros anos do Vaticano II foram marcados por uma *onda iconoclasta*. A Igreja retirou as imagens dos santos dos altares, foram suprimidas diversas manifestações populares religiosas, entre elas, procissões e etc. A Igreja: “Ao mesmo tempo em que buscava a reconciliação com a sociedade secular e acolhia os anseios *das classes ilustradas*, o Concílio produzia uma seleção cultural que marginalizava os devotos do catolicismo popular” (Ibidem, p. 255. Grifos do autor).

Porém, estas transformações no interior da Igreja Católica brasileira não surgem apenas a partir do Concílio Vaticano II. Já havia uma série de movimentos na Igreja que já possuía em seus planos de ações, os anseios das classes dominantes da sociedade, a exemplo do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Estes segundo Steil, permitiram romper com o isolamento das dioceses e realizar um trabalho pastoral coordenado (*Ibidem*, p. 253-254).

Passando os primeiros anos das reformas conciliares, a religião popular volta a ter o seu lugar se bem que secundário no interior da religião Católica. Carlos Alberto Steil elenca três fatores que, dentro do contexto de globalização, foram decisivos para que as mudanças em relação às práticas e crenças dos romeiros pudessem acontecer:

O primeiro foi a Teologia da Libertação, que fez uma revisão teológica acerca da religiosidade popular, permitindo que se superasse, ao menos parcialmente, em nível teórico, as contradições que a reflexão sobre o Vaticano II, feita pela teologia liberal europeia, colocava para a prática pastoral no Brasil. (...) O segundo está relacionado com o esforço realizado pela Igreja Católica para compreender o Concílio Vaticano II a partir da realidade de pobreza e dependência em que vive o continente. Neste sentido, se colocam as Conferências do CELAM, especialmente Medellín e Puebla. (...) Impõem-se, a partir daí, orientações eclesiais que apontam para a necessidade de se respeitar e valorizar as crenças e práticas religiosas populares. Por fim, as comunidades Eclesiais de Base (...) têm sido decisivas para a realização dos objetivos definidos pela renovação conciliar, na medida em que se constituem num espaço onde os pobres podem aprofundar seu conhecimento da tradição religiosa como parte de um amplo processo de *conscientização*. (*Ibidem*: p. 258-259).

Nesse sentido, as relações entre a Igreja Católica de Patos e a devoção a Santa Francisca apresenta traços deixados pelo processo de romanização e do Concílio Vaticano II, tendo em vista que a Igreja local está em sintonia e colocando em prática os objetivos e diretrizes desta Igreja Romana.

Em Patos, como já afirmamos, nos primeiros anos da devoção a Santa Francisca nos anos 1920 e 1930 a Igreja não dá atenção à religião popular,

porém quando a Igreja Católica observa o desenvolvimento da devoção a Santa Francisca e a sua abertura para o turismo religioso, posteriormente a construção do Parque Turístico Religioso em 1993, resolve administrar o parque. Objetiva a manutenção do monopólio dos bens de salvação, porém justifica que a Igreja deve estar perto do povo e que embora Francisca não seja canonizada é fato que o parque é um lugar onde se percebe a presença de Deus e a atuação do sagrado. O atual pároco da capela afirma de maneira contundente que o apoio da Igreja não ocorre desde o início da devoção por se tratar de uma devoção popular:

Eu não tenho assim como dizer do ponto de vista eclesialmente falando da Igreja até porque eu não acompanhei, né? Mas eu faço uma análise; inicialmente a Igreja, como sempre faz, ela não deu crédito, entendeu? Inclusive alguns bispos não queriam que nem falasse na Menina Francisca, por causa do **fanatismo religioso**. Este acompanhamento da Igreja a Menina Francisca se deve primeiramente a criação do Parque. Depois da construção do Parque que a Igreja viu que o fenômeno estava nas mãos de quem não é realmente Igreja, então a igreja buscou resgatar, e até que consegui e acho que consegui tarde, poderia ter conseguido logo no início, esse é o primeiro dado. (...) E agora Dom Manoel! Dom Manoel é agora quem tem maior interesse em postular a causa da Menina Francisca, entendeu? Porque os tempos são outros, num é? Uma coisa é 50 anos atrás com a cabeça bem diferente, a Igreja evolui, os pastores da Igreja compreendem a realidade e vão mudando, entendeu? (PADRE. Idade: 35 anos em 2011).

O atual bispo²⁴ de Patos demonstra a sua preocupação com o povo, ou melhor, de não perder de vista os seus fiéis, quando levado a comentar sobre o mito de Francisca:

Assassinada cruelmente, num é? E que nasceu, e uma menina que só sofreu na vida, só sofreu, nesse mundo ela só sofreu. Por isso nós acreditamos na felicidade dela na vida eterna, num é? Existe a recompensa, num é? Aquela que sofreu desprezo, abandono, assassinada, sem dever nada, então existe a recompensa, e **o povo sente isso**, por isso o povo a chama de Santa Francisca. (BISPO. Idade: 65 anos em 2011. Grifo nosso).

²⁴ Bispo até final de 2011.

Essa aproximação da Igreja Católica das devoções populares no Brasil, justificando que a Igreja deve estar onde o povo se reúne, pois é o povo que constitui a Igreja, se torna consensual a partir da renovação do Concílio Vaticano II quando se assume estrategicamente o discurso das ciências sociais moderna em que coloca na ação humana o princípio fundante e instaurador do sagrado, o sagrado como uma instituição humana (STEIL, 1996, p. 37).

O padre quando indagado sobre o espaço da devoção, também privilegia e respeita a opinião da população: “o pessoal acredita em Deus, acredita na intercessão dela, quem somos nós p’ra negar isso, a gente vê tem tantos milagres, tantos relatos, então só pode ser Deus agindo naquilo ali, então não temos dúvidas é Deus que age ali” (PADRE. Idade: 31 anos em 2009. Grifo nosso).

Como já citamos no início, Pierre Bourdieu, é um dos autores que nos ajudam a compreender as tensões existentes nos campos sociais. Em sua teoria do campo religioso, ao entender a religião como linguagem: sistema simbólico de comunicação e de pensamento, e ao se inspirar, confirmar e refutar as ideias de Durkheim, Marx e Weber enfatiza a tensão existente no campo religioso entre um corpo de especialista incumbidos da gestão dos bens de salvação em contraposição ao grupo de leigos (OLIVEIRA, 2010, p. 178):

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpos*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2011, p. 39).

Essa capacidade de introduzir seu sistema de pensamento advém, como já afirmamos, do *trabalho religioso*. Enfatizar a existência do *Trabalho religioso* para Pedro Ribeiro de Oliveira (2010) consiste na principal contribuição de Bourdieu para as teorias da religião. Vejamos o que escreve o próprio Bourdieu a cerca do *trabalho religioso*:

O trabalho religioso realizado pelos agentes e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas e discursos a uma categoria particular de necessidades próprias a grupos sociais determinados (BOURDIEU, 2011, p. 79).

Segundo Pierre Bourdieu este campo é composto por sacerdotes, profetas e magos em oposição aos leigos responsáveis pela manutenção material dos agentes profissionais. Polarizando-se de um lado o grupo responsável pela produção anônima e coletiva e de outro os produtores especializados. Escreve Oliveira:

As correlações entre essas duas tensões definiriam a dinâmica do *campo religioso* como um *campo de forças*. (similar a um campo eletromagnético). Assim, a teoria do campo religioso permitiria explicar a produção e o consumo dos bens religiosos, relacionando seus componentes internos (os diferentes agentes religiosos) aos interesses externos dos grupos ou classes sociais cuja posição é legitimada pela religião e sua relação com os “leigos” organizados em grupos e classes sociais com diferentes interesses (OLIVEIRA, 2010, p. 186).

Porém, assim como na teoria weberiana, estes dois polos que se opõem no trabalho religioso (especialistas e leigos) também são abstrações e não realidades históricas. Esses dois polos apenas ajudam:

a situar as religiões entre dois extremos: uma sociedade simples, onde todos fossem produtores de sentido religioso para o seu próprio uso; e outra, onde o trabalho religioso

estivesse monopolizado pelos produtores e todos os demais membros fossem meros consumidores dos bens simbólicos (OLIVEIRA, 2010, p. 183).

À medida que se radicaliza a separação entre estes dois polos, os produtores de bens sagrados adquirem uma autonomia cada vez mais ampla em relação à sociedade, dando-lhes a ilusão de que a religião paira sobre ela e refere-se apenas ao sobrenatural. Tal ilusão é resultado do fato de que os agentes especializados não precisam mais se ocupar com o seu sustento, ou seja, com sua existência material, pois esta é assegurada pelo trabalho religioso desempenhado na sociedade (Ibidem, p. 185).

Porém, na mesma proporção que essa autonomia dos agentes especializados é legitimada pelos leigos, estes também reagem, como já afirmamos, por isso há a tensão. Os leigos não são passivos, também possui seus interesses e formas de atuação, como podemos observar na constante atualização das devoções populares: “que buscam um sentido alternativo para justificar a sua condição existencial, recorrendo à autoprodução religiosa ou a agentes marginalizados pelas instituições dominantes” (Ibidem, p. 186).

Para Bourdieu as interações simbólicas que se instauram no campo religioso devem sua forma específica a natureza dos **interesses** que se encontra em jogo. Tendo o campo religioso a função social de satisfazer um tipo particular de interesse religioso, que deve estar estritamente ligando a interesses religiosos de um grupo ou classe social. Toma, portanto, o modelo de mercado para entender a lógica da produção simbólica.

Essas relações de *transação* ligam os diferentes agentes especializados a grupos ou classes sociais com diferentes interesses objetivos. Numa sociedade de classes, encontraremos aí as classes dominantes, que pedem a religião que legitime sua dominação e seu bem estar material, bem como as classes dominadas, que pedem à religião a esperança de libertar-se de sua opressão, ou ao menos uma forma de compensação (OLIVEIRA, 2010, p. 190).

A força simbólica que as diferentes instâncias (agentes ou instituições) podem mobilizar na luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso, depende de sua posição na estrutura objetiva das relações de autoridade propriamente religiosa, isto é, da autoridade e da força que conquistarem no decorrer da luta (BOURDIEU, 2011, 89).

Para conquistar forças para manutenção do domínio do campo religioso os agentes especializados desempenham uma tarefa difícil, em função da constante produção dos leigos. Como escreve Bourdieu, quanto mais o corpo de sacerdotes esteja preste a deter, numa sociedade dividida em classes, o monopólio da administração dos bens de salvação, mais serão divergentes e contraditórios os interesses religiosos aos quais deve responder sua ação de cura das almas. Tendo os agentes especializados que elaborar uma mensagem socialmente indiferenciada que deve suas características, e em particular sua ambiguidade, ao fato de que é o produto da busca pelo maior denominador religioso entre as diferentes categorias de receptores.

É por isso que ora observamos que a Igreja Católica de Patos busca inserir a religião popular no campo Católico oficial na medida em que administra o Parque, e ora observamos práticas, que revelam a sua não concordância com a religião popular. A Igreja repele a prática julgando muitas vezes como supersticiosas e destinadas a população não letrada, mas quer atrair os praticantes, os crentes.

A Igreja de Patos introduz em sua área de atuação a devoção popular na medida em que administra o Parque e realiza missas no seu interior, todos os dias doze de cada mês e a missa de pentecostes. E na medida em que constrói a capela Nossa Senhora das Dores ao lado, na qual ocorrem todos os domingos duas missas, uma, às seis da manhã e, outra, às quatro da tarde. No espaço do Parque se mistura celebrações do catolicismo oficial com práticas do catolicismo popular. Como ocorre no culto ao Bom Jesus da Lapa:

Devoções populares que os dirigentes toleram, enquanto formas “**supersticiosas atribuídas à ignorância religiosa**”. Mesmo considerando estas práticas como **mágicas**, os dirigentes do santuário não as reprimem diretamente e evitam falar contra elas nos sermões (STEIL, 1996, 57. Grifos do autor.).

Neste sentido, objetivando o domínio do campo religioso, a fim de afastar a concorrência religiosa, a Igreja de Patos opta por realizar concessões, “acolhendo” a devoção. Bourdieu:

O Manual de Folclore francês contemporâneo de Arnold Van Gennep, contém inúmeros exemplos destas trocas entre a cultura camponesa e a cultura eclesiástica – “festas litúrgicas folclorizadas”, como as “rogações”, ritos pagãos integrados à liturgia comum, santos investidos de propriedades e funções mágicas etc., - que **constituem a marca das concessões** que os clérigos devem fazer às demandas profanas, ainda que não tivessem outro intuito senão o de afastar das solicitações concorrentes da feitiçaria os clientes que com certeza perderiam caso procedessem a uma “atualização” (BOURDIEU, 2011, p. 68. Grifo nosso.).

“Acolhe” a devoção, porém, em seus discursos, durante as missas, os padres não falam da Santa Francisca, focam em suas homilias, no momento de explicação da palavra de Deus, no próprio texto bíblico, nos problemas sociais, na campanha da Fraternidade, entre outros. Perguntei a moradora e devota se os padres fazem alguma referência a Francisca durante a missa, ela respondeu que não: “Os devotos é quem fazem as pessoas que vêm assistir, pois nos domingos quando vão colocar intenção por fulano por cicrano muita gente, aí, tem gente que coloca uma graça alcançada por menina Francisca, aí gente coloca na leitura da missa, quase sempre, nas intenções” (*Moradora de Patos e Devota. Idade: 50 anos em 2009*).

Assim, nos perguntamos, por que a Igreja celebra a missa de pentecostes no Parque Cruz da Menina? Perguntamos aos religiosos e mais uma vez eles demonstram a importância de está onde o povo está, e reconhecem que as pessoas vão à missa, influenciadas, especialmente, pela peregrinação ao encontro de Santa Francisca:

Uma multidão... Pentecostes no Parque Cruz da Menina e o Espírito Santo atrai, atrai a fé. Agora aquele lugar tem uma atração, eu sinto que aquele local tem uma atração, e quanto o

numero de pessoa que vai ali, eu sinto que o local tem uma atração, **por isso que o número grande tem muito haver com o local. Com o Parque Cruz da Menina** (BISPO. Idade: 65 anos em 2011.).

Porque juntou toda a devoção que o povo tem a Menina Francisca e que muita gente nas cidades da Diocese, e de outras cidades até tem vontade vir à capela da Menina Francisca, então aproveita que vem a capela da Menina Francisca e já participa da missa de pentecostes, então o evento só cresceu, mas foi por uma razão do ponto de vista de organização, que não havia lugar em Patos para concentrar esse grupo de pessoas. Claro que hoje se tornou bem diferente, porque hoje se tem o pentecostes dentro dessa perspectiva da romaria das cidades a capela da Menina Francisca (PADRE. Idade: 35 anos em 20011).

Como já afirmamos, a Igreja Católica de Patos resolve construir uma igreja ao lado do parque. O diácono comenta sobre o motivo para a construção da igreja, hoje chamada de Nossa Senhora das Dores. Na sequencia o padre também fala dos motivos enfatizando a evangelização e, mais uma vez, a importância de está junto aos seus fiéis se referindo aos moradores da Vila Mariana:

A igreja lá surgiu, justamente, por conta dessa devoção a Menina Francisca, já foi como que uma ramificação dessa devoção a Menina Francisca, a missa era celebrada ao lado do Parque e aí aos poucos, a partir dessa missa que era celebrada as seis da manhã, fui surgindo a necessidade de realmente construir uma capela e o nome dessa capela não era ainda Nossa Senhora das Dores, era santa Francisca, justamente em homenagem a Menina Francisca, mais aí a gente percebeu que o povo confundia muitos Francisca ainda como santa, que apesar de já na cultura popular ela já é santa por natureza, é santa. Depois que a gente assumiu, era padre Zé Rodrigo um tempo, conversou-se com o bispo e acho melhor trocar o nome ao invés de Santa Francisca, que era uma santa também Francesa, tem uma santa também chamada Francisca, colocar o nome Nossa Senhora das Dores. Mas o povo... Ficou conhecida também como a igreja da Cruz da Menina (Diácono permanente da cidade de Patos-PB. Idade: 31 anos em 2011).

exatamente em homenagem a questão da devoção a Menina Francisca e a igreja percebendo não só a questão dos romeiros que vem ao Parque Religioso Cruz da Menina, mas no número de pessoas que começou a

residir ali, a igreja preocupada com a evangelização, a igreja resolveu construir aquele templo, visando também à participação dos fiéis que lá residem na Vila Mariana. A questão dos momentos de orações das reuniões, dos encontros, a formação e o acompanhamento aquelas famílias que vivem ali, como a igreja deve está volta, preocupada com a evangelização, por isso mesmo que a igreja construiu aquele templo, visando a questão da **evangelização, a presença da igreja junto aos fiéis** (PADRE. Idade: 46 anos em 2011).

A construção da capela de Nossa Senhora das Dores demarca bem o “recente” interesse da Igreja Católica de Patos na devoção a Menina, embora o interesse tenha sido despertado um pouco antes, no período de construção do Parque. “Recentemente” entre aspas, pois embora a Igreja não apoiasse oficialmente, sempre houve padres que mesmo sem autorização do bispo celebravam missas na área do Parque e apoiava a devoção.

É... porque a igreja hoje já administra o Parque, pode celebrar lá, porque na época só tinha um padre que celebrava, que era o padre **Ramon que ele era tido como estes padres rebeldes**, e ele tinha uma justificativa... ele desobedecia o bispo, ele ia lá e dizia mais, eu celebro em qualquer lugar, porque Deus está em todo canto (Morador de Patos. Idade: não informada em 2009).

Estamos diante da tensão existente entre os próprios agentes especializados já apontada por Bourdieu: “Há portanto duas fontes de tensão internas ao campo religioso: uma que opõe “agentes especializados” à autoprodução dos “leigos”, e outra que opõe os “agentes especializados” entre si no atendimento às demandas leigas” (OLIVEIRA, 2010, p. 186).

Como reflexo do confronto entre Igreja e Estado no período da República, que ainda se desdobra no país, a Igreja Católica de Patos também se aproxima da devoção Popular a Menina/ Santa Francisca em uma disputa com o Estado, se colocando como uma força hegemônica dentro da cidade de Patos ainda responsável por organizar a vida social no âmbito religioso. Como podemos demarcar ao ouvirmos um padre da cidade. Como já citamos acima, o padre afirma que a devoção estava em mãos erradas, ao se referir aos políticos:

“depois da construção do Parque que a Igreja viu que o fenômeno estava nas mãos de quem não é realmente Igreja” (PADRE. Idade: 35 anos em 2011.).

Nóbrega (2000) problematiza esta disputa ao trazer o discurso do padre Luciano, que atualmente está em Roma, em uma entrevista concedida à autora no dia 20 de fevereiro de 1997:

Padre Luciano explicou o porquê dessas missas celebradas fora da Cruz da Menina depois da construção do Parque:... **a igreja temia, por parte do governo, que a coisa pudesse servir politicamente e nós discordarmos do modo como os políticos fazem as coisas...** Essa anúncio transferiu para um outro território o sentido da disputa, agora colocada entre o governo do Estado e a Diocese de Patos, com a construção do Parque-turístico religioso. Talvez, esse deslocamento da disputa se desse pelo fato da Igreja não ter o interesse de afastar fiéis (NÓBREGA, 2000, p. 167. Grifos da autora).

Disputa esta que se perdura até os dias de hoje, pois o terreno onde está localizado o Parque é propriedade do Governo do Estado, foi ele quem indenizou as famílias residentes e proprietárias do sítio Trapiá. Neste sentido, a Igreja tem reivindicado que o Estado assine um comodato de cem anos, autorizando que a Igreja possa realizar investimentos no Parque visando sua ampliação. O que para nós consiste em uma reivindicação pela posse da área do Parque. O pároco da igreja Nossa Senhora das Dores fala sobre esta tensão entre Igreja de Patos e a Prefeitura/ Governo do Estado, informando as reivindicações realizadas pela Igreja:

A dificuldade é a administração. Porque o Estado fez aquele monumento e não gerencia, entendeu? Então houve um tempo em que o Estado praticamente abandonou, a prefeitura tomou conta, depois a própria prefeitura viu que não havia condições de gerenciar porque é uma questão que remete ao religioso e tem que ter a vida religiosa pra que o Parque aconteça, então houve uma parceria com a igreja, para que a igreja pudesse administrar o Parque. Então, hoje, o Parque é administrado pela Paróquia, mas não recebe ajuda de nenhuma entidade, nem do Estado nem da prefeitura. Então, fica difícil manter um monumento daquele porte somente com as ofertas das pessoas que vão lá, fazer as promessas e

pagar as graças alcançadas. É difícil administrar com estas ofertas teria que ter uma ajuda do governo estadual, do governo municipal, um quadro de funcionários, renovação da estrutura física está envelhecendo e, é... A Igreja administra, mas o Parque não é da igreja, é do Estado. (...) A gente tem vários pensamentos, um é abrir a igreja Nossa Senhora das Dores para dentro do Parque, pra que a igreja não fique isolada do Parque, que até hoje é isolada, né? (...) a gente só pode abrir a igreja pro Parque se houver uma parceria, pois a rua é da prefeitura, o Parque é do Estado e a igreja é da Diocese. Tem que haver uma parceria dessas três instâncias (PADRE. Idade: 35 anos em 2011.).

Deste modo, a Igreja Católica de Patos resolver administrar o Parque e “acolher” a devoção, ultrapassa as questões locais da devoção e se inscreve dentro do contexto nacional, onde a tradição é acionada pela Igreja para garantir sua hegemonia sobre o campo religioso brasileiro.

Carlos Alberto Steil ainda ao problematizar tal aproximação entre a devoção popular e o catolicismo romanizado no culto ao Bom Jesus da Lapa escreve:

O encontro entre o catolicismo romanizado e o catolicismo tradicional popular no contexto do santuário de Bom Jesus da Lapa não pode ser focado fora do movimento de reinvenção da nação brasileira através da ampliação dos símbolos católicos para uma *totalidade* política. Não estamos diante de uma simples polarização entre os dois sistemas religiosos, mas de múltiplas tensões, onde aqueles que disputam o controle do sagrado estão referidos em suas ações a contextos políticos e sociais que são acionados nas disputas locais. De forma que os dois polos, o dos romanizadores e o da *tradição*, ao se ajustarem às situações novas que o conflito político vai produzindo, reinventam o culto ao Bom Jesus da Lapa e as romarias (STEIL, 1996, p. 236. Grifos do autor).

Concordamos, sobretudo, quando afirma não estarmos diante de uma simples polarização, pois ao contrário, desprivilegiaríamos o movimento social, a vida pulsante a qual os cientistas sociais se dedicam a estudar. A nossa pesquisa de campo possibilitou observar os movimentos que direcionam as ações dos grupos que disputam os sentidos e a direção da devoção, ajudando

a perceber a existência de uma variedade de grupos com maneiras de apreensão da realidade diferenciadas que se aproximam e se distanciam, ou seja, dentro de um processo de alianças e rupturas.

A aproximação do clero romanizado da devoção popular é marcada por um jogo entre tradicional e o moderno, entre o erudito e o popular em um processo criativo de apropriação e reapropriação. “As devoções, discursos e ideias trazidas pelos romanizadores, na verdade, foram reapropriadas no contexto das romarias e se transformam em peças fundamentais para a reinvenção da romaria do ponto de vista do catolicismo popular tradicional” (STEIL, 1996, p. 237).

Em meio a todas estas tensões e disputas a devoção permanece viva e atuante.

Mas se as transformações do campo religioso foram decisivas para que surgisse o novo, nas suas mais variadas formas e particularidades religiosas, também permitiu que o popular e o emocional, que resistiam ao monopólio e hegemonia do sistema institucionalizado, pudesse se expressar legitimamente, saindo das margens ou das sombras (STEIL, 2001, p. 117).

3.1. A devoção a Santa Francisca e os moradores de Patos

Consideramos que o Parque Turístico Religioso Cruz da Menina possui um baixo fluxo de visitas nos dias de semana por diferentes motivos, entre os quais, diante dos dados coletados, podemos apontar o fato de que a devoção faz parte do cotidiano da população que prefere frequentá-lo nos dias de grande fluxo de visitação. Por ser o Parque aberto ao turismo religioso, os moradores de Patos acabam associando-o como um lugar, sobretudo, para os turistas.

Apontamos também que os católicos ditos esclarecidos, ligados a Igreja, que em seus discursos apresentam dúvidas quanto a santidade de Francisca. Agem coerentemente com a postura dos adeptos da religião oficial, estes no que diz respeito à religiosidade, devem possuir condutas, idéias e discursos

coerentes com a idéia defendida pelo clero católico. Mesmo compreendendo que a classe econômica não é preponderante para definirmos quem são os devotos de Francisca, pois praticam a devoção pessoas dos diferentes estratos e classes sociais, sabemos da influência que o grupo exerce, tendo em vista a questão da identidade. Porém expressar dúvida em relação a santidade de Francisca não significa necessariamente que repudiam a devoção.

Carlos Rodrigues Brandão infere que esta migração da devoção popular para a Igreja erudita ocorre em função da melhoria das condições financeiras, pois o pertencimento a religião reflete diretamente na ideia de identidade:

A religião popular deixa migrarem para o domínio erudito ou mediador da *igreja* os seus sujeitos em busca de uma base religiosa para projetos pessoais de negação de uma identidade “de baixo”. Eu disse muitas páginas atrás que sobem da seita ou do sistema religioso comunitário para a igreja “de cima”, ou do saravá para a umbanda, aquelas pessoas que correspondentemente ensaiam momentos de subida do subemprego para o emprego estável e, dele, para o trabalho operário semiautônomo ou especializado. É quase inconveniente um lugar no banco da Assembleia de Deus do Belém para um desempregado á beira da miséria, ou para um mendigo “encostado” (BRANDÃO, 1980, p. 144).

Destarte, quando enfatizamos a baixa frequência de visitas no Parque nos dias de semana, e focamos os nossos diálogos com os moradores de Patos, sabendo que historicamente a Igreja Católica tem se colocado em tensão frente às devoções populares, verificamos que a maioria dos nossos interlocutores engajados em pastorais da Igreja Católica afirmaram duvidar da santidade de Francisca e, por conseguinte, visita com menos frequência o Parque²⁵. A maioria afirmou só visitar o Parque no dia de pentecostes. O que nos propiciou inferir que o trabalho do clero tem influenciado na devoção e nas

²⁵ Entrevistamos 05 romeiros e 04 evangélicos. Como também 32 moradores de Patos, dentre eles 05 da Vila Mariana. Como o nosso foco de análise é a atuação da Igreja Católica frente à devoção à Santa Francisca, estabelecemos diálogos com 03 padres, 02 freiras e o Bispo da cidade. Dentre os moradores de Patos, dialogamos com 21 católicos; 10 devotos de Santa Francisca e 11 não devotos. Destes 21; 13 são engajados em pastorais, porém só 04 destes são devotos de Santa Francisca.

visitas ao parque, o que se coaduna com a postura de um católico dito esclarecido.

Comenta o padre exatamente sobre o que comprovamos ao estabelecer diálogos com os católicos engajados. Atribuindo o distanciamento desses católicos ao resultado do trabalho do clero:

O grupo de pastoral, movimentos não tem uma devoção declarada a Menina Francisca, não tem, são mais as pessoas que não são de pastoral, de grupo, de movimento. Então as pessoas engajadas na igreja elas não tem uma devoção expressamente declarada a Menina Francisca. (...) Acho que deve ser a clareza da fé, entendeu? Não que as pessoas desvalorizem a Menina Francisca, esse povo de pastoral, movimento, mas eu acho que eles entendem que há outros meios de poder viver a sua fé, e esse dado, esse fenômeno religioso, responde mais as pessoas que não tiveram a oportunidade de fazer um curso bíblico (PADRE. Idade: 35 anos em 2011.).

A citação demonstra o interesse da Igreja em “conscientizar” o povo. Considerando os católicos que não acreditam na santidade de Francisca como católicos esclarecidos, que conhecem a bíblia e que são conscientes da necessidade da canonização²⁶ da santa e, por conseguinte, da comprovação científica dos milagres.

A maioria dos moradores da Vila Mariana também não frequenta o Parque Religioso Cruz da Menina e nem a igreja Nossa Senhora das Dores. Quando perguntamos a uma moradora da vila se as pessoas vão ao Parque e a igreja ela responde: “Não participa não, é mais televisão, e amanhecer dormindo, alevantar de madrugada, porque aqui antes do dia amanhecer o pessoal já tão pra missa do domingo, né? Ai tem à tarde, ninguém procura à tarde, vem não, agora eu graças a Deus venho, participo” (Moradora da Vila Mariana da cidade de Patos- PB. Idade: 73 anos). O pároco da igreja acrescenta quanto a esta baixa assiduidade dos moradores da Vila:

²⁶ *A Igreja Católica arroga para si a capacidade divinamente orientada, de discernir, de tempos em tempos, se esta ou aquela pessoa está entre os eleitos (ANDRADE, 2008, p. 242).*

Eles não têm devoção na Menina Francisca. Eles não têm devoção a Menina Francisca, participam pouco das atividades da Menina Francisca, é uma das comunidades menos religiosa na Paróquia, não sei a quer se deve, se ao fato de achar que tem muita gente, porque o povo vem de fora, entendeu? Um povo que sempre conviveu com essas romarias a Menina Francisca e, portanto, não acreditar, eu não sei a que se deve. Sei que é um fato a **passividade do povo que ali mora a Menina Francisca**, entendeu? Eles, porque a gente não sente vibração por eles em dizer que ali fica o santuário da Menina Francisca (PADRE. Idade: 35 anos em 2011. Grifo nosso.).

O diácono administrador da igreja Nossa Senhora das Dores, embora afirmando que os moradores da Vila Mariana possuem uma forte devoção a Menina Francisca, também comenta sobre essa passividade. Atribui essa passividade ao fato dos moradores não se reconhecerem na devoção, seria uma devoção para os romeiros. Em sua voz, os moradores compreendem a igreja Nossa Senhora das Dores conhecida como a igreja da Cruz da Menina, como um lugar para os romeiros, não um lugar para eles:

Foi uma **igreja surgida a partir dos outros, não como uma necessidade da comunidade**, mas uma igreja, que, às vezes, as pessoas pensam; - não, é a igreja pra romeiros, uma igreja pra turista isso não é uma igreja pra comunidade, a gente trabalha muito esta questão, essa evangelização, apesar de que hoje tem uma participação melhor do que tinha antes, mas uma igreja que surgiu como que pra rico, não surgiu como, não o povo daqui tem uma necessidade. É uma igreja que surgiu pra acolher os romeiros, acolher os turistas, aí a gente tem uma série de dificuldade (Diácono permanente da cidade de Patos- PB. Idade: 31 anos em 2011. Grifo nosso).

Podemos destacar outra moradora que também afirma que os moradores da Vila Mariana visitam raramente o parque, apontando como um dos motivos o fato de os políticos não zelarem pela a estrutura do parque e não valorizarem a devoção. Estes, em sua opinião, querem apenas usufruir da arrecadação do dinheiro. Aponta para os usos da devoção para os fins econômicos e turísticos:

Hoje em dia a frequência é menos é bem menos, p'ra vista do que era, a vista do que era, Ave Maria! Aí, era tão frequentado, aí logo quando começou, antes de terminar essa construção, num sabe? Aí tinha gente, no domingo, no domingo aí parecia que era festa de tanta gente que tinha, e o povo do bairro frequentava muito, mas sei lá o povo foram vendo que as pessoa que administra aí não tem um, não toca nada, sabe? Ali é só querer aquelas coisinha do cofre, aquelas micharia que cai no cofre e acabou e dizer que não dá p'ra nada, não dá p'ra nada, esse Parque, vai fazer dezesseis anos, ele nunca foi pintado! (Moradora da Vila Mariana e Devota. Idade: 57 anos em 2011).

Carlos Alberto Steil também verificou que os moradores da Lapa não tinham devoção pelo Bom Jesus, nos permitindo construir um paralelo entre a devoção do Bom Jesus da Lapa e a devoção a Santa Francisca na Vila Mariana:

A Lapa dos romeiros é o inverso da Lapa dos moradores. O romeiro faz sua peregrinação para a Lapa, como uma jornada em direção a um mundo de significado cosmológico, onde espera realizar experiências místicas e sobrenaturais, estimulado pelos mitos e histórias em torno do Bom Jesus da Lapa. Os lapenses, por sua vez, habitam a cidade como o seu mundo secular e histórico, onde criam seus filhos e tiram seu sustento. A Lapa dos romeiros é aquela onde os mitos católicos são recriados em cada evento ritual, ao passo que a dos lapenses é o espaço do cotidiano, onde é preciso se envolver com o tempo histórico. Noutras palavras, há duas Lapas do Bom Jesus, uma cosmológica, reconhecida pelos romeiros, e outra histórica, onde vivem os lapenses. A estas duas representações da cidade correspondem também uma dupla representação do Bom Jesus que é construída por cada um destes grupos (STEIL, 1996, p. 76).

Acreditamos que um dos motivos dessa relativa passividade dos moradores da Vila Mariana e também dos outros moradores de Patos em relação à devoção a Menina Francisca assemelha-se aos motivos apontados por Carlos Alberto Steil, como sendo o espaço do cotidiano e por reconhecerem a devoção como sendo para os de fora.

Observamos que alguns moradores frequentam o Parque e a igreja ao lado com assiduidade. Frequentavam ontem e continuam a frequentar hoje,

confirmando a sua devoção a Menina Francisca e, conseqüentemente, a crença na santidade da mesma. Vejamos a seqüência de perguntas e respostas:

Qual o seu local de nascimento? Eu nasci em São José das Espinharas. **Mora em Patos há quanto tempo?** Em Patos mesmo faz cinco anos. **A senhora morava onde?** Eu morava no sítio de Conceição. **Já conhecia a história da Menina antes de vir pra cá?** Já, é pertinho, é vizinho a Cruz da Menina. Onde minha mãe mora. **Aí, conhece bem a história?** Conheço! **A senhora já frequentou lá o Parque?** Já varias vezes. **Ainda frequenta?** Freqüento! **De quanto em quanto tempo você vai ao Parque?** Todos os domingos na missa, de seis horas da manhã. **Então é devota da Menina?** Sou! **Já fez alguma promessa?** Já! Minha filha já fez, a graça foi alcançada (Moradora de Patos – PB, devota da Menina. Idade: 38 anos em 2011. Grifo nosso).

Contudo, a maioria dos moradores de Patos por nós entrevistados, sobretudo, os engajados em pastorais, afirmaram não frequentar assiduamente o parque como fazia antigamente com os seus pais, e que visitam mais no dia de pentecostes e quando chega algum turista, além de apresentar dúvida a cerca da santidade de Francisca. Quando perguntamos ao morador se ele é devoto e com qual freqüência vai ao espaço da devoção, ele responde: “Não sou... Ah! Muitas vezes, às vezes quando vem uma pessoa de fora, uma amiga a gente vai lá mostrar” (Morador de Patos e católico engajado em pastoral. Idade: Não informou em 2009). Outra moradora de Patos católica, participante de uma comunidade de vida, afirma que não é devota da Menina:

Bom assim, eu não quero julgar porque não faz parte, num é? Julgamento, é uma coisa muito pessoal, é de cada um, mas pra mim, eu não tenho devoção a ela porque ela não é uma santa, ela não foi beatificada, ela não foi canonizada, ela não foi reconhecida pela Igreja. Num é? Mas muitas pessoas que acreditam, assim como o padre Cícero, num é? Assim um pouco parecida, é muitas pessoas tem essa devoção, até algumas falam que alcançaram alguns milagres através da intercessão dela (Católica engajada em pastoral. Idade: 46 anos em 2011).

A Igreja Católica, através dos trabalhos dos seus agentes religiosos, de certa forma, tem conseguido alcançar os seus objetivos quanto aos católicos engajados em grupos, movimentos e pastorais. Investindo na “conscientização” através da evangelização baseada na bíblia veicula o discurso de que a Menina é um exemplo de vida, mas que não deve ser considerada santa, por não ser canonizada, e que mesmo sendo reconhecida como santa, o devoto deve ter em mente que quem realiza milagres é Deus, os santos são apenas intercessores, mediadores.

Como é um espaço sagrado a Igreja vem facilitar a presença dos fiéis, sobretudo, dos romeiros, que nós sabemos que esta devoção a Menina Francisca vem se espalhando, vem crescendo, até que todos os domingos vem pessoas de fora para pagar as suas promessas, trazer seus votos, e agradecer a Deus suplicar as bênçãos recebidas de Deus por **intercessão** da Menina Francisca (PADRE. Idade: 46 anos em 2011).

Os agentes religiosos se posicionam focando sempre em Deus, não afirmando explicitamente ser contra a devoção, contra a santa não canonizada, quando levado a falar sobre o posicionamento da Igreja em relação à devoção popular. Afirma o bispo de Patos: “Então, a devoção a Menina Francisca, o povo a chama de santa Francisca, é uma devoção, bonita, porque como já disse ajuda as pessoas a se encontrarem mais com o sentido da vida verdadeiro que é se aproximar mais de Deus” (BISPO. Idade: 65 anos em 2011). Segundo Bourdieu:

Para tanto, tendo em vista que o princípio do efeito de consagração reside no fato de que a ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento-desconhecimento, basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos. Primeiro, porque a eficácia simbólica de que podem dispor nestas lutas depende de tais interesses e, portanto, convém-lhes politicamente **ocultar a si mesmos e aos outros seus interesses políticos** (BOURDIEU, 2011, p. 54. Grifo nosso).

Mesmo afirmando que os padres não se colocam contra a devoção, vendo como positiva, os moradores afirmam que os padres sempre os repreendem quando se referem à Francisca como santa: “Não, só se alguém chegar, e disser que alcançou uma graça, sempre tem, demais. Santa Francisca, aí sempre se debate muito sobre isto; missa de Santa Francisca? Não, é a missa de intenção a menina Francisca” (Moradora de Patos e devota. Idade: 39 anos em 2009). “Já assim, quando a gente diz: santa Francisca, eles dizem: não diga Santa Francisca, porque ela ainda não é canonizada. É Menina Francisca. Eles dizem assim” (Moradora de Patos e devota. Idade: 17 anos em 2011).

Conversando com uma moradora católica engajada em movimentos e pastorais perguntamos o que achava dos ambientes do Parque. Ela responde com uma descrição saudosista, deixando claro em seu discurso que não vai com a mesma frequência que antes ao Parque:

Quando a gente começou a frequentar, só tinha a capelinha pequena, e uma casa ao lado, o caseiro lá, era propriedade de outras pessoas, eu acho que era propriedade do pessoal da frente, Dona Elvina Caetano, e lá era daquele jeito, era só a capela e do lado tinha umas pedras que diziam que ela tinha sido jogada naquela pedra, né? Um saco tinha sido jogada ali. (...) Assim, lá não tinha aquele quartinho de colocar as peças, colocava numas caixas, a capela do mesmo jeito, desde quando foi construída a primeira vez ela ‘ta lá daquele jeitinho, era bom, **porque quando a gente ia muito**, não tinha aquelas casas, não tinha nada, **era bem, uma coisa mais discreta, era bom** (Católica engajada em Pastoral, não devota da Menina Francisca. Idade: 46 anos em 2009. Grifo nosso).

Na sequência perguntamos a razão pela qual ela não visita com frequência o Parque, e ela responde que é por possuir uma fé mais amadurecida, nos revelando que o discurso, o trabalho empreendido pela Igreja Católica tem penetrado em sua visão sobre a devoção popular:

Não tem um motivo assim, eu acho que eu ia mais quando era nova, porque tinha a influência, várias moças, o pessoal se reunia como uma forma de..., depois a gente.... e até porque a gente vai amadurecendo na fé, né? **E a gente termina achando que o que a gente tem que fazer mesmo é uma, é ler a Bíblia, amadurecer na fé, amadurecer, a sua espiritualidade amadurece, você começa a ver as coisas mais clara, sem muito misticismo, é uma coisa, você começa a ter mais conhecimento teológico, entendeu?** Aí você começa, a ter aquela coisa que você se dedicava a um certo, a tempo, você começa a se dedicar a outras, por exemplo, você começa a frequentar mais a igreja, participar de movimentos dentro da igreja, de comunidade, movimentos sociais, isso termina preenchendo o seu tempo. E também, que quando a gente é solteira, é moça, é outra coisa, você não tem responsabilidade de uma casa, de trabalho, de nada, você passa a ter, então fica mais, passa até despercebido. Num é porque você deixou por algum motivo específico, aconteceu (Católica engajada em Pastoral, não devota da Menina Francisca. Idade: 46 anos em 2009. Grifo nosso).

Outra moradora também demonstra a influência do clero romanizado moderno ao questionar a santidade de Francisca e os seus milagres, pois a moradora demarca uma oposição entre pessoas esclarecidas e não esclarecidas a cerca da religião:

É que é assim, é, bem, num tem. Existem muitas, o pessoal diz que existem muitos milagres, mas pode ser coincidência, né? Pode ser coincidência, eu vou lá, tô doente, faço uma promessa p'ra fazer uma cirurgia, p'ra ficar boa duma dor, tem várias pessoas que não fizeram promessa e ficaram boa também, né? Então, precisa um negócio mais, uma prova mais fundada em alguma coisa, mais comprovada, eu acho, agora eu também num, num, **não descreio totalmente, não, porque, até porque eu sou católica**, mas não acho, por exemplo, eu sou católica. (...) Se você usa a sua religião p'ra pessoa que acredita que, teve essa menina que sofreu que ela pode ter certos méritos, quem sou eu p'ra dizer que não? Certo? **Agora, as vezes muita gente acredita em coisa pela ignorância, da falta de conhecimento, a pessoa quando começa a ler a Bíblia, começa a se questionar mais, não é que você deixe de acreditar, abre mais os horizontes**, p'ra ver o que é realmente é crença e quando sua crença é fundada, né? Num princípio mais teológico, tem alguma explicação, mais ao mesmo tempo, eu vejo assim, p'ra esta parte de espiritualidade existe muitos mistérios que o homem não explica, né? (...) **Mas eu não desacredito, tem gente que diz que teve estes milagres, e nem posso provar que aconteceu**, agora a prova é que eu sou simpatizante e gosto é

que fui e que vou lá, se eu for para pentecostes, eu vou na capela e rezo, entendeu? Rezo p'ra ela, rezo pedindo paz, eu não vou pedir coisas, que eu sei que não tem nada haver, que as pessoas tem muita religião de troca, eu peço isso p'ra dá isso, eu peço isso p'ra pedir aquilo, e religião não é isso (...) (Católica engajada em Pastoral, não devota da Menina Francisca. Idade: 46 anos em 2011. Grifo nosso).

Contudo, mesmo com este forte trabalho religioso do clero, observamos que a maioria dos nossos interlocutores mesmo afirmando não ser devoto e não acreditar na santidade de Francisca, ainda frequenta o Parque, nos levando a considerar que essa mudança de atitude e discurso em relação à Francisca não significa que esses católicos engajados, necessariamente, desacreditem totalmente na Menina, de alguma maneira ainda vão ao Parque, sobretudo, no dia de pentecostes. Da mesma forma, outros moradores não engajados que também não vão com frequência ao Parque.

A procissão e a missa de pentecostes atraem uma grande multidão, e como já afirmamos, o fato de ser realizada no Parque Cruz da Menina tem atraído ainda mais pessoas. A maioria dos habitantes da cidade, católicos engajados e não engajados visitam o Parque nessa oportunidade. Embora, os católicos engajados afirmem ir à procissão por conta da missa, a capela da Menina permanece cheia de visitantes a manhã inteira.

Ser católico engajado já significa vivenciar uma tensão diante da devoção a Santa Francisca, pois os moradores cresceram ouvindo e vivenciando esta devoção. Ou seja, em alguns casos, o fato dos católicos engajados afirmarem não ser devotos da Menina, pode fazer parte de uma pressão proveniente do próprio lugar que ocupa. O que remete a questão de identidade, que apontamos no início.

A voz de uma moradora de Patos ilustra bem esta tensão a qual nos referimos. Mesmo não se declarando devota de Francisca vai à missa celebrada na igreja Nossa Senhora das Dores todos os domingos às seis horas da manhã, mesmo morando distante prefere participar da missa que é celebrada ao lado do Parque:

Eu e meu namorado íamos participar, mas depois, que eu me casei, já faz dez anos, aí eu só vou no horário da missa. Chego lá as cinco horas, a missa está começando. (...) É... eu não sou contra não, porque cada pessoa tem seu modo de crer, porque assim, porque você vai acender uma vela, um pedido, cada uma, é um tipo diferente de cada pessoa, naquele momento (Moradora de Patos, Católica. Idade: 48 anos em 2009).

Levando em consideração que entrevistamos os devotos e não devotos católicos da Menina/Santa Francisca, podemos afirmar que a devoção a ela se mantém viva, tanto para romeiros como para os moradores da cidade de Patos, ocorrendo algumas modificações com alguns moradores que por razões múltiplas, entre elas, a imposição de discursos e práticas provenientes da romanização por parte dos agentes religiosos católicos. Além da ideia de ser um espaço do seu cotidiano e um ponto turístico.

Quando perguntamos a católica engajada na pastoral da liturgia e ministra da eucaristia se ela é devota da Menina ela responde que não, mas na sequência afirma frequentar o Parque, embora não assiduamente:

Sou não, porque eu assim, eu não vejo, **minha fé é mais centrada no Cristo**. (...) É raro, eu ia mais quando era menor, com os pais. Quando chega alguém na minha casa, aí as pessoas dizem; ah, eu queria conhecer! **Aí eu vou com maior prazer, mostrar da minha cidade, esse ponto turístico**. Mas assim, quando tem, teve uma missa de lançamento, **eu fui, mas não é uma coisa que eu vá com frequência** (Católica engajada em Pastoral não devota da Menina Francisca. Idade: 44 anos em 2011. Grifo nosso).

Mesmo com este processo de “conscientização” impresso pela Igreja Católica na devoção e esta reelaboração impressa pelos políticos que abre a devoção para a perspectiva do turismo religioso os devotos atualizam e constroem novas maneiras de vivenciá-la, tomando como referência as suas antigas práticas. A maioria dos devotos sempre que vão ao Parque visitam a igreja ao lado ou ao contrário, associa o discurso romanizado das missas aos vinculados pela devoção a Santa Francisca. Criativamente a devoção tem a capacidade de abarcar as polifonias de vozes presentes. Steil acrescenta:

Como mostram alguns estudos recentes sobre peregrinações no contexto do cristianismo, embora o clero busque estabelecer uma única racionalidade, o culto nos santuários se caracteriza particularmente por sua capacidade de acomodar a diversidade dos discursos, rituais e das práticas que os grupos que compõem a romaria investem nesse espaço (STEIL, 1996, p. 50, Apud SALLNOW, 1987; EADE; SALLNOW, 1991; STIRRAT, 1991.).

Embora os agentes religiosos busquem manter as fronteiras entre aquilo que definem como sendo religião e o que chamam de superstições, alcançando, em sua maioria, os católicos engajados, a devoção continua viva. Como também verifica em seu estudo Steil:

Embora tenha investido fortemente contra os *cultos locais* e as lideranças que mantinham o controle sobre os santuários, a reforma romanizadora não rompeu com as concepções religiosas do catolicismo popular tradicional centrada na crença, nos milagres e na devoção aos santos. As novas devoções trazidas pelos agentes romanizadores não só existiram lado a lado com as devoções locais, mas, muitas vezes, se interpenetram num processo contínuo de ajustamentos mútuos (STEIL, 1996, p. 248. Grifos do autor).

Muitos dos devotos, sobretudo, os romeiros não destacam nos diálogos o fato da Igreja não apoiar a devoção. Quando perguntamos a estas moradoras de Patos e devotas de santa Francisca se a Igreja apoia a devoção elas afirmam que sim: “Apoiam! Só em você ver ali em pentecostes você já ver tudo. A gente não tem nem explicação. O povo acredita tanto que nem os padres ficam contra. Eu nunca escutei falar, pelo contrário apoiam” (Devota e Moradora de Patos. Idade: 35 anos em 2011). “Sim, apoia” (Jovem moradora da Vila Mariana. Idade: 17 anos em 2011).

Outra moradora ainda afirma: “Eu acho que todo mundo gosta de falar, valoriza, pede pras pessoas fazer visita lá. Todas as igrejas eles comentam, positiva a devoção, a Cruz da Menina, Santa Francisca. É uma santa muito milagrosa e poderosa” (Moradora de Patos. Idade: 59 anos em 2011). Os

devotos, portanto, caminha pela devoção, a colocando dentro das práticas do universo católico. Ser devoto de santa Francisca não está dissociado de ser católico, não ingenuamente, mas tendo em vista atender as suas necessidades.

E essa atualização dos devotos e do clero que hoje administra o parque segue ganhando novos cenários. Como os políticos atualizaram a devoção em 1993, introduzindo-a no universo da espetacularização da política e no turismo religioso, a Igreja Católica atualmente, objetiva melhorar as programações da devoção tendo em vista atrair mais turistas, e mais uma vez desvirtuando o aspecto devocional a Santa Francisca. Argumenta Steil:

Segundo Dupron, esta transposição do culto para uma linguagem turística se coloca como uma estratégia que visa “esfumar todo valor sagrado do santuário, impedindo qualquer concentração de intensidade sacra” (1967: 207). O turismo se torna, assim, uma das vias pelas quais os dirigentes reformadores buscam inscrever o santuário dentro da cultura moderna e secular. Ao invés de uma ação direta de repressão ao culto, os padres preferem agir sobre as representações que os romeiros fazem da romaria e do santuário (STEIL, 1996, p. 269-279).

Recentemente o pároco responsável pela administração do Parque trouxe um grupo da Renovação Carismática Católica (RCC) ²⁷ para administrar mais de perto²⁸ o Parque, tendo em vista incrementar a programação do Parque Turístico Religioso. Contudo, não foge aos objetivos dessa Igreja romanizada, objetivar e incrementar, obviamente, com práticas e rituais do

²⁷ Segundo Machado (1996: 46) a história da Renovação Carismática Católica (RCC) começou em 1967, na cidade norte-americana de Pittsburgh, e envolveu alunos e professores de uma Universidade de Duquesne, que se dedicaram a “buscar o Batismo do Espírito Santo” e ao desenvolvimento dos dons carismáticos, a partir de leituras das publicações pentecostais e da participação em encontros internacionais. Inicialmente denominando-se Movimento Pentecostal na Igreja Católica. Sendo interessante salientar que os grupos da Renovação Carismática, como destaca Marcos Souza (2001), tiveram dificuldades para se estabelecer no interior da Igreja Católica, pois não teria sido aceitos desde o início por todos os seguimentos da Igreja, por possuir uma prática de fé mais centrada na Bíblia, em Jesus Cristo e com forte ênfase ao Espírito Santo, só aderindo ao culto mariano, à Eucaristia e ao domínio Papal posteriormente, tendo em vista a busca da aceitação do clero Católico.

²⁸ Mais de perto, pois mesmo sendo o pároco a igreja Nossa Senhora de Fátima responsável pela a administração do Parque, esse grupo da RCC vem para administrar exclusivamente o Parque.

catolicismo clerical. O coordenador do grupo da RCC fala sobre os objetivos na direção do Parque:

Então nossa missão não é sentar somente aqui no birô administrando, mas em fim esta acolhida e evangelização também dentro do Parque, porque aqui anda muitos romeiros, precisa de uma evangelização, um acolhimento desse povo, e também nesse bairro, a gente tem essa missão tanto também em outros bairros, onde a igreja precisar a gente tá a serviço. (...)Mas aqui tem que melhorar, precisa melhorar! E é uma coisa que esta acontecendo é que aqui a gente precisa atrair mais gente, mas o Parque não tem divulgação. Então outra atividade que eu quero fazer aqui é uma grande divulgação, aqui não tem divulgação em rádio em canto nenhum, a divulgação que tem aqui é apenas boca a boca! Aqui há muito milagres atribuído a Menina, então aqui era pra ser um santuário, hoje você vê aí a Canção Nova, a gente vê ali trindade em Goiás, do Pai Eterno, aqui no Ceará, quantos romeiros, muitos romeiros e aqui, e lá não tem milagres como aqui tem, lá tem até milagres, mas os milagres atribuídos a intercessão dessa Menina, em vinte dias que eu estou aqui, eu já ouvi cada um que eu estou de boca aberta, (...). Outro pensamento que eu estou pensando é me reunir, por exemplo, aqui no bairro, no bairro não tem se quer uma pousada, então chega vinte, trinta pessoas no domingo querem almoçar não tem onde almoçar, eu já me reuni com o pessoal dos Box, mas vou me reunir com os comerciantes aqui do bairro também, e também com alguns empresários de Patos pra investir aqui, colocar pousada pra esse povo (...). E vai beneficiar todo mundo (Coordenador do grupo da RCC responsável pela administração direta do Parque. Idade: 40 anos em 2011.).

Assim, a devoção a Santa Francisca nasceu como fruto da fé da população de Patos, se configurando também como uma forma de fazer justiça diante a dominação do Major Miguel Sátyro e continua atendendo a esse povo frente a inúmeras tensões, dentre elas a imprensa pelos políticos e pela Igreja Católica, que ao se aproximar, mesmo estrategicamente, atualiza a devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos à cidade de Patos, e ao Parque Turístico Religioso Cruz da Menina para iniciar esta pesquisa sobre a devoção a Santa Francisca, cientes de que estávamos diante de um caso particular de devoção popular que possui suas especificidades nos deparamos com narrativas míticas que se modificavam cada vez que era enunciada, mesmo possuindo uma estrutura comum.

Tais narrativas, a partir das suas diferentes versões, veiculavam a mensagem que informava sobre a origem da devoção e sobre como ocorrem às práticas e ritos devocionais. Após o nosso investimento de leitura e pesquisa percebemos que a devoção é atualizada na medida em que esta memória mítica é acionada.

Consideramos que a narrativa mítica seria, portanto, o nosso ponto de partida e o elo de nossa argumentação. Ela perpassa toda a nossa análise, foi a partir da produção de suas diferentes versões que os nossos interlocutores foram nos ajudando a desvelar o universo devocional popular de Patos (PB).

Neste sentido, diante das narrativas míticas, destacamos como principais motivos que levaram e leva a população a eleger a Menina Francisca como santa: a fé da população, os milagres realizados, o martírio da qual foi vítima e o fato de o casal apontado como assassino da menina não ter sido condenado. A fé motiva a devoção, mas a interface da política e da economia destaca-se fortemente na manutenção da devoção à Menina Francisca.

A devoção vem sendo atualizada ao longo dos anos a partir das práticas devocionais, como a entrega de ex-votos, a realização de orações, acender velas, entres outras, e também de outros tipos de práticas, como a construção da capela em 1929, da construção do parque em 1993, da produção dos diferentes livros, revistas e cordéis que narram à história mítica de Francisca, entre outras. Essas práticas e ritos continuam a ser realizadas porque a memória mítica da história de Francisca possui eficácia e legitimidade.

A devoção continua, mesmo diante do *trabalho religioso* empreendido pela Igreja Católica oficial de Patos, através do qual veicula sua ideologia dominante, tendo em vista que esta Igreja objetiva atender também aos fiéis

que recorrem à devoção popular, para garantir sua hegemonia no interior do campo religioso. A devoção resiste, tendo em vista que estas tensões são constituidoras de sua própria existência. A massa popular devota da santa continua indo a missa e, sobretudo, a realizar promessas e orações frente à imagem de santa Francisca, a acender as suas velas e a deixar os seus ex-votos, etc. Não há uma polarização entre popular e oficial, há um jogo de distanciamentos e aproximações que confere vida e movimento ao Parque.

Portanto, o fato de ter ocorrido modificações na frequência de visitas ao parque, não significa necessariamente que há uma diminuição no número de devotos e que a devoção tenda a esvanecer. A devoção continua viva, são múltiplos os motivos para que ocorram as visitas ao parque.

Consideramos, por fim, que essa abordagem sócio-antropológica da devoção a Santa Francisca traz contribuições à população de Patos que se interessa pela temática, entre eles, os devotos e personalidades interessadas no desenvolvimento do potencial turístico da devoção, que veem em pesquisas como esta, a oportunidade de divulgação da devoção a Santa Francisca. Além de trazer para academia um exercício científico sobre mais uma devoção popular. E ainda uma contribuição para a literatura que se debruça sobre a Paraíba, uma vez que estamos privilegiando como objeto de análise uma devoção popular que ocorre no sertão paraibano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. In: **Projeto história**. São Paulo, nº 37, dezembro, 2008.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. In: **Estudos Avançados**, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *et al.* **A Profissão de Sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **O poder simbólico**. 13ª Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Micele. 7ª Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. Editora Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mito, rito e religião. In: **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Um estudo sobre a religião popular. Brasiliense, 1980.
- CÂMARA, Epaminondas. **Municípios e Freguesias da Paraíba**: notas acerca da divisão administrativa, jurídica e eclesiástica. SOARES, António & GERMANO, Moacir. (Org.) Campina Grande: Edições Caravela, 1997.
- _____. **A Evolução do Catolicismo na Paraíba**. Campina Grande: Edições Caravela, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **Aventura antropológica**. CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Cláudio Sousa de. **Padre Ibiapina**: A construção de um santo. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais- Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande -PB, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Editora perspectiva, 1991.
- GEERTZ, Clifford. **O ponto de vista do nativo**: a natureza da compreensão antropológica. In: **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis, Vozes, 2001.
- _____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HÉRVEIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. Émile Durkheim (1858-1917). In: **Sociologia e Religião**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- LEACH, Edmund Ronald. O Gênesis enquanto um mito. In: **Roberto Da Matta (Org). Antropologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- LEAL, V. N. **Coronelismo, Enxada e Voto O município e o regime representativo no Brasil**. [S. l.], 1949.
- LUCENA, Damião. **Revista: A Cruz da Menina**. Patos/PB.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**. Adesão religiosa na Esfera Familiar. Campinas São Paulo: Autores Associados, SP. ANPOCS, 1996.
- MATTA, Roberto da. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: **A Aventura Sociológica**. Zahar Editoras. Rio de Janeiro, 1978.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nainfy, 2003.

- MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 3º ed. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1995.
- MONTEIRO, Duglas Texeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. **IN: História geral da civilização**. Tomo III: O Brasil republicano. Sociedade e instituições. Direção de FAUSTO, Boris. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1978.
- MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. **IN: História geral da civilização**. Tomo III: O Brasil republicano. Sociedade e instituições. Direção de FAUSTO, Boris. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1978.
- NÓBREGA, Elisa Mariana Medeiros. **Retalhos de um corpo santo: a construção histórica da Cruz da Menina (1923-1995)**. Campinas, SP: 2000.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. **In: Sociologia da religião: enfoques teóricos**. TEIXEIRA, Faustino (org.). 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **In: O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- Oosterhout, Maria da Conceição M. C. Van. **A cura pela fé: crenças saberes, práticas e poderes no mundo rural do nordeste brasileiro**. Recife, 2010. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. **In: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (Orgs). Globalização e religião**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1997.
- **Processo-crime**: “Autos de ação penal da Cruz da Menina”, 1932. Juiz de Direito da Comarca de Patos: Escam Calasans.
- RODRIGUEZ, Janete Lins. (Coord.). **Atlas Escolar da Paraíba**. 2º Edição. João Pessoa: GRAFSET, 2000.
- SAINT- PIERRE, Héctor. **Max Weber: entre a paixão e a razão**. 3ª edição, Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**. Um estudo antropológico da romaria de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso**. Ciências Sociales y Religión Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 115-129, 2001b.
- SOUZA, Marcos Eliezer da Silva. Contradição básica da Renovação Carismática Católica: continuidade ou ruptura? **In: Revista Científica da UFFA**. Edição nº 01, março, 2001.
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **In: REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.
- VELHO, G. “Observando o Familiar”. **In: Individualismo e Cultura**. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VIANA, Ivontonio Gomes. Uma santa e seu processo de santificação: Fragmentos de um estudo acerca do imaginário religioso do fenômeno d’a Cruz da Menina – Patos (PB). **In: Revista Antropológicas**. Ano V, v. 11. Série Imaginário, Recife, 2000.
- WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. **In: COHN, Gabriel (Org.). Max Weber**. Coleções Grandes Cientistas Sociais. 6º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns problemas. **In: Aventura antropológica**. CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SITES

- <http://www.patos.pb.gov.br/> Acesso: 6 de outubro de 2008.
- <http://www.patosemrevista.com/historico.html> Acesso: 6 de outubro de 2008.
- BACON, Francis. **Novum Organum**. 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/norganum.html>>. Acesso: 7 janeiro 2009.
- http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf Acesso: 15 de fevereiro de 2009
- <http://www.skyscraperlife.com/brazil/19696-patos-pb-thread-exclusivo-bonus-paisagens-exoticas-do-sertao-paraibano.html> Acesso: 15 de fevereiro de 2009.
- <http://wikimapia.org/1172065/pt/Patos-PB>. Acesso: 11 de outubro de 2009.
- <http://www.acidigital.com/fiestas/semanasanta/sexta.htm>. Acesso: 11 de dezembro de 2009.
- <http://www.acidigital.com/fiestas/semanasanta/sabado.htm>. Acesso: 11 de dezembro de 2009.
- <http://www.acidigital.com/fiestas/semanasanta/pascoa.htm>. Acesso: 11 de dezembro de 2009.

ANEXOS

Tabela - Perfil dos entrevistados

Gênero	Idade	Morador Vila Mariana - Patos	Morador de Patos.	Católico	Engajado em Pastoral	Devoto	Romeiro	Clero	Evangélico
1- Fem.	50	X	X	X	X	X			
2- Fem.	51		X	X		X			
3- Fem.	49						X		
4- Fem.	15						X		
5-Fem.	39			X		X			
6- Fem.	72						X		
7-Fem.	40						X		
8- Fem.	70						X		
9- Fem.	46								X
10- Fem	47		X	X	X	X			
11- Mas			X	X	X	X			
12-Fem	25		X	X		X			
13- Fem	34	X							X
14- Mas	43								Pastor
15-Fem	46		X	X	X	X			
16- Mas*			X	X	X				
17-Mas	31							Padre	
18- Mas	46							Padre	
19-Mas	35							Padre	
20-Mas	41		X	X	X	X			
21-Fem	34		X	X	X	X			
22- Mas	40		X	X	X				
23-Fem	39		X	X	Universidade. **	X			
24- Mas	55							Bispo	
25-Mas	30			X	X Coord. Shalon***				
26- Fem	35****		X	X		X			
27- Fem	57	X		X	X	X			
28- Fem	98		X	X					

29-Fem	44		X	X	X				
30-Fem	92					X		Freira	
31-Fem	17	X		X	X	X			
32-Mas	36		X						X
33-Fem	73	X		X		X			
34-Fem	59		X	X		X			
35-Fem	43		X	X	X Shalon				
36-Fem	42							Freira	

* Realizei duas entrevistas com a mesma pessoa.

** Afirma duvidar da santidade da Menina após a inserção na universidade.

*** Comunidade Shalon é uma comunidade de vida Renovada no Espírito Santo que nasce da Renovação Carismática embora não faça mais parte dela.

**** A filha também participou do diálogo.

Resumo da Tabela

Total: 36 Entrevistados.

- **Idade: Menores de 20 anos:** 02

De 21 a 40 anos: 12

De 41 a 60 anos: 15

De 61 a 94 anos: 04

Não informaram a idade: 03

- **Gênero:** 11 Homens.

25 Mulheres.

- **Moradores de Patos:** 32

Moradores da Vila Mariana: 05 - 04 devotos e 01 evangélico*.

- **Romeiros:** 05

- **Evangélicos:** 04

- **Clero:** 03 Padres; 02 Freiras**; Bispo.

- **Católicos:** 21

Devotos: 10

Não devotos: 11

Engajados em pastorais: 13. Desses apenas 04 se declaram devotos. ***

*Porém, não representa que na Vila Mariana a maioria seja devota, este questionavam a baixa devoção da população. Chegamos a esses informantes por uma interlocutora devoto e que trabalha no Parque Cruz da Menina.

**As freiras demonstram considerar a menina Santa. Das duas entrevistas, uma se declarou devota.

***Acreditamos que ser engajado em pastoral influencia para afirmar que não é devoto.

Roteiros pré-estruturados de Entrevistas

Roteiro aplicado a todos no primeiro momento

- 1- Pode se identificar: nome, idade, instrução escolar e profissão?
- 2- Você conhece a história da Menina Francisca?
- 3- Pode relatar a história?
- 4- Como você conheceu?
- 5- Reside em Patos?
- 6- É a primeira vez que vem a Patos?
- 7- É devoto da Menina?
- 8- Porque, quando e como foi o seu primeiro contato com a Cruz da menina?
- 9- O que lhe fez se identificar (gostar, o que chama a sua atenção) com a história da Menina Francisca?
- 10- Sabe em que momento ou contar como as pessoas começaram a visitar a capela?
- 11- Sabe em que momento o Parque foi construído?
- 12- O que significa o santuário para você?
- 13- É importante?
- 14- Você visita o Parque?
- 15- Com que frequência?
- 16- Está presente no seu cotidiano?
- 17- O que representa aqueles ambientes que existem no Parque para você?
- 18- O que você sente ao entrar nos ambiente do Parque?
- 19- O que você acha que significa o Parque para os patoenses?
- 20- Está presente no cotidiano dos patoenses?
- 21- O que você acha das lojas no Parque?
- 22- Como Você observa o Parque Cruz da Menina dentro do cenário regional, no Sertão paraibano?
- 23- É no cenário nacional?
- 24- Como a Igreja Católica ver a devoção à Santa Francisca?
- 25- Sabe quem são os responsáveis pela a administração do Parque, sempre foi?

Políticos

- 1- Qual seu nome, idade, profissão? Qual o seu local de nascimento? Se nascido em Patos, como era a cidade à época da sua infância, adolescência e agora. Se nascido em outra localidade, quando veio para cá? Percebe mudanças?
- 2- Gostaria que o senhor (a) falasse um pouco da cidade de Patos?
- 3- Como Patos se apresenta no contexto do sertão paraibano?
- 4- Ao falar de Patos o que vem a sua mente?
- 5- Já realizou ou realiza algum trabalho com a Cruz da Menina?
- 6- Você é de uma família religiosa? Você é religioso? Qual é o seu vínculo atualmente com a religião? Se é católico, como vê a devoção à menina?
- 7- Qual a importância do Parque Cruz da Menina para Patos?

- 8- Como o senhor (a) observa o Parque Cruz da Menina dentro do cenário regional e no nacional?
- 9- O que o senhor (a) acha que o Parque significa para os patoenses, pelo prisma econômico e pelo prisma religioso?
- 10-Como o senhor (a) vê a devoção à menina Francisca?
- 11-A devoção está presente no cotidiano dos patoenses?
- 12-O Parque recebe visita de quem?
- 13-Por que o Senhor (a) acha que eles vão visitar a Cruz da Menina?
- 14-O que o senhor (a) acha das lojinhas existentes no Parque?
- 15-Os padres da igreja gostam do culto à cruz da menina?
- 16-Quem são os responsáveis pela administração do Parque, sempre foram?
- 17-Você sabe ou faz ideia de quando, como e por que as pessoas começaram a visitar a menina Francisca?
- 18-O senhor (a) já visitou o Parque? Visita ainda hoje?
- 19- (Se a resposta indicar que sim) O senhor(a) é devoto da menina Francisca?
- 20-O que significa o Parque Cruz da Menina para o senhor (a)?
- 21-O que chama a sua atenção na história da menina Francisca?
- 22-O que o senhor acha da grande festa que é montada do lado de fora do Parque no dia de pentecostes?
- 23-O (a) Senhor (a) tem ideia de como surgiu, em que período, quem estavam envolvidos no processo de formação da vila Mariana?
- 24-A igreja, a devoção à menina Francisca foi importante neste processo?
- 25-Como é conhecida a vila Mariana? É por vila Mariana mesmo?
- 26-A Vila Mariana é um bairro que apresenta índices de violência?

Padres e Freiras

- 1- Qual seu nome, idade, local de nascimento, tempo de permanência em Patos e na região?
- 2- Gostaria que o senhor(a) falasse um pouco sobre a cidade de Patos?
- 3- Como Patos se apresenta no contexto do sertão paraibano?
- 4- Ao falar de Patos o que vem a sua mente?
- 5- Como a Igreja católica vê o culto à menina Francisca?
- 6- A igreja é a favor do culto à Menina Francisca?
- 7- Existe um processo de canonização da menina?
- 8- Qual a importância do Parque Cruz da Menina para Patos? E para a Igreja Católica?
- 9- Como o senhor (a) observa o Parque Cruz da Menina dentro do cenário regional e no nacional?
- 10-O que o senhor (a) acha que o Parque significa para os patoenses?
- 11-Como o senhor (a) vê a devoção a menina Francisca?
- 12-A história da menina Francisca lembra alguma passagem bíblica?
- 13-A devoção está presente no cotidiano dos patoenses?
- 14-Por que rezar uma missa nos dias doze de cada mês? Por que no interior do Parque? O senhor sabe quando se começou a rezá-la?
- 15-Por que a missa de pentecostes é realizada no Parque?
- 16-O senhor (a) tem ideia de quem são os visitantes do Parque?

- 17-Por que o senhor (a) acha que eles vão visitar a Cruz da Menina?
- 18-O que acha das lojinhas existentes no Parque?
- 19-Quem são os responsáveis pela administração do Parque, sempre foram?
- 20-Quando e como e porque as pessoas começaram a visitar a menina Francisca?
- 21-O senhor(a) visita o Parque? Enquanto agente religioso? Ou como devoto?
- 22-O que significa o Parque Cruz da Menina para o senhor (a)?
- 23-O que chama a sua atenção na história da menina Francisca?
- 24-O que acha da grande festa que é montada do lado de fora do Parque no dia de pentecostes?
- 25-Porque foi construída a Igreja Nossa Senhora das Dores ao lado do Parque?
- 26-O (a) Senhor (a) tem ideia de como surgiu, em que período, quem estavam envolvidos no processo de formação da vila Mariana?
- 27-A Igreja e a devoção à menina Francisca foi importante neste processo?
- 28-Como é conhecida a vila Mariana? É por vila Mariana mesmo?
- 29-A Vila Mariana é um bairro que apresenta índices de violência?
- 30-Existem outras igreja e religiões na vila, ou seja, existem protestantes, espíritas, adeptos do candomblé, entre outros?

- 1- Data e local de nascimento
- 2- É de família católica?
- 3- A família apoio a sua escolha de ser padre?
- 4- Há quanto tempo o senhor é padre?
- 5- E na cidade de Patos?
- 6- O que o senhor acha da cidade, da população?
- 7- Como o senhor ver a religiosidade do povo de Patos?
- 8- Antes de vir a cidade o senhor já conhecia a história da Menina?
- 9- Como o senhor ver a importância dessa devoção para a população de Patos?
- 10- E como o senhor ver a criação do Parque Religioso?
- 11- Como tem sido a administração da igreja?
- 12- Como o senhor ver a importância do Parque para os moradores da Vila Mariana? E a capela Nossa senhora das Dores foi criada para atender a eles?
- 13- Por que a festa de pentecostes é realizada no Parque?
- 14- Como tem sido a participação dos moradores da Vila Mariana na devoção a Menina?
- 15- O apoio da Igreja a devoção a Menina foi desde o início?
- 16- Para o Senhor o que a Menina representa para os moradores de Patos?
- 17- Por que do nome Nossa Senhora das Dores a capela ao lado do Parque?
- 18- Existe algum processo de beatificação da Menina?
- 19- Como a igreja ver o fato de ser uma devoção popular, a questão dos votos e etc?

Romeiros e moradores de Patos

- 1 - Qual seu nome, idade, instrução escolar, profissão? Local de nascimento, local de residência atual.

- 2 - É a primeira vez que vem a Patos?
- 3 - O (a) Senhor (a) é adepto de qual religião?
- 4 - Se católico, é engajado em Pastoral?
- 5 - Já frequentou outras religiões?
- 6 - O senhor(a) conhece a história da Menina Francisca? Conte um pouco sobre ela.
- 7- história lembra alguma passagem da bíblia?
- 8 - Como senhor(a) conheceu a história ou a devoção à cruz da menina?
- 9 - É devoto (a) da menina Francisca?
- 10- Pode contar uma graça alcançada ou sobre uma promessa feita, sua ou que ouviu contar?
- 11- Porque, quando e como foi o seu primeiro contato com a Cruz da menina?
- 12- Por que o senhor(a) vem visitar a Cruz da Menina?
- 13- Sabe um pouco em que momento o Parque foi construído?
- 14- O que significa o Parque para o senhor(a)? É importante?
- 15- Com que frequência vem ao Parque?
- 16- Está presente no seu cotidiano?
- 17- O que representa aqueles ambientes que existem no Parque para o (a) senhor(a)?
- 18- O que o (a) senhor (a) acha que significa o Parque para os Patoenses?
- 19- Está presente no cotidiano dos patoenses?
- 20- O que acha das lojas no Parque?
- 21- O que o (a) senhor (a) acha da grande festa que é montada do lado de fora do Parque no dia de pentecostes?
- 22- Como a Igreja Católica vê a devoção à menina?
- 23- Sabe quem são os responsáveis pela a administração do Parque, sempre foram?
- 24- O que lhe fez se identificar (gostar, o que chama a atenção) com a história da Menina Francisca?

(Se morador de Patos)

- 1- O (a) Senhor (a) tem ideia de como surgiu, em que período, quem estavam envolvidos no processo de formação da vila Mariana?
- 2- A igreja, a devoção à menina Francisca foi importante neste processo?
- 3- Como é conhecida a vila Mariana? É por vila Mariana mesmo?
- 4- A Vila Mariana é um bairro que apresenta índices de violência? Como a vila é vista pelos patoenses residentes em outros bairros?
- 5- (Para os não moradores da vila) A Vila Mariana é um bairro que apresenta índices de violência? Como o (a) Senhor (a) vê a Vila, é um bom lugar para residir?
- 6- Existem outras igreja e religiões na vila, ou seja, existem protestantes, espíritas, adeptos do candomblé, entre outros?